



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIDADES, TERRITÓRIOS E  
IDENTIDADES**

**LORENA LOPES DE FREITAS**

**A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DOS ESTUDANTES DO CURSO DE  
LETRAS-ESPANHOL POR MEIO DA LITERATURA DE RESISTENCIA E  
FEMINISTA**

**ABAETETUBA  
2020**

**LORENA LOPES DE FREITAS**

**A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DOS ESTUDANTES DO CURSO DE  
LETRAS-ESPANHOL POR MEIO DA LITERATURA DE RESISTENCIA E  
FEMINISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades – PPGCITI/Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA, Linha de Pesquisa Identidades: Linguagens, Práticas e Representações, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre, orientada pela Profa. Dra. Joyce Otânia Seixas Ribeiro.

**ABAETETUBA  
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

L864c Lopes de Freitas, Lorena

A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DOS  
ESTUDANTES DO CURSO DE LETRAS-ESPANHOL POR MEIO  
DA LITERATURA DE RESISTENCIA E FEMINISTA /

Lorena Lopes de Freitas. — 2020.

117 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Joyce Otânia Seixas Ribeiro Dissertação  
(Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em

Cidades, Territórios e Identidades, Campus Universitário de Abaetetuba,  
Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2020.

1. constituição de identidades. I. Título.

CDD 378.198

---

**LORENA LOPES DE FREITAS**

**A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DOS ESTUDANTES DO CURSO DE  
LETRAS-ESPANHOL POR MEIO DA LITERATURA DE RESISTENCIA E  
FEMINISTA**

**Data de avaliação:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Situação:** \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

**Prof. Dr. Fernando Zolin Vesz**  
(Membro externo – PPGEL/ UFMT)

---

**Prof. Dr. Dedival Brandão da Silva**  
(Membro interno – PPGCITI /UFPA)

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joyce Otânia Seixas Ribeiro**  
(Orientadora)

A minha família pelo incentivo e apoio ao meu sonho de construir uma carreira universitária.

## **AGRADECIMENTOS**

**Agradeço, primeiramente a Deus, pela segunda oportunidade que este me concedeu em fazer o mestrado, me proporcionando mais conhecimento para que eu consiga lidar com as situações da vida tanto profissional como pessoal.**

**Agradeço aos meus pais, Rui e Diva, que sempre estiveram ao meu lado, me possibilitando estudar e buscar minhas melhoras. Eu amo muito vocês e sei que aonde minha mãe estiver, vai sempre me abençoar e guiar meus passos.**

**Agradeço a grande benção que tenho na vida, minha filha Maria Alice, a joia mais preciosa que eu poderia ter um dia. Ela, indiretamente, me dá força todos os dias para eu continuar minha jornada na terra, até o dia do fim de minha missão.**

**Agradeço a minha orientadora, Joyce Ribeiro, pelos conhecimentos e as pressões que muitas vezes precisamos para crescer na vida. Muito obrigado.**

**E por fim, agradeço a todos meus amigos que de uma forma ou outra me incentivaram a não desistir de meus sonhos. Ao professor Marco Chandía e a professora Anne Leticia Barros que me permitiram adentrar suas aulas para eu fazer minha pesquisa. Muito obrigada, vocês, assim como os estudantes das turmas de 2016 e 2017 sempre terão um espaço no meu coração.**

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado apresenta o seguinte problema de pesquisa: como têm sido constituída as identidades dos Estudantes do curso de Letras-Espanhol, do Campus de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará? Considerando isto, o objeto de estudo é a constituição de identidades, e o objetivo geral é analisar a constituição de identidades dos estudantes do curso de Letras-Espanhol, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará. Os objetivos específicos são: cartografar os elementos culturais que constituem as identidades dos alunos do curso de Letras-Espanhol; mapear as identidades estudantis constituídas no curso de Letras-Espanhol, relacionando-as com a docência; refletir sobre as identidades dos Estudantes do curso de Letras-Espanhol, a partir dos elementos que a constituem. Para a abordagem teórica sobre Identidades, cultura e Estudos Culturais utilizei autores como Hall (2003,2006), Da Silva (2003), Larraín (2005), Williams (1992), Eagleton (2011), Woodward (2003), Escosteguy (2004), e Johnson (2004). Realizei pesquisa etnográfica por sete meses, na abordagem pós-moderna de Clifford (2016, 2002), desenvolvendo observação participante no curso de Letras-Espanhol, Campus de Abaetetuba/UFPA, e conversações com um grupo de alunos/as das turmas 2016 e 2017. Como resultado, aponto que as identidades desses estudantes se constituem por meio de diversos elementos culturais como a música, os vídeos, porém a Literatura se destaca nesse processo, principalmente a feminista e de resistência, pois permite conhecer mais a sociedade em que vivem particularmente os problemas das diferenças culturais e a condição feminina, tornando-os críticos, reflexivos e tolerantes; estes aspectos têm efeitos na sua formação como professores de língua espanhola.

**Palavras-Chaves:** Cultura. Identidade. Curso de Letras-Espanhol. Literatura de Resistência e Feminista.

## RESUMEN

Esta tesis de maestría presenta el siguiente problema de pesquisa: cómo ocurre la constitución de las identidades de los estudiantes del curso de Letras-Español, del Campus de Abaetetuba, de la Universidade Federal do Pará? Considerando eso, el objeto de estudio es la constitución de identidades, y el objetivo general es analizar la constitución de las identidades de los estudiantes del curso de Letras-Español, del Campus de Abaetetuba, de la Universidade Federal do Pará. Los objetivos específicos son: cartografiar los elementos culturales que constituyen las identidades de los alumnos del curso de Letras-Español; mapear las identidades estudiantiles constituidas en el curso de Letras-Español; hacer una reflexión de las identidades de los estudiantes del curso de Letras-Español, a partir de los elementos que la constituyen. Para el abordaje teórico sobre Identidades, cultura y Estudios Culturales utilizaré autores como Hall (2003,2006), Da Silva (2003), Larraín (2005), Williams (1992), Eagleton (2011), Woodward (2003), Escosteguy (2004), e Johnson (2004). Realicé pesquisa etnográfica por siete meses, en el abordaje postmoderna de Clifford (2016, 2002), desarrollando la observación participante en el curso de Letras-Español, Campus de Abaetetuba/UFPA, y las conversaciones con un grupo de alumnos de los años 2016 y 2017. Como resultado, tengo que las identidades de esos estudiantes se constituyen por medio de muchos elementos culturales como la música, los videos, sin embargo la literatura se destaca con mayor frecuencia en este proceso, principalmente la feminista y de resistencia, pues permite conocer más la sociedad en que viven, particularmente los problemas de la diferencias culturales a las condiciones femenina, los volviendo críticos, reflexivos y tolerantes, y este aspecto tiene efectos en su formación como profesores de lenguas.

**Palabras-Claves:** Cultura. Identidad. Curso de Letras-Español. Literatura de Resistencia y Feminista.



## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 – Estudantes do Grupo de Espanhol/2016.....	33
Figura 2 – Estudantes do Grupo de Espanhol/2017.....	33
Figura 3 – Estudantes do Curso de Letras-Espanhol 2017.....	38
Figura 4 – Alunos do Grupo de Pesquisa José Martí.....	42
Figura 5 – Filmes já divulgados e trabalhados pelos estudantes do Grupo Cultural José Martí.....	45
Figura 6 – Espaço destinado às atividades culturais do Projeto José Martí.....	47
Figura 7 – Mesa de comunicação do Evento Cultural José Martí.....	48
Figura 8 – Faculdade de Ciências da Linguagem onde funciona o curso de Letras-Espanhol.....	52
Figura 9 – Cidade de Abaetetuba.....	57
Figura 10 – Beira – Feira de Abaetetuba.....	59
Figura 11- Mural com o nome e os polos do Campus Universitário de Abaetetuba.....	63
Figura 12 – Espaço verde decorado no Campus Universitário de Abaetetuba.....	64
Figura 13 – Meio de Transporte utilizado pelos estudantes do Campus de Abaetetuba.....	65
Figura 14 – Campus Universitário de Abaetetuba.....	66
Figura 15 – - Monumento do homem carregando cana.....	67
Figura 16 – - Frente do Laboratório de Linguagem.....	68
Figura 17 – Frente da Biblioteca do Campus de Abaetetuba.....	68
Figura 18 – – Mapa de Localização dos Blocos do Campus Universitário de Abaetetuba.....	69
Figura 19 – Estudante do grupo de Letras-Espanhol 2016 apresentando comunicação.....	107

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>SEÇÃO I – PESQUISA ETNOGRÁFICA NOÇÃO, PRÁTICAS E SUJEITOS ....</b>	<b>19</b>
1.1 Algumas considerações sobre a Etnografia pós-Moderna.....	19
1.2 Os sujeitos da pesquisa na Etnografia Pós-Moderna.....	25
1.3 A observação participante na Etnografia Pós-Moderna.....	27
1.4 Outras questões referentes a Etnografia Pós-Moderna .....	30
<b>SEÇÃO II – O CURSO DE LETRAS-ESPANHOL DO CAMPUS DE ABAETETUBA.....</b>	<b>32</b>
2.1 Os Estudantes do curso de Letra-Espanhol.....	32
2.2 Os elementos culturais em movimento no curso de Letras-Espanhol.....	35
2.3 O Curso de Letras-Espanhol do Campus Universitário de Abaetetuba.....	52
2.3.1 Os professores do Curso de Letras-Espanhol .....	55
2.4 A cidade de Abaetetuba .....	57
2.5 Campus Universitário de Abaetetuba.....	63
<b>SEÇÃO III - LITERATURA DE RESISTÊNCIA E FEMINISTA NA CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES DOS ESTUDANTES DO CURSO DE LETRAS-ESPANHOL. ....</b>	<b>70</b>
3.1 Identidades: algumas noções .....	70
3.2 A identidade e sua relação com a cultura .....	90
3.3 Literatura: aspectos teóricos.....	95
3.4 Literatura e estudos culturais .....	99
3.5 Literatura e a arte de resistência .....	102
3.6 Crítica literária feminista .....	104
3.7 Literatura e constituição de identidades dos estudantes do curso de Letras-Espanhol.....	106
<b>CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS.....</b>	<b>108</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>115</b>

## INTRODUÇÃO

O tema identidade tem sido trabalhado bastante no que concerne os estudos relativos a fenômenos sociais contemporâneos, sendo fundamental para melhor compreensão de práticas singulares ou coletivas, desencadeadas na atualidade. Com caráter pessoal, a identidade organiza a ação individual, e no plano social, as identidades das pessoas mostram-se como a percepção de si mesmas dentro de um ou vários grupos, e, nesse sentido, direcionam os movimentos, refletindo a ação grupal.

Segundo Hall (2006) identificação é constituída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. Em contraste como naturalismo, a abordagem discursiva permite observar a identificação como uma construção, como um processo nunca completado, como algo sempre em processo, nunca sendo determinada, no sentido que podemos ganhá-la ou perdê-la, podendo ser sustentada ou abandonada.

A partir dessas ideias de identidade não acabada, houve a necessidade de pesquisar sobre o processo de constituição das identidades entre os estudantes do Curso de Letras-Espanhol, do ano de 2016 e 2017, do Campus Universitário de Abaetetuba, tomando a cultura como o processo de constituição, procurando em seus elementos, algo que levasse a entender a questão de como esses futuros professores de línguas estão realmente se modificando, principalmente em relação à formação docente.

Minha experiência como professora de língua espanhola também me levou a pesquisar sobre a questão da constituição das identidades dos estudantes do Curso de Letras-Espanhol, devido perceber que muitos não estavam satisfeitos com seu desempenho, ou terminavam sem realmente ter certeza e segurança naquilo que estavam se formando, muitas vezes, optando em fazer outro curso depois de se graduar em língua espanhola. Isso me chamou muito a atenção pelo fato, que também somos responsáveis pela formação pedagógico-cultural destes estudantes.

Esta pesquisa ocorreu no Campus Universitário de Abaetetuba, na Faculdade de Ciências da Linguagem, onde funciona o curso de Letras-Espanhol; este já formou mais de cem alunos para lecionar a língua espanhola nas escolas públicas, tanto do Baixo Tocantins, como de outras microrregiões. O objetivo do curso está pautado na formação deste

profissional, no aspecto gramatical como também no literário cultural, levando em consideração o conhecimento de outra língua para assim saber lidar e conviver com outras pessoas de nossos países vizinhos e europeus, ou seja, as que vivem na América Latina, próximo ao Brasil, e na Espanha.

Durante a pesquisa etnográfica que durou sete meses, pude perceber que os estudantes se utilizam de diversos elementos culturais para constituir identidades, e para melhorar seu conhecimento sobre a língua espanhola. Essa situação é bem evidente nos estudantes da pesquisa quando eles mostram os diversos elementos utilizados para desenvolver a língua, como: música, vídeos, séries que são passados por meio da tecnologia, de portais e outros aplicativos, além do uso da Literatura, especialmente a Literatura Feminista e de Resistência que conseguem por meio de *sites* de vendas pela *internet*, assim como pelos aplicativos que baixam livros completos, de maneira rápida, mostrando com isso, o grande poder da tecnologia nas suas vidas.

Em razão disso, a problemática de pesquisa levou a estruturação da pergunta-problema que é: “como vem sendo constituídas as identidades dos Estudantes do curso de Espanhol, do Campus de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará?” Considerando este questionamento, o objeto de pesquisa é a constituição de identidades.

Tem se como objetivo geral analisar a constituição de identidades dos estudantes do curso de Letras-Espanhol, do Campus de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará. Objetivando mais especificamente, cartografar os elementos culturais que constituem as identidades dos alunos do curso de Letras-Espanhol; mapear as identidades estudantis constituídas no referido curso e refletir as identidades desses Estudantes, a partir dos elementos que as constituem.

Esta pesquisa se encontra situada no aporte teórico dos Estudos Culturais, dialogando com autores e autoras que discutem em relação a cultura e a constituição de identidade, entre os quais, Stuart Hall (2003,2006), Tomaz Tadeu da Silva (2003), Katherine Woodward (2003), Escosteguy (2003), Castells (1999), Williams (1992), Johnson (2004), e Jorge Larraín (2005).

Ao discutir os aspectos relacionados aos Estudos Culturais dentro do processo de constituição de identidades, vale começar esse trabalho se referindo ao conceito de Estudos Culturais e sua importância. Na visão de Johnson (2004) a codificação de métodos ou de conhecimentos vai contra alguma das principais características dos Estudos Culturais que seria sua abertura e versatilidade teórica, seu espírito reflexivo e, especialmente, a importância da crítica, como o conjunto de procedimentos pelos quais outras tradições são abordadas tanto pelo que elas podem contribuir quanto pelo que elas podem inibir. Deste ponto de vista, segundo o autor, “os Estudos Culturais são um processo, uma espécie de alquimia para produzir conhecimento útil: qualquer tentativa de codificá-los pode paralisar suas reações” (JOHNSON, 2004, p. 11).

Outra seria que a cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas vontades, sendo a terceira em que a cultura não é um campo autônomo nem extremamente determinado, mas um local de diferenças e lutas sociais. Outras críticas, conforme Johnson (2004) tem se apresentado bastante filosófica, em que os Estudos Culturais tem se destacado, no contexto mais britânico, por sua preocupação com a teoria, mas seu grau de conexão com a Filosofia não tem sido óbvio, pois existe um parentesco bastante próprio entre problemas e posições epistemológicas como, por exemplo, o empirismo, realismo e idealismo e as questões chave da teoria cultural, como por exemplo, economicismo, materialismo ou o problema dos efeitos específicos da cultura.

Johnson (2004, p. 20) coloca que “(...) Para mim, boa parte das fortes continuidades da tradição dos Estudos Culturais está contida no termo singular cultura, que continua útil não como uma categoria rigorosa, mas como uma espécie de síntese de uma história.”, ou seja, sua referência em particular, seria o esforço para retirar o estudo da cultura do domínio pouco igualitário e democrático das formas de julgamento e avaliação que, colocadas na parte da “alta cultura” lançam um olhar de condescendência para a não cultura das massas. Além de existir por detrás dessa definição intelectual um padrão político, algo de menos consistência, uma continuidade que vai desde a primeira “Nova Esquerda” e a primeira campanha para o Desarmamento Nuclear, até os eventos do pós-1968. De acordo com o autor, temos a seguinte afirmação:

Este sentimento de uma conexão entre o trabalho intelectual e o trabalho político tem sido importante para os Estudos Culturais. Significa que a pesquisa e a escrita têm sido políticas, mas não em qualquer sentido pragmático imediato. Os

Estudos Culturais não constituem um programa de pesquisa vinculado a um partido ou a uma tendência particular. Eles tampouco subordinam as energias intelectuais a qualquer doutrina estabelecida (JONHSON, 2004, p. 21).

De acordo com o autor, este pensamento político-intelectual é possível porque a política que buscamos criar não está ainda plenamente formada, pois assim como a política envolve uma grande jornada, da mesma maneira será a pesquisa que deve ser tão abrangente, profunda, e também politicamente orientada, quanto possa ser. Precisamos lutar contra a falta de conexão quando os Estudos Culturais são dominados por propósitos meramente acadêmicos ou quando o entusiasmo pelas formas culturais populares é divorciado da análise do poder e das possibilidades sociais, ou seja, nunca deixaremos de falar da cultura e a relação de poder que está, exerce na sociedade.

Ainda segundo Johnson (2004) os Estudos Culturais dizem respeito às formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou as formas subjetivas pelas quais nós vivemos, ou melhor, em uma síntese bastante perigosa, talvez uma redução, os Estudos Culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais, em outras palavras, pode-se dizer que os seres humanos são caracterizados por uma vida ideal ou imaginária, na qual a vontade é cultivada, os sonhos são sonhados e as categorias elaboradas.

Na questão das formas de cultura e formas de estudo, Johnson (2004) nos mostra que existe uma grande divisão, teórica e metodológica que percorre todo o campo dos Estudos Culturais, em que se percebem culturas estudadas como um todo, em seu contexto material. Essa divisão é usada frequentemente de formulações de Raymond Williams ou em E.P.Thompson, os quais se referem à cultura como formas globais de vida ou como formas globais de luta, ou seja, eles enfatizam a importância das descrições complexas, concretas, que sejam capazes de apreender, particularmente, a unidade ou a homologia das formas culturais e da vida material.

Suas preferências se voltam, portanto, a recriações sócio históricas de culturas ou de movimentos culturais, ou por descrições culturais etnográficas, ou por aqueles tipos de escritas, como por exemplo, autobiografia, história oral ou formas realistas de ficção, que sejam capazes de recriar experiências socialmente localizadas. Por outro lado, há aqueles que enfatizam uma independência relativa ou uma autonomia efetiva das formas e dos meios subjetivos de significação, a teoria prática é, neste caso, usualmente estruturalista, mas de uma forma que privilegia a construção discursiva de situações e sujeitos.

Escosteguy (2004) ressalta que os Estudos Culturais precisam ser vistos tanto do ponto de vista político, na tentativa de uma constituição de um projeto político, quanto sob ponto de vista teórico, ou seja, com a intenção de construir um novo campo de estudos. Sob este ponto de vista político, os Estudos Culturais podem ser vistos como sinônimo de “correção política”<sup>1</sup>, podendo ser identificada como a política cultural dos diversos movimentos sociais da época de seu surgimento, e sob a perspectiva teórica, refletem a insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade. Segundo a autora, as relações entre cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas maneiras culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, compõe seu eixo principal de pesquisa.

A proposta original dos Estudos Culturais, segundo Escosteguy (2004), seria considerada por alguns como mais política do que analítica, embora sustentasse um marco teórico específico, amparado principalmente no marxismo<sup>2</sup>, mais tarde, no período pós-68, os Estudos Culturais transformaram-se em uma força motriz da cultura intelectual, de esquerda, ou seja, enquanto movimento intelectual tiveram um impacto teórico e político que foi além dos muros acadêmicos, pois na Inglaterra, constituíram-se numa questão de militância e em um compromisso com mudanças sociais radicais.

Escosteguy (2004) nos mostra que os Estudos Culturais atribuem à cultura um papel que não é totalmente explicado pelas determinações da esfera econômica. Essa relação existente entre o marxismo e os Estudos Culturais inicia e desenvolve-se, através da crítica de certo reducionismo e economicismo daquela perspectiva, resultando na contestação do modelo base-superestrutura. Isto tudo, segundo a autora, contribuiu para os Estudos Culturais

---

<sup>1</sup> Na obra Fahrenheit 45, do autor Ruy Bradbury, o autor mostra que uma das forças apontadas para que os livros tivessem trechos cortados é uma certa correção política. Livros com trechos racistas foram podados para agradar às minorias raciais. As partes machistas de uma obra foram retiradas para contentar as leituras do sexo feminino. E assim com obras que tinham trechos antissemitas, xenofóbicos, homofóbicos, tudo com o objetivo de acabar com qualquer coisa que causasse infelicidade, até que não sobrasse quase nada dessas obras. Extraído de <https://teianeuronial.com/tag/correcao-politica/> Data 30.05.2019.

<sup>2</sup> O marxismo pode ser definido inicialmente como um sistema racionalista de interpretação da realidade, por meio de uma análise histórica, originado no século XIX, a partir dos trabalhos de Karl Marx e Friedrich Engels, e de imensa repercussão teórica e política no século seguinte. Esse sistema interpretativo, em sua formulação final, foi marcado pelo determinismo econômico na explicação das diversas sociedades humanas. A teoria marxista, de profunda inspiração filosófica, trouxe inovações para se pensar o homem e o mundo no século XIX. Marx foi o primeiro a mostrar que o significado de uma teoria só pode ser compreendido em relação à prática histórica correspondente. Uma teoria não pode ser pensada e entendida sem correspondência com o contexto histórico. Toda teoria deve, portanto, estar enraizada na realidade histórica e dizer alguma coisa que possa transformá-la. Extraído de Dicionários de Conceitos Históricos. Data 30.05.2019

no sentido de compreender a cultura na sua autonomia relativa, ou seja, ela não é dependente das relações econômicas, nem seu reflexo, mas tem influência e sofre consequências das relações político-econômicas.

No primeiro momento dos Estudos Culturais, a pesquisa estava delimitada, principalmente nas seguintes áreas de subculturas, as condutas desviantes, as sociabilidades operárias, a escola, a música e a linguagem. Os Estudos Culturais compreendem, segundo Escosteguy (2004), como agentes de reprodução social, acentuando sua complexa natureza, dinâmica e ativa na construção da hegemonia, analisando dessa maneira como os meios de comunicação em massa sustentam e reproduzem a estabilidade social e cultural. Entretanto, isto não acontece de forma mecânica, senão se adaptando continuamente as pressões e as contradições que emergem da sociedade.

Na visão de Jameson (1994), os Estudos Culturais devem ser interpretados como a expressão de uma aliança projetada entre diversos grupos sociais, não resultando em uma importante formulação rigorosa, como sentem seus adeptos, que tentam começar uma guerra pela correta interpretação da cultura; e o mais importante não seria sua linha de interpretação, mas a possibilidade de alianças sociais. Trata-se mais de um sintoma que de uma teoria e, como tal, o mais conveniente seria uma análise dos estudos culturais sobre os próprios Estudos Culturais.

De acordo com Jameson (1994) os Estudos Culturais surgiram como resultado da insatisfação a respeito de outras disciplinas, não somente por seus conteúdos, mas também por suas muitas limitações. Nesse sentido, os Estudos Culturais são pós-disciplinários, mas apesar disso, um dos pontos fundamentais que os seguem definindo sua relação com as disciplinas estabelecidas, então, parece apropriado começar pelas reclamações que fazem os “aliados” dessas disciplinas a respeito do abandono, por parte dos Estudos Culturais, de objetivos que consideram fundamentais.

A cultura constitui identidades, podendo modificar comportamentos e conhecimentos do ser humano, sendo assim é de extrema importância conceitua-la, e tendo como base Eagleton (2011) que nos mostra que a ideia de cultura significa uma dupla recusa do determinismo orgânico, por um lado, e da autonomia do espírito, por outro. Seria uma rejeição tanto do naturalismo como do idealismo, insistindo que existe algo na natureza que a excede e a anula, e contra o idealismo, que mesmo o mais nobre agir humano tem suas raízes



humildes em nossa biologia e no ambiente natural. O fato de que a cultura possa ser um termo ao mesmo tempo descritivo e avaliativo, designando o que realmente evoluiu bem como aquilo que deveria evoluir, é relevante para essa recusa tanto do naturalismo como do idealismo. Segundo Eagleton (2011) a própria palavra cultura compreende uma tensão entre fazer e ser feito, racionalidade e espontaneidade, que censura o intelecto desencarnado do iluminismo tanto quanto desafia o reducionismo cultural de grande parte do pensamento contemporâneo.

A cultura, de acordo com Eagleton (2011), deve agir, também, como uma espécie de crítica ou desconstrução imanente, ocupando uma sociedade irremediada a partir de dentro para derrubar suas resistências às ações do espírito, com o passar do tempo, na Idade Moderna, a cultura se tornará ou sabedoria olímpica ou arma ideológica, podendo ser capaz de mudar um pensamento de uma determinada nação, assim como constituir identidades, será uma forma isolada de crítica social ou um processo profundamente comprometido com o *status quo*. Aqui, ainda é possível ver a cultura como, ao mesmo tempo, uma crítica ideal e uma força social real.

A partir disso, se observa a importância da cultura como constituidora de identidades, pois leva os estudantes e transformarem seus pensamentos em algo crítico, relevante para sua convivência social, quando trabalhada de maneira adequada. Dentro da pesquisa, se nota como os estudantes se modificaram por meio da cultura, principalmente a literatura, as leituras se tornam libertadoras e esclarecedoras de muitas coisas que acontecem no cotidiano desses discentes do Curso de Letras-Espanhol. Eagleton (2011) discute, por meio de conhecimentos de Williams, que a cultura é uma questão de desenvolvimento total e harmonioso de personalidade, mas ninguém pode realizar isso estando isolado, com efeito, sendo o despotar do reconhecimento de que isso não é possível e ajuda a deslocar cultura de seu significado individual para o social, pois a cultura exige certas condições sociais, e já que essas condições podem envolver o Estado, pode ser que ela também tenha uma dimensão política. A cultura vai de mãos dadas com o intercuro social, já que é esse intercuro que desfaz a rusticidade rural e traz os indivíduos para relacionamentos complexos, polindo assim suas arestas rudes.

Williams (1992), dentro de seus estudos sobre cultura, a concebeu como cultivo ativo da mente, podendo ser distinguindo uma gama de significados como um estado mental desenvolvido, como uma “pessoa de cultura”, “pessoa culta”, passando, também, por

processos desse desenvolvimento como em “interesses culturais”, “atividades culturais”, até os meios desse processo, como em cultura considerada como “as artes” e o “trabalho intelectual do homem”, assim como pode ser visto, também, de um modo de vida global de determinado povo ou de algum outro grupo social.

Esses posicionamentos, segundo Williams (1992), são classificados como idealistas e materialistas, entretanto é importante observar que a explicação materialista habitualmente fica reservada a outras atividades “primárias”, deixando a cultura para uma versão do espírito formador, agora, naturalmente, em bases diferentes, e não primária, mas secundária. Contudo, a importância de cada uma dessas posições, em contraposição a outras formas de pensamento, é que leva aos estudos intensivos das relações entre atividades “culturais” e as demais formas de vida social. A sociologia da cultura, ao surgir na segunda metade do século XX, estava composta de atividade desenvolvida a partir dessas duas posições, a maior parcela de grande valor local.

Williams (1992) mostra que esta possui muitos elementos em comum com o materialismo, porém se torna diferente por sua insistência em que a “prática cultural” e a “produção cultural” não surgem apenas de uma ordem social diversamente constituída, mas são elementos importantes em sua constituição. A sociologia da cultura encara a cultura como um sistema de significação mediante o qual necessariamente uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada, ocorrendo assim, uma convergência prática entre os sentidos antropológicos e sociológicos da cultura como modo de vida global e o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como “atividades artísticas e intelectuais”.

Para estruturar teoricamente a etnografia pós-moderna utilizei textos de Clifford (2016,2002), Jordão (2004) e Caldeira (1988), a partir dos estudos etnográficos e sua importância para o desenvolvimento tanto educacional como da própria humanidade. Quanto ao método adotado para o desenvolvimento da presente pesquisa, fiz uso da etnografia pós-moderna, realizada no curso de Espanhol, do Campus Universitário de Abaetetuba, no período de Maio a Dezembro de 2018, e no mês de Março de 2019, para finalizar a pesquisa em questão. Para a coleta de dados usei observação participante e a conversação, de caráter informal, com um grupo de estudantes do curso, buscando conhecer um pouco da rotina destes e como eles se preparam para viver como professores de língua espanhola.

Dentro do trabalho em questão, será discutido na seção 1 o método de pesquisa, a etnográfica e como esta foi de extrema importância para revelar como esses estudantes, por meio da cultura, conseguem constituir suas identidades, enquanto na seção 2, se encontra a parte da pesquisa de campo, as conversações e observações realizadas pela pesquisadora, assim como a descrição do perfil dos estudantes do curso de Letras-Espanhol do ano de 2016 e 2017, a descrição do curso, seus objetivos, os professores, apresentação do Campus Universitário de Abaetetuba e da Universidade Federal do Pará, na seção 3 teremos a discussão sobre as identidades e os Estudantes do curso de Letras-Espanhol, como isto ocorre e de que maneira mudou a forma de pensar e refletir deste estudante diante da sociedade que convive, e finalmente teremos a seção 4 que trata da literatura como elemento de constituição da identidade dos estudantes do curso de Letras-Espanhol.

E diante do que foi exposta, a grande relevância dessa pesquisa está na possibilidade de compreender como os estudantes constituem suas identidades. No espaço acadêmico, esta pesquisa aponta outros olhares sobre os estudantes do curso de Letras-Espanhol, não como aqueles que somente aprendem gramática, mas desenvolvem seu senso crítico, reflexivo diante das diversas situações que podem surgir em seu meio social.

## **SEÇÃO I - A PESQUISA ETNOGRÁFICA: CONCEITOS, PRÁTICAS E SUJEITOS**

Nesta seção farei algumas considerações sobre a pesquisa etnográfica, seus conceitos e como foi feita a pesquisa no Campus Universitário de Abaetetuba, com os estudantes do curso de Letras-Espanhol, a partir disto, descobrindo como a Literatura está modificando a maneira de pensar e agir desses discentes e, dessa maneira, constituindo sua identidade como futuro professor de Língua Espanhola.

### **1.1 Algumas considerações sobre a Pesquisa Etnográfica**

Para se realizar a pesquisa de campo deste trabalho, foi necessário fazer a pesquisa etnográfica pós-moderna, tendo uma convivência de sete meses no Campus Universitário de Abaetetuba, junto aos estudantes para saber a respeito dos elementos culturais que atuavam na constituição de suas identidades. Para se entender sobre a pesquisa etnográfica pós-moderna, foram acionados alguns autores como James Clifford (2016), que em seu ensaio denominado

“Sobre a autoridade etnográfica”, aponta que a etnografia produz interpretações culturais por meio de intensas experiências de pesquisa, e esta pode ser incontrolável a ponto de se transformar em um relato escrito e legítimo.

Isto fica perceptível, no momento que observo a Universidade, o cotidiano das pessoas que ali trabalham, assim como dos estudantes de Letras-Espanhol, apesar de ser professora do Campus de Abaetetuba, do referido curso, nesta situação percebi as inúmeras qualidades presentes nestes estudantes, alguns com desejo e vontade de aprender, outros somente buscam o curso com o intuito de adquirir nível superior, outros por falta de opção, e dessa maneira muitas colocações que me levaram a refletir sobre a importância da constituição de identidades na formação crítica de uma pessoa, pois pode interferir na forma crítica de qualquer pessoa, tornando-a mais interessante ao mundo e para os outros.

Assim também, me utilizei também de Malinowski (1978) para descrever em relação à pesquisa etnográfica, com isso aperfeiçoando minha pesquisa e explicando melhor sobre o método trabalhado. Para o referido autor, em seu livro denominado “Argonautas do Pacífico Ocidental” os resultados da pesquisa etnográfica, científica, em qualquer ramo do conhecimento humano, devem ser apresentados de maneira elaborada e absolutamente honestos, pois ninguém sonharia em fazer uma contribuição às ciências físicas ou químicas sem apresentar um relato detalhado de todos os arranjos experimentais, uma descrição exata dos aparelhos utilizados, a maneira pela qual se conduziam as observações, o número de observações, o tempo a elas devotado e, finalmente, o grau de aproximação com que se realizou cada uma das medidas.

Isto pode ser percebido em minha pesquisa quando coloco todas as situações vividas pelos estudantes, assim como as conversações informais em que muitos relataram suas experiências, antes e depois que começaram a estudar na universidade, e principalmente no curso de Letras-Espanhol, quando entraram em contato com obras literárias de resistência e feminina, que os possibilitou a mudança e por consequência a constituição de sua identidade, de alguns estudantes, como professor de língua espanhola.

De acordo com Malinowski (1978), os princípios metodológicos podem ser agrupados em três unidades: em primeiro lugar, o pesquisador precisa possuir objetos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos, e finalmente, deve ele aplicar

certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro de evidencia. Dentro desses estudos, as ideias pré-concebidas são perniciosas a qualquer estudo científico, a capacidade de levantar problemas, no entanto, constitui uma das maiores virtudes do cientista e esses problemas são revelados ao observador através de seus estudos teóricos. (Malinowski, 1978, p.23).

Na etnografia, o autor é ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador, suas fontes de informação são, indubitavelmente, bastante acessíveis, mas também, extremamente enganosas e complexas, não sendo incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória dos seres humanos. Na etnografia, é frequentemente imensa a distância entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador através de suas próprias observações, das asserções dos nativos, do caleidoscópio da vida tribal. (MALINOWSKI, 1978, p.20).

Com isso, a partir de Malinowski, surgiu a necessidade de se criar nos textos antropológicos uma consciência sobre as diferenças humanas no mundo, pois a rica contribuição dada pelo autor de *Argonautas* foi a sua concepção diferente do fazer/pensar antropológico em relação a prática da disciplina até então. Sua principal consequência desta nova experiência decorreu justamente do relativismo cultural, marca da antropologia até os dias atuais, pois cada cultura deve ser vista como uma singularidade em si mesma e não hierarquicamente como no evolucionismo.

A grande diferença entre o trabalho realizado por Malinowski e seus antecessores foi a criação de um novo modelo de coleta de dados, sendo o primeiro antropólogo profissional a realizar um trabalho de campo intensivo, com o aprendizado obrigatório da língua nativa, e com, portanto, com o recolhimento de materiais diretamente dos nativos sem qualquer mediação, sendo também o primeiro a ter uma permanência prolongada no campo, com intervalo para repensar e organizar os dados coletados. É perceptível, assim, através das discussões, a realização de um fazer antropológico qualitativamente diferente dos praticados pelos antropólogos anteriores como, na tentativa de colocar-se no lugar do outro e dessa maneira, conhecer a realidade na qual o outro se insere, e tendo esta explicação como base, é possível perceber a importância da cultura na constituição da identidade, por isso levo em consideração o trabalho cultural desenvolvido pelos alunos e alunas do curso de Espanhol.

Outra autora utilizada foi Jordão (2004) ao afirmar que como qualquer construção intelectual, a Antropologia permanece ligada as condições históricas de sua instauração e de suas manifestações, ou seja, aos meios teóricos e práticos que a transformaram no que é atualmente, buscando dessa maneira, compreender qual é o papel do pesquisador e de seus sujeitos de pesquisa no texto e no trabalho de campo. Esta disciplina, segundo a autora, se desenvolveu ao mesmo tempo em que se efetuava a expansão colonial europeia e se estendeu a uma porção cada vez mais vasta das terras habitadas, tendo o período de 1860 a 1920 a fase de conquista colonial por parte do mundo europeu e o advento da antropologia como estudo sobre o outro.

Para explorar mais sobre o trecho acima descrito, coloco o pensamento de Jordão (2004):

(...) Já no próprio projeto de constituição de um saber mais sistemático sobre o homem, delinea-se como seu principal eixo uma compreensão da natureza e da cultura que eram o próprio fundamento epistemológico de sua cientificidade. Assim, durante um longo espaço de tempo, que compreende até os dias atuais, quase todas as suas variantes teóricas, como por exemplo, o evolucionismo, o funcionalismo, o estruturalismo, comprometeram-se com um saber sobre o outro vinculado as leis científicas que estabeleciam uma natureza una e hegemônica para todos os seres humanos (JORDÃO, 2004, p. 37).

Diante do exposto, podemos dizer, baseando-me na autora, que a natureza metafísica da filosofia clássica, manifesta-se em nossa substância comum, enquanto cultura, ou culturas, já que o homem pode ser considerado como um ser fabricante da cultura representa nossa pluralidade de línguas e a fragmentação do gênero humano, pois nos constituímos como seres humanos a partir do momento que nos identificamos culturalmente, ou seja, não podemos existir sem nossa formação cultural, e isto é o nosso diferencial no mundo, a capacidade de fazer história e cultura.

Segundo Jordão (2004) entrando no campo da modernidade, dentro de uma antropologia americana pós-moderna, esta se caracteriza pela separação entre observador e observado no texto, com o presente etnográfico proposto por Malinowski, em que a reflexão teórica feita pelo autor se justifica pela crítica ao método evolucionista do período anterior, que por meio da coleta de materiais independente de seus contextos, faziam-se elaborações imaginativas sobre a história da humanidade como um todo, isto é, o que ficou conhecido como história conjectural.

No contexto de crise científica, na etnografia, segundo Clifford (2016), houve uma virada em direção a retórica coincide com um período de reavaliação política e epistemológica na qual a natureza construída e imposta da autoridade representacional se tornou inusitadamente visível e contestada. A alegoria nos leva a dizer, em relação a qualquer descrição cultural, não que “isso representa, ou simboliza, aquilo”, mas que “isso é uma história (com forte carga moral) sobre aquilo”. Logo, os relatos específicos contidos em etnografias nunca podem ser limitados a um projeto de descrição científica, na medida em que a tarefa que orienta a obra é tornar o comportamento de um modo de vida diferente humanamente compreensível.

Clifford (2016) relata que em uma etnografia científica se costuma estabelecer um registro alegórico privilegiado identificado como “teoria”, “interpretação” ou “explicação”, porém, uma vez que todos os níveis significativos de um texto, incluindo as teorias e as interpretações, sejam reconhecidos como alegóricos, torna-se difícil ver um deles como privilegiado, respondendo pelos restantes, pois uma vez que essa âncora seja suspensa, encenar e atribuir valor aos múltiplos registros alegóricos, ou “vozes”, passa a ser uma área importante de preocupação para os escritores etnográficos. Os textos etnográficos, na visão do autor, não podem ser considerados apenas, ou mesmo predominantemente, alegorias, pois na verdade, lutam para limitar o jogo de seus significados “extra”, subordinando-os a funções referenciais e miméticas, logo esse embate conserva as convenções disciplinares e de gênero.

Tendo como base esta complexa transformação, Clifford (2016) afirma sobre a questão de ter em mente o fato de que a etnografia está do começo ao fim, imersa na escrita, e esta pode incluir, pelo menos, uma tradução da experiência para a forma textual, sendo esse processo complicado pela ação de diversas subjetividades e constrangimentos políticos que estão acima do controle do escritor. O referido autor em seu ensaio “sobre a alegoria etnográfica” trata a própria etnografia como um desempenho urdido de histórias poderosas, embutidas em relatos escritos, essas histórias simultaneamente descrevem acontecimentos culturais reais e a eles acrescentam afirmações morais, ideológicas ou mesmo cosmológicas. Para o autor, a escrita etnográfica é alegórica tanto ao nível de seu conteúdo (aquilo que se diz sobre as culturas e suas histórias) quanto de sua forma (aquilo que é implicado por seu modo textual), ou seja, os textos etnográficos são inescapavelmente alegóricos, e levar esse fato a sério muda as formas como podem ser escritos e lidos.

Clifford (2016) nos coloca que alguns pressupostos recorrentes sobre a etnografia como escrita também teriam que ser alteradas, porque as alegorias de resgaste estão implícitas na própria prática da textualização, que se assume como estando no cerne da descrição cultural, ou seja, o que quer que seja que a etnografia faça, além disso, ela traduz a experiência para o texto. Dentro da pesquisa, as observações realizadas em campo foram descritas de maneira real, as vozes dos alunos foram mantidas para que se percebesse o conhecimento destes em relação a cultura e identidade, passando a experiência que foi adquirida no decorrer dos trabalhos.

Há diversas maneiras de se efetuar essa escrita, segundo Clifford (2016), maneiras que tem consequência ética e políticas importantes, podendo-se descrever os resultados de uma experiência particular de pesquisa, e isto pode gerar um relato realista da experiência não escrita de outro grupo ou pessoa. Isto pode ser apresentado por meio de uma textualização como resultado de observação, de interpretação, de diálogo, e também pode surgir uma etnografia composta de diálogos. Fato este que ocorreu na pesquisa quando precisei de dados do Campus de Abaetetuba, em que conversei com pessoas responsáveis por diversos setores e muitos me passaram informações que coloquei na descrição da pesquisa, porém descobrir fora do campo dos estudantes.

Ainda na visão de Clifford (2016), desde a Antiguidade, a história do oral/auditivo para a escrita tem sido complexa e difícil, pois toda Etnografia coloca em cena um movimento deste tipo, e essa é uma das fontes da autoridade peculiar que encontra tanta salvação como perda irreparável. Como se fosse uma espécie de morte em vida, na construção de textos a partir de acontecimentos e diálogos, ou seja, as palavras e os atos são passageiros e autênticos, a escrita é duradoura, como suplemento e artifício, ou seja, o texto embalsama o acontecimento na medida em que expande seu significado.

Caldeira (1988) procura descrever também a questão das alternativas pós-modernas, que buscam como proposta produzir etnografia tendo como modelo o diálogo, ou melhor, ainda, a polifonia, o que não significa necessariamente transcrever diálogos, embora alguns autores tenham interpretado isso literalmente. A ideia é representar muitas vozes, muitas perspectivas, produzir no texto uma plurivocalidade, uma heteroglossa<sup>3</sup>, e para isso todos os meios podem ser tentados, como citação de depoimentos, autoria coletiva, “dar voz ao povo”

---

<sup>3</sup> Na análise do russo Mikhail Bakhtin, a linguagem e o discurso caracterizam-se por sua heteroglossia, isto é, pela convivência e interação de uma ampla gama de variantes e variedades linguísticas. Extraído do dicionário de Teoria Cultural e Educação: Um Vocabulário crítico. Data: 30.05.2019



ou que mais possa imaginar, tendo como objetivo final, no que diz respeito ao autor, seria fazer com que ele agora se diluísse no texto, minimizando em muito a sua presença, dando espaço aos outros, que antes só apareciam através dele.

Segundo Clifford (1983 apud CALDEIRA, 1988, p. 137) o trabalho de campo como método de pesquisa antropológica associa-se a formulação de uma teoria que concebia as culturas (ou sociedades) como unidades discretas, existentes sob forma unitária e acabada, passíveis de serem observadas e conhecidas, desde que olhadas pelos olhos certos, ou seja, os olhos treinados do antropólogo profissional. As culturas são totalidades que deveriam ser recompostas pelo antropólogo e descritas como tais, embora não se apresentasse a experiência dessa maneira.

Em suma, no processo de transformações o caráter de experiência cultural é completamente alterado, por mais que ela seja usada como retórica legitimadora do conhecimento do antropólogo, nos textos ela é negada como tal. A experiência que aparece mencionada nos textos pode ser uma evocação legitimadora, pois o que conta como sendo a cultura é a descrição final, obtida através da re-elaboração da experiência inspirada pela reflexão teórica. Com isso, a disjunção entre experiência e texto, o requisito da primeira e da transformação da experiência de campo em descrição da cultura como um todo estão associados a ambiguidade da presença do antropólogo nos textos.

## **1.2 Os Sujeitos na pesquisa na etnografia pós-moderna**

Na pesquisa realizada para esta dissertação, participaram dois grupos de estudantes do Curso de Letras-Espanhol, ano 2016 e 2017, com o intuito de coletar dados para mais tarde analisar a relação entre cultura e identidade. Estes estudantes, na sua grande maioria, são pessoas entre 18 e 40 anos, e estão no curso advindo do Ensino Médio, especialmente os que têm entre 18 e 20 anos; porém, os mais velhos que chegam aos 40 anos já estão em uma segunda graduação. Alguns já trabalham na docência, geralmente na educação infantil e séries finais do fundamental, outros trabalham em diversas áreas e uma parte está em sala de aula, lecionando a língua espanhola, e outra encontra-se somente estudando, sem exercer, ainda a docência.

Jordão (2004) mostra que na relação sujeito e objeto, o sujeito cognoscente possui uma atitude de neutralidade e imparcialidade perante a realidade em foco, garantia da objetividade do conhecimento, segundo o referencial teórico do funcionalismo, sendo a verdade da ciência, para o funcionalismo deve estar de acordo com a própria realidade, descartando-se o sujeito cognoscente, porém, não podemos deixar de reconhecer a grande importância da contribuição fornecida por Malinowski foi muito significativa, entretanto, torna-se algo, na maioria dos casos, irrealizável.

Neste caso aqui descrito, se revela a importância de conhecer o ambiente, a cultura e o comportamento de um determinado grupo social, Malinowski (1978) relata que precisou conhecer, de uma maneira neutra, a vida e o cotidiano do grupo que estava pesquisando, para depois fazer suas anotações, colocar seus pensamentos em um papel, dessa mesma forma foi necessário observar o comportamento dos estudantes de Letras-Espanhol, para entender como ocorre a constituição de suas identidades, e como isto foi possível no decorrer de 4 anos de formação, e toda a pesquisa foi se conquistando por meio da neutralidade, assim como as intervenções que precisei fazer durante o período da etnografia.

Dentro de uma crítica contemporânea, me utilizo de Jordão (2004), para analisar a maneira pela qual os antropólogos têm aparecido em seus textos desde Malinowski, e a relação entre eles e seus sujeitos de pesquisa, pois ao criticar o tipo de autoria de texto que marcam a antropologia nos últimos anos, quebram-se as condições que permitem a produção de textos comprometidos teoricamente com ideal de verdade do positivismo, ou seja, com a busca de novos referenciais teóricos, atualmente, os antropólogos estão repensando a nova realidade com que se deparam, abrindo-se algumas alternativas diferentes e inovadoras em relação ao antigo método e técnicas desenvolvidas por Malinowski.

Os grupos estudados pelos antropólogos eram de um modo geral, povos coloniais e sobre eles, o mesmo escrevia para os membros de sua própria sociedade, sem colocar em questão o caráter das relações de poder que se estabeleciam entre essas duas sociedades. Porém, esse macro contexto em que se dava o trabalho antropológico obviamente mudou, porque os desmantelamentos dos impérios, as reestruturações das relações entre as nações e a atenção para as sociedades complexas, mudaram as condições em que se faz o trabalho de campo e o contexto em que se escreve sobre o outro.

Esse tópico nos relata a questão das relações de poder entre as pessoas, esse fato se observa no Curso de Letras-Espanhol quando professores, muitos formados e conhecedores do espanhol da América Latina, estão em sala de aula, e acabam por ensinar aquele espanhol tradicional, europeu, gramática, interpretação de texto, músicas sem o devido preparo pedagógicos, em fim, diversas situações que mostra o poder eurocêntrico em detrimento do poder latino. Porém, as outras turmas que estão chegando já apresentam algum conhecimento sobre Literatura e Resistência, e isso acaba ocasionando muitos questionamentos, dúvidas em relação ao espanhol trabalhado em classe, ou seja, já se percebe uma mudança no perfil desses estudantes e por consequência a constituição de identidade, tão importante na questão crítica e reflexiva destes estudantes.

Caldeira (1988) ressalta sobre a presença do autor e a pós-modernidade, temos a questão que o antropólogo contemporâneo tende a apresentar uma rejeição a descrições holísticas, se interroga sobre os limites da sua capacidade de conhecer o outro, procura expor no texto as suas dúvidas, e o caminho que o levou a interpretação, sempre parcial, e as regras implícitas que regem a relação entre autor, objeto e leitor, e que permitem a produção, a legibilidade e a legitimidade do texto etnográfico, estão mudando, e esta mudança se associa ao processo de autocrítica por que passa a antropologia hoje, em que os mais variados aspectos de sua prática vêm sendo questionados e desconstruídos.

### **1.3 A observação participante na Etnografia pós-moderna**

Na pesquisa foi utilizado o método dentro da etnografia pós-moderna que foi a observação participante, em que fiquei durante sete meses, no período de maio, junho a dezembro de 2018, permanecendo mais todo o mês de março de 2019, para averiguações finais, escutando e percebendo o cotidiano dos estudantes, seus desejos, suas expectativas e receios em relação ao Curso de Letras-Espanhol. Essa observação foi feita, de primeiro momento, no espaço da Universidade, em que fotografei e tomei nota de certos aspectos do lugar, como o espaço onde os estudantes buscam descansar e realizar algumas atividades de lazer, as salas de aula, a lanchonete, laboratórios.

Após isto, realizei diversas conversações com os estudantes, em diversos lugares, como na sala de aula, nos bancos que ficam em frentes as salas, nos corredores do Campus, algumas vezes na lanchonete, perguntando sobre o seu cotidiano e como se sentiam dentro da Universidade, se haviam mudado durante o percurso acadêmico ou se ainda estavam nesse

processo de mudança. Observei ainda algumas aulas, com o intuito de saber sobre o comportamento dos discentes, a postura crítica e ao mesmo tempo observar outros elementos responsáveis pela constituição de suas identidades.

Tendo como base o descrito acima, me utilizo de Malinowski (1978), para mostrar que os princípios metodológicos podem ser agrupados em três unidades: em primeiro lugar, o pesquisador precisa possuir objetos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos, e finalmente, deve ele aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro de evidencia. Dentro desses estudos, as ideias pré-concebidas são perniciosas a qualquer estudo científico, a capacidade de levantar problemas, no entanto, constitui uma das maiores virtudes do cientista e esses problemas são revelados ao observador através de seus estudos teóricos. (Malinowski, 1978, p.23).

A partir das informações acima descritas, temos como base Clifford (2016) mostrando que, na década de vinte, o novo teórico-pesquisador de campo desenvolveu um novo e poderoso gênero científico e literário, a etnografia, uma descrição cultural baseada na observação participante, sendo que esse novo estilo de representação dependia de inovações institucionais e metodológicas que passavam os obstáculos a um rápido conhecimento sobre as culturas.

A nova etnografia era marcada por uma acentuada ênfase no poder da observação, sendo a cultura pensada como um conjunto de comportamentos, cerimônias e gestos característicos passíveis de registros e explicação por um observador treinado. Segundo Clifford (2016) o observador-participante emergiu como uma norma de pesquisa, pois um trabalho de campo bem-sucedido mobilizava a mais completa variedade de interações, mais algo era de suma importância nesse processo, a interpretação dependia da descrição, e após Malinowski, houve uma suspeita em relação aos informantes privilegiados, pois se preferia as observações (metódicas) do etnógrafo em detrimento das interpretações (interessadas) das autoridades nativas.

Clifford (2016) mostra, também, que a observação participante leva a uma fórmula de contínuo vaivém entre o interior e o exterior dos acontecimentos, ou seja, de um lado, capta os sentidos de ocorrência e gestos específicos, através da empatia e de outro, dá um

passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos, sendo que esses acontecimentos singulares adquirem uma significação mais profunda ou mais geral, regras estruturais, e assim por diante. A observação participante é uma fórmula paradoxal e enganosa, mas pode ser considerada seriamente se reformulada em termos hermenêuticos, como uma dialética entre experiência e interpretação.

Segundo Jordão (2004), é considerado um momento transformador do fazer antropológico, através da observação participante, ou seja, o estabelecimento de uma distância entre o antropólogo e sua cultura e a cultura do grupo estudado, sendo que este distanciamento se encontra na base do surgimento de um novo contexto, oposto ao evolucionismo presente no período anterior, pela construção do conhecimento que surgiu pelo “estabelecimento de uma relação específica, não somente entre pesquisador e seu objeto, mas também entre estes e o leitor” (JORDÃO, 2004, p. 37).

A presença do antropólogo profissional, tanto no trabalho de campo quanto no texto etnográfico, foi essencial para a constituição do conhecimento antropológico, baseando a sua produção de conhecimento na experiência pessoal de outra cultura, legitimando seus enunciados na fórmula: “eu estive lá, vi e, portanto, posso falar do outro”. Mas, que tipo de presença é essa? Seguramente, não seria o mesmo tipo de presença do escritor que cria textos literários de ficção. A ficção antropológica apresenta algumas marcas peculiares, pretendendo fazer a ponte entre dois mundos culturais, revelando para um deles uma outra realidade que somente o antropólogo, este sujeito que experimenta e traduz, conhece.

Com isso, é possível afirmar que a observação leva a conhecer aspectos que antes eram guardados, pouco explorados, e isso foi perceptível durante a pesquisa quando pude perceber que nossos estudantes gostam do curso, admiram a língua espanhola, porém estão desacreditados por diversos motivos, principalmente a falta de projetos de pesquisa e extensão, incentivo para realizar viagens ao exterior, principalmente a países que falam a língua espanhola, que são de essencial importância para o processo de constituição de identidades. Isso não ocorre por negligência dos professores e pessoas responsáveis, mas porque ficamos tão atarefados com a elaboração de aulas, correção de trabalhos e provas que nos esquecemos de prestar atenção em pequenos detalhes como estes que descrevi anteriormente.

#### 1.4 Outras questões referentes à Etnografia Pós-Moderna

Clifford (2002) nos aponta que outro passo fundamental é o processo pelo qual o “discurso” se torna texto. O discurso na concepção de Benveniste (1971) é um modo de comunicação no qual são intrínsecas as presenças do sujeito que fala e a situação imediata da comunicação. O discurso é marcado pelos pronomes (implícitos ou explícitos) eu e você, e pelos dêiticos, este, aquele, agora, etc., que marcam o momento presente do discurso, ao invés de algo além dele. Isto foi perceptível na pesquisa durante as conversações em que os estudantes usavam muitos estes pronomes para descrever determinadas atitudes passadas em relação ao seu presente, como por exemplo “*eu e meu pai...*”, “*Este trabalho agora é diferente...*” “*aquele texto literário me agradou muito...*”

O discurso, segundo Clifford (2016) não transcende a ocasião específica na qual um sujeito se apropria dos recursos da linguagem para se comunicar dialogicamente, e tendo como base Ricouer, argumenta que o discurso não pode ser interpretado de modo aberto e potencialmente público como um texto é lido. Para se compreender um discurso “você tem que ter estado lá”, ou seja, vivenciando e compartilhando os momentos com o grupo, como ocorrido na pesquisa, em que pude me utilizar de certas afirmações somente pelo fato de ter visto e anotado determinada situação.

Nas palavras de Clifford (2016):

A relevância desta distinção para a etnografia é talvez óbvia demais. Em última análise, o etnógrafo sempre vai embora, levando com ele textos para posterior interpretação (e entre estes “textos” que são levados podemos incluir as memórias – eventos padronizados, simplificados, retirados do contexto imediato para serem interpretados numa reconstrução e num retrato posterior) (CLIFFORD, 2016, p. 40).

Diante dessa afirmação, podemos dizer que o texto, diferente do discurso, pode viajar. Se muita coisa da pesquisa etnográfica é produzida no campo, a real elaboração de uma etnografia é feita em outro lugar, ou seja, os dados constituídos em condições discursivas, dialógicas, são apropriados apenas através de formas textualizadas. “Os eventos e os encontros da pesquisa se tornam anotações de campo. As experiências tornam-se narrativas, ocorrências significativas ou exemplos” (CLIFFORD, 2016, p. 41).

Dizer que uma etnografia é composta de discursos e que seus diferentes componentes estão relacionados por meio do diálogo, não significa dizer que sua forma textual deve ser a de um diálogo literal. De fato, segundo Clifford (2002), como Crapanzano reconhece em Tuhami, um terceiro participante, real ou imaginado, funciona como mediador em qualquer

encontro entre dois indivíduos, ou seja, o diálogo ficcional é de fato uma condensação, uma representação simplificada de complexos processos multivocais.

Dentro da pesquisa realizada, pude observar a necessidade de voz que nossos alunos apresentam, pois dialogamos muito e diversos assuntos que eles colocaram não podem ser descritas como tal, até porque envolviam outras pessoas e não seria ético expô-las no texto. Assim como houve uma seleção de conversas, porque nem tudo que falávamos era relacionado à pesquisa, ou em outros momentos, eram reclamações e certos medos compartilhado por eles, daí que nem todas as conversas foram colocadas neste trabalho, ocorrendo uma escolha em algumas partes da conversação.

Outro aspecto da etnografia é a forma como se descrevem as conversações, pois com as vozes que podem surgir no decorrer da pesquisa se usa certo estilo indireto, ao menos que a novela ou a etnografia seja composta inteiramente de citações, algo que é teoricamente possível, mas raramente é tentado. Na prática, segundo Clifford (2002), a etnografia e o romance têm recorrido ao estilo indireto em diversos níveis de abstração, e com isso os etnógrafos tem geralmente evitado atribuir crenças, sentimentos e pensamentos aos indivíduos, mas não tem hesitado em atribuir estados subjetivos a cultura.

Uma forma cada vez mais comum de realizar a produção colaborativa do conhecimento etnográfico é citar os informantes extensos e regulamente, porém, esta tática apenas começa a romper a autoridade monofônica. As citações são sempre colocadas pelo citador, e tendem a servir meramente como exemplos de testemunhos confirmadores, e indo-se além da citação, pode-se imaginar uma polifonia mais radical que representaria os nativos e o etnógrafo com vozes diferentes, porem isto apenas deslocaria a autoridade etnográfica (CLIFFORD, 2006, p. 54).

Os discursos etnográficos não são, de acordo com Clifford (2006), de nenhuma forma, falas de personagens inventados, ou seja, os informantes são indivíduos específicos com nomes próprios reais, nomes que podem ser citados de forma modificada quando necessário. As intenções dos informantes são sobredeterminadas, suas palavras, política e metaforicamente complexas, e quando alocadas em um espaço textual autônomo e transcritas de forma suficientes extensas, as declarações nativas fazem sentido em termos diferentes daqueles que o etnógrafo as tenha organizado, ou seja, a etnografia é invadida pela heteroglossia.

Dentro deste aspecto da etnografia, temos que os processos experiencial, interpretativo, dialógico e político são encontrados, de maneira discordante, em cada etnografia, mas a apresentação coerente pressupõe um modo controlador de autoridade. Um argumento é que esta imposição de coerência a um processo textual sem controle é agora inevitavelmente uma questão de escolha estratégica, com isso se tentou distinguir importantes estilos de autoridade na medida em que se tornaram visíveis nas décadas recentes, e se a escrita etnográfica está viva, ela está em lutas nos limites dessas possibilidades, ao mesmo tempo em que contra elas (CLIFFORD, 2002, p. 58).

O Etnógrafo, neste caso, se usufrui de uma relação especial com uma origem cultural ou um sujeito absoluto. Torna-se bem tentador comparar o etnógrafo como um intérprete literário, mas especificamente com o crítico tradicional (CLIFFORD, 2016, p. 41). Porém, não se pode esquecer aquilo deixado de lado, pois o processo de pesquisa é separado dos textos que ele gera e do mundo fictício que lhes cabe evocar e alguns aspectos dialógicos, situacionais, da interpretação etnográfica tendem a ser banidos do texto representativo final.

Estes suportes teóricos são relevantes para o decorrer de minha pesquisa de campo, pois através da etnografia pós-moderna pude observar situações cotidianas que constituem identidades dos estudantes, pois se há um trabalho intenso nessa parte do curso, os discentes terão mais contato e trabalho envolvendo a literatura, arte, música e costumes dos falantes de língua espanhola. Na próxima seção, trarei as informações do trabalho de campo etnográfico realizado no Campus de Abaetetuba, mais precisamente no curso de Letras-Espanhol.

## **SEÇÃO II – O CURSO DE LETRAS-ESPANHOL DO CAMPUS DE ABAETETUBA**

Neste capítulo mostro as informações da pesquisa de campo. Aqui apresento o grupo de estudantes, e as conversações e as observações no curso de Letras-Espanhol, ressaltando que as fotos apresentadas na pesquisa são autorizadas pelos grupos. Encerro, e descrevendo também, o Campus Universitário de Abaetetuba.

### **2.1 Os estudante do curso de Letras-Espanhol.**

Durante os sete meses da pesquisa de campo, tive o privilégio de conhecer melhor a vida dos estudantes dos grupos 2016 e 2017, do curso de Letras-Espanhol, sendo que ambos terminam suas atividades acadêmicas entre os anos de 2020 e 2021, e também antes de



mostrar as observações e conversações, é necessário fazer uma descrição do grupo de estudantes que colaboraram com a pesquisa, e com os quais mantive um tempo de convivência e obtive algumas informações, por meio de conversações, de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa, vale ressaltar, também, que os nomes utilizados nas conversações são fictícios. Em seu perfil, os estudantes do Curso de Letras-Espanhol da Universidade Federal do Pará, campus de Abaetetuba se apresenta da seguinte maneira: são na sua grande maioria, pessoas entre 18 e 40 anos, que ingressaram no curso advindo do Ensino Médio, porém os mais velhos que chegam aos 40 anos já estão em uma segunda graduação, pois buscam aprimorar seus conhecimentos, ou querem aprender uma língua estrangeira.

**Figura 1 – Estudantes do Grupo de Espanhol/2016**



Fonte: Freitas (2019).

**Figura 2 – Estudantes do Grupo de Espanhol/2017**



**Fonte:** Freitas (2019).

Alguns já estão trabalhando na área da docência, geralmente na educação infantil e fundamental maior com o intuito de adquirir experiência, outros trabalham em diversas áreas e uma parte está em sala de aula, lecionando a língua espanhola, e outra parte encontra-se somente estudando, não exercem, ainda a docência. Existem alunos que já são proficientes na língua estrangeira na qual pretendem se licenciar, há aqueles que têm um nível de língua que lhes permite saltar os níveis iniciais, ainda tem alunos que tiveram pouco ou nenhum contato com a língua, tendo apenas o conhecimento necessário para serem aprovados no exame de ingresso à universidade, porém há outros que fizeram o curso, pois não tiveram opção, por isso não conhecem nada sobre a língua.

Ao se tratar de outros aspectos, como o religioso, temos uma grande maioria católica, porém não praticante outros que fazem parte de grupos de jovens na igreja, alguns são evangélicos e participam de todos os trabalhos da igreja, outros são ateus, porém tem aqueles discentes que acreditam em algo superior, porém não fazem parte de nenhuma religião. Na grande maioria, muitos ainda estão solteiros, sem filhos, outros são casados, com dois ou três filhos, residindo em Abaetetuba, Moju e Igarapé-Miri. Outro detalhe importante entre os estudantes é a questão das roupas e alguns acessórios, principalmente as camisas com a marca do curso de Letras-Espanhol, isto é bem perceptível nas primeiras turmas, pois fazem questão de confeccioná-las, porém os mais antigos já não se utilizam mais, a justificativa é porque já ficou muito velha ou não querem vesti-la, já mudaram seu pensamento em relação a isto.

No processo de chegada desses estudantes, observei algo bem curioso, a grande maioria vem ou de ônibus do Campus que passa em um determinado local e os leva a Universidade e outros chegam de moto, ou sozinhos ou com seus companheiros (as). Isto me chamou atenção devido à história da cidade, melhor, a modernização que chegou inclusive nas cidades interioranas, pois grande parte desses estudantes antes tinha na bicicleta uma forma de locomoção, o espaço do Campus tinha estacionamento de bicicleta, e hoje observamos as motos levando este espaço, ou seja, neste comportamento se percebe uma mudança de identidade, já que se abandona algo mais “arcaico” para adquirir algo mais moderno, na visão desta pessoa.

Estes estudantes estão em seu processo de formação tendo como principal objetivo comprometer-se com os valores da sociedade democrática, desenvolvendo uma prática educativa que leve em conta as características dos alunos, de seu meio social e sua relação

com o mundo contemporâneo, e desta mesma forma estabelece laços de parceria e colaboração com seus pares de forma a envolvê-los na construção e na valorização dos conhecimentos, demonstrando, assim, compreensão do papel social da escola.

Eles precisam conhecer não apenas os conteúdos específicos de LE (Língua Estrangeira), relacionados às etapas da educação básica para as quais se preparou, mas também aqueles relacionados a uma compreensão mais ampla de questões culturais, sociais, econômicas e de questões referentes à docência, levando em conta uma articulação interdisciplinar, recorrendo a estratégias diversificadas para formular propostas de intervenção pedagógica ajustadas ao nível e às possibilidades dos alunos, aos objetivos das atividades propostas e às características dos conteúdos próprios às etapas da educação básica para as quais se preparou.

Eles também precisam compreender a pesquisa como um processo que possibilita a elaboração de conhecimento, o aperfeiçoamento da prática pedagógica e a construção de conhecimento em conjunto com seus pares, sendo um profissional linguisticamente competente, com visão crítica e conhecimento teórico-prático aprofundado sobre a língua estrangeira de sua opção, e também, gerencia o próprio desenvolvimento profissional tanto por meio de formação contínua, quanto pela utilização de diferentes fontes e veículos de informação, criando oportunidades de trabalho em sua área de atuação e condições favoráveis para o bom desempenho de sua profissão.

## **2.2 Os elementos culturais em situação no curso de Letras-Espanhol**

No período da pesquisa de campo, estabeleci conversações com os estudantes do curso de Letras-Espanhol, ano 2016 e 2017, assim como observações do espaço do Campus de Abaetetuba e do local onde funciona o referido curso. Algumas observações aconteceram na sala 13, do bloco de Letras, e em um primeiro momento pude perceber a falta de um espaço certo para o trabalho docente de língua estrangeira, pois este mesmo lugar é dividido pelos outros cursos, como o de língua portuguesa, isto se explica pelo fato do curso de língua espanhola ser vinculado a faculdade de ciências da linguagem, não apresentando uma direção independente, mas somente uma coordenação. Comecei a tomar nota de algumas informações sobre os estudantes da turma de Letras-Espanhol 2016, na disciplina recursos tecnológicos no ensino do espanhol, em que os discentes teriam que apresentar um trabalho a respeito das TIC'S.

Observei a sala de aula, e esta não apresenta muita reação para o estudo da língua espanhola, pois não há quadros, desenhos, cartazes ou algo relacionado a literatura ou a cultura; percebi que os alunos se encontram à vontade com seus companheiros, discutindo a respeito da apresentação do trabalho; seus comportamentos sem nenhum constrangimento, mostra um bom comprometimento com o curso. As apresentações começaram e percebi o bom esclarecimento e o gosto pela língua espanhola, em vista de uma boa oralidade entre alguns alunos, de maneira precisa e com uma excelente explicação. Porém, há outros estudantes que ainda apresentam dificuldades de expressão, e a partir disso perguntei como eles estavam trabalhando para melhorar esse processo de comunicação e muitos me falaram que ouvem músicas de cantores latinos e também espanhóis, assim como assistem séries no canal Netflix em língua espanhola; uma dessas séries se chama “La casa de papel”, com áudio e legenda em espanhol.

Há uma necessidade dos estudantes de mostrar o desejo de melhorar e trazer materiais importantes para as classes e, entre eles, observei a questão do crescimento dos ideais feministas; essa influência surgiu de alguns professores que discutem a questão da mulher na sociedade e, com isso, percebi o interesse de um grupo de estudantes em obras em língua espanhola que trabalhem essa questão; inclusive, alguns estudantes pesquisarão em seu TCC obras que retratem o papel da mulher na sociedade.

Percebi, ainda, um bom envolvimento com a disciplina a partir do momento que se comprometem em preparar suas apresentações; algo importante de observar é a postura dos estudantes, pois alguns já se comportam como professores, na maneira de falar, a postura diante dos colegas, enfim; entretanto, há outros que não conseguem ou não demonstram essa postura, o que pode sugerir uma não identificação com a língua estrangeira. Os discentes relatam a satisfação em organizar as atividades de tecnologia, mostrando o envolvimento com o curso e as expectativas da vida profissional que os espera.

Algo significativo é a ocupação do espaço na sala de aula, já que cada um se acomoda sempre no mesmo lugar com as mesmas pessoas; em alguns momentos, percebi a falta de comunicação de alguns alunos, o que pode inviabilizar a realização de trabalhos, e sugerir que este estudante não esteja interessado pela disciplina e provavelmente pelo curso.

Em outra observação, a turma estava composta por apenas 11 alunos devido a uma greve que ocorreu no dia da aula; a aula aconteceu no Laboratório de Multimeios, um espaço da universidade que se utiliza de equipamentos eletrônicos, como computadores com *internet* para fazer pesquisa, e também aparelhos para o estudo da fonética e fonologia de língua estrangeira. Os estudantes precisaram realizar uma atividade com o livro didático buscando atividades de TIC'S para o ensino de línguas estrangeiras e precisaram responder algumas perguntas sobre manuais; percebi um pouco de timidez de alguns, que pode ser por falta de leitura e conhecimento do assunto.

Há um bom contato dos estudantes com os equipamentos, o conhecimento de *internet*, de *sites* com conteúdo em língua espanhola, principalmente porque eles buscam textos de autores latino americanos, como já foi dito anteriormente, a respeito do feminismo, e da figura da mulher na sociedade. Nesse momento, é perceptível a expressividade dos alunos ao tema, e o mais importante é o espanhol sendo falado como maneira de expressar seu conhecimento. O espaço do laboratório é limpo, as paredes estão sem cartazes ou algo que se refira a língua espanhola; isso pode de alguma maneira interferir na constituição das identidades desses alunos, principalmente no que concerne a questão cultural.

Algo importante que foi observado é que neste momento do curso, alguns alunos já não utilizam uma identificação do curso de espanhol, como, por exemplo, as camisas. Eles me explicaram que já não gostam de mostrar que fazem o curso porque perceberam a importância de adquirir conhecimento no espanhol e não “ostentar” uma formação na federal; alguns estão insatisfeitos com a política atual e, principalmente, com a exclusão do espanhol da grade curricular das escolas, estão com medo da falta de emprego. Muitos estão perdendo a vontade de estudar, talvez por isto ou por outra razão.

Em outro momento da observação na turma de Letras-Espanhol 2017, em que se encontravam na disciplina de Literatura Hispano-americana, no primeiro momento o professor chamou a atenção pela falta de leitura dos estudantes, algo importante para sua formação crítica, e após isto, eles deverão explicar algo em relação ao conteúdo estudado, que foi dividido em períodos e cada um explorando um aspecto. Os estudantes encontram-se calados e apresentam um pouco de timidez ao se expressar, porém, alguns tomam nota e explicam o conteúdo; neste momento percebi que os materiais mais utilizados são os livros e artigos publicados em revistas internacionais.

**Figura 3 - Estudantes do Curso de Letras-Espanhol 2017**



**Fonte:** Freitas (2019)

Observa-se na foto o espaço utilizado por esta turma, percebe-se que não existe nada relacionado com o ensino de língua espanhola nas paredes, alguma que chame atenção para isto, porém esses cartazes colados são de uma atividade de recursos tecnológicos no ensino do espanhol, mas serão retirados assim que terminar o semestre letivo para ser feito a limpeza do local. Notam-se os estudantes fazendo a leitura de um dos textos literários trabalhos pelo professor naquele dia, algo relacionado à literatura hispano-americana, disciplina que era ministrada pelo professor naquele dia.

Os discentes explicam o conteúdo da aula em espanhol, algo importante para o processo de constituição de identidade, pois já se percebe que alguns estudantes dominam muito bem a língua, mesmo com alguns equívocos. Dentro de sala de aula, nota-se a questão do recurso tecnológico, o uso do Datashow e aparelhos de som, porém, o espaço é vazio de elementos culturais, não havendo cartazes indicando países ou algo semelhante; as carteiras vazias encontram-se em filas indianas e outras ocupadas estão em forma de “U”; os discentes estão sentados um ao lado do outro, mostrando a questão do companheirismo entre eles. A turma está composta de 17 alunos, sendo 2 de outra turma.

Durante o percurso da aula há interação dos estudantes com o professor em relação ao conteúdo estudado, sempre ressaltando a questão da oralidade, as aulas, os diálogos são em língua espanhola. Alguns escrevem sobre o assunto, outros interagem, apesar de pouco, mas o fazem, e outros apenas escutam. Observei a utilização de alguns aparelhos tecnológicos, como

*notebook* e celulares relacionados ao conteúdo ministrado. Algo importante na observação foi que os estudantes que se encontram em sala de aula querem, realmente, ser professores de espanhol, o que foi revelado em uma conversa informal na hora do intervalo, quando eles me explicaram que apesar de difícil à compreensão de alguns textos, a Literatura está modificando seu pensamento e maneira de enxergar o mundo, as pessoas.

A Literatura, do ponto de vista discente, está trazendo muitas questões como a violência contra a mulher, o papel da mulher na sociedade, assim como a interpretação de diversos programas que antes eram vistos como algo banal, como, por exemplo, dentro do seriado Chaves, eles passaram a estudar o comportamento do professor Girafales, uma pessoa que auto se define intelectual, com suas roupas sempre impecáveis, de terno e gravata, e pelo fato de ser Pedagogo, tem solução para tudo. Isto me chamou atenção pelo fato que estes estudantes estão começando a trazer estes ensinamentos para sua vida tanto pessoal como profissional.

Em determinados momentos, se observou, neste espaço a presença dos trabalhos de tecnologia do ensino do Espanhol afixados nas paredes da sala de aula, de uma forma simples, porém, se torna bastante significativa. Depois do intervalo, os estudantes fizeram uma atividade crítica sobre determinado livro e, no segundo momento da aula, os estudantes fizeram uma interação como o professor discutindo a respeito da independência na América Latina. Os alunos e alunas falam, questionam, criticam o que já pode ser considerado o primeiro passo da Literatura na constituição das identidades de professor de língua espanhola. Durante todo o processo, os estudantes fizeram a leitura da lamina do professor e interagiram com este, demonstrando interesse e domínio naquilo que estão falando.

Em outro momento da observação na turma de Letras-Espanhol, ano 2017, na disciplina de Literatura Hispano-americana, em que o professor começou a discutir a respeito da obra *O Alienista*, de Machado de Assis, mostrando a forma crítica de analisar a obra. Os alunos escutaram, e as vezes interagiram sobre o tema; outra parte ficou calada somente observando os comentários; alguns utilizaram aparelhos eletrônicos, como *notebook*, *tablet*, *celular*, buscando informações sobre o assunto no momento de estudo.

O professor fez uma pergunta e dois alunos se manifestam respondendo em língua espanhola, o que mostra que já apresentam algumas características relacionadas à constituição de identidades, pois estes apresentam um domínio da língua. As respostas são coerentes com

o nível da pergunta feita pelo docente, pois contestadas de forma crítica, em que os discentes questionam e ao mesmo tempo conversam com o docente, tirando dúvidas e apresentando questionamentos, e nesse momento, a turma se encontra em maior número, está com 17 alunos, sendo 2 de outro grupo, e observei também que os trabalhos de Tecnologias ainda se encontram afixados na parede da sala, identificando o espaço como área de ensino e a aprendizagem de língua estrangeira.

Durante a aula foi utilizado o programa mexicano Chaves para exemplificar determinados assuntos que fazem parte dos nossos dias atuais, mobilizando os estudantes pelo fato dos mesmos conhecerem o seriado, a aula contou, também, com o uso da *internet* para mostrar vídeos voltados a Literatura, apresentados em Língua Espanhola; o vídeo foi discutido e os estudantes se manifestaram sobre os assuntos abordados. Em certo intervalo, os estudantes comentaram sobre o evento de Literatura hispano-americana, em que se trataria de diversos assuntos relacionados à Literatura e sobre a figura feminina; muitos iriam participar tanto da organização, como apresentando trabalhos, e após o intervalo, houve um trabalho com o vídeo sobre *O Alienista*, e os alunos discutiram sobre isto, eles teceram a discussão crítica em língua espanhola, e neste ponto posso dizer que a Literatura é muito útil no desenvolvimento crítico dos estudantes, fazendo estes dialogarem na língua estudada e trabalhar as questões de cunho social.

Nas observações e conversas que foram acontecendo no decorrer da pesquisa, pude perceber determinados aspectos que são fundamentais na questão da constituição das identidades, um deles envolve o fato de alguns estudantes ainda não gostarem do curso, porém, estão cursando e vão concluir, pois falta pouco tempo para o término e, na visão deles seria muita bobagem jogar quatro anos de uma vida no lixo; outros gostam do curso de espanhol, porém tem a preocupação com o mercado de trabalho, levando em consideração que o espanhol saiu da grade curricular de muitas escolas, e isso gera certa insegurança nos discentes, que visam ao emprego depois de um tempo na universidade.

Outros são apaixonados pelo espanhol, falam de uma maneira satisfatória o idioma, sendo que no início não gostavam de estudar a língua, e no decorrer do curso ficaram satisfeitos com sua aprendizagem. Algo muito importante que percebi nas conversas informais foi o fato de muitos afirmarem que com o passar do tempo e os conteúdos que iam aprendendo, eles começaram a ser mais tolerante com as pessoas, a família, os amigos, os filhos, respeitam mais as opiniões e quebraram muitos tabus impostos pelas pessoas ao seu



redor, sua visão de mundo ficou mais ampla e eles conseguem discutir melhor qualquer assunto, sem vergonha e sem medo de sofrer alguma bronca por coisas ditas ou algo parecido.

Nesse contexto, também há o fato de que muitos estudantes são egressos do Ensino Médio, poucos fizeram uma primeira habilitação, por isso alguns me disseram que apresentam uma postura de ensino médio na universidade, e que isso demorou a sair da vida deles; há também o fato de cumprirem um horário diferente do praticado na escola básica, dos professores não ficarem chamando a atenção para as aulas, dos trabalhos serem diferentes, pois muitos professores solicitam elaboração de artigo, e como eles não são acostumados nesta dinâmica, têm muitas dificuldades em produzi-los, porém, com o tempo, as disciplinas e os professores ajudaram a mudar esse pensamento.

Uma situação lamentável que presenciei neste momento foi a desistência de muitos alunos, jovens com muito potencial, que sempre se dedicaram as atividades e eventos relativos ao curso de espanhol. Outros estudantes pensaram em desistir, pois ficaram tristes com a desistência dos colegas, motivados pela preocupação com o mercado de trabalho; porém, alguns professores incentivaram os estudantes a continuarem o curso, sugerindo que organizem uma viagem à Argentina, para colocar em prática o espanhol que aprenderam na universidade.

Outra situação que me chamou bastante a atenção foi o fato de muitos, grande maioria, dos estudantes de Letras-Espanhol, ano 2016, estarem ligados a Literatura, principalmente a Feminina e a de Resistência, a questão da mulher negra e outras também na sociedade, como elas estão se comportando, sua liberdade, a maneira como são descritas pelos autores e como são vistas pelas pessoas. Isto está levando muitas alunas a pensar em seus comportamentos com os maridos, namorados, noivos, companheiros, não deixando certos comentários sem resposta e questionando praticamente tudo. Uma estudante me disse o nome de alguns escritores da América Latina que eles estão lendo atualmente, são eles Juan Rulfo com a obra *Pedro Paramo*; Maria Luiza Bambal, com "*La Última Niebla*", Roberto Bolaño; Pedro Lamebel com "*Crónicas*"; Fernando Vallejo com *La Virgen de los Sicários* e Pedro Henrique Ureña.

Essa questão foi bem desenvolvida devido ao grupo que trabalha diretamente na Literatura, principalmente de Resistência e Feminina, o grupo de pesquisa denominado José Martí. Dentro do curso de Letras-Espanhol há um projeto de cultura desenvolvido pelo Prof.

Dr. Marco Chandía Araya e organizado pelos estudantes do curso de Língua Espanhola que fazem parte do citado projeto; eles são 10 estudantes, das turmas de Espanhol 2016 e 2017; e neste momento outros discentes estão fazendo parte do grupo, no caso os estudantes das turmas de 2018 e 2019, que tem por interesse divulgar nosso curso e ao mesmo tempo trabalhar cultura em todos os aspectos, principalmente a Literatura como instrumento de consciência crítica dos cidadãos.

Em conversa com o professor e os referidos alunos, estes informaram que o projeto tem como intenção a ocupação do Auditório Toca-Tocantins com atividades de cunho artístico-culturais, e de criar um ponto de referência, real e simbólica da cultura da América Latina, integrando todas as realidades, que são hispano-luso americano, sendo uma maneira de difundir e promover ações e pensamentos da região a partir de sua própria realidade. Além disso, vem ressaltar o valor da figura do prócer cubano libertador da América, José Martí. Eles falam da importância de agregar o Projeto Cultural José Martí, do Curso de Letras-Espanhol, criado em maio de 2018, pois os mesmos já realizaram uma série de atividades e eventos culturais no Auditório Toca-Tocantins. E, por último, que existem duas zonas dentro do mesmo espaço: uma sala de cinema ao fundo, e o espaço aberto que serve como antessala da mesma, aquela que se deseja adaptar como um puro e único grande espaço dos eventos culturais.

**Figura 4 – Alunos do Grupo de Pesquisa José Martí**



**Fonte:** Freitas (2019).

Neste momento da foto, os discentes estavam reunidos com o intuito de organizar o evento que ocorreria em dezembro de 2018, assim como criando estratégias para chamar mais estudantes para participarem do grupo José Martín, pois como este se encontrava em processo de formação, faltava divulgação por parte dos estudantes responsáveis por este, levando seus objetivos e importância de participar de um grupo que discute temas tão relevantes à sociedade, como a figura feminina nos tempos atuais e seu papel na sociedade entre outros assuntos.

Todo o processo do projeto irá configurar ideia de um Centro de Estudos Culturais e Literário Latino-Americanos da Amazônia que possa reunir, divulgar, promover e organizar um espaço de conhecimento crítico e reflexivo sobre a América Latina. Centro, eixo, instituto ou núcleo autônomo com capacidade de gerar recursos para atividades culturais e acadêmicas (congressos e, se possível, um Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais e Literários Latino-Americanos), com o objetivo de instalar uma referência que pense em e deste espaço amazônico para a região em seu conjunto.

A Literatura está sendo um elemento cultural de grande importância para a constituição das identidades dos estudantes, pois estes passaram, através das leituras, a perceber a necessidade de respeito e de questionar sobre seus direitos e deveres, a se notar como professor de língua espanhola, no meio da sociedade. Prova disso foi uma das conversas que tivemos, pois houve uma aluna que relatou sobre sua relação com os pais; disse ela que seu pai é muito machista, acha que mulher não precisa estudar, tem que ser mãe, cozinhar, entre outras coisas.

Ela me disse que está conseguindo lidar com ele e o próprio começou a mudar de opinião, aceitando certos posicionamentos dela que antes eram rejeitados. Essa mesma estudante disse que hoje aceita muito mais os pensamentos dos homossexuais, algo que não acontecia muito também por influência da religião em sua vida. Outra aluna relatou que não questionava, não lutava pelos seus direitos e que atualmente nada passa despercebido em seu olhar, pois está em constante mudança, sempre querendo aprender mais sobre a vida, as pessoas e o mundo, e tudo isto surgiu após suas leituras, que no seu entender são libertadoras.

Em conversas com os estudantes do Curso de Letras-Espanhol, entrou em discussão a questão do curso de espanhol e suas identidades, todos me disseram que o espanhol mudou significativamente suas vidas, na realidade a universidade e, por consequência, o curso

modificou seus pensamentos em relação à vida, aos costumes de sua casa, e entre outros fatos, a ideia de que o espanhol é um português mal falado, sem regras. Eles perceberam a importância de conhecer o outro, respeitar seus desejos e acima de tudo, ter a tolerância tão importante para uma excelente convivência em sociedade.

Uma aluna relatou o seguinte:

*Eu não conseguia entender as pessoas, achava que tudo estava baseado na religião, na minha família homem é homem e mulher é mulher. Agora respeito meus semelhantes, principalmente porque as leituras me auxiliaram para chegar neste ponto de minha vida (aluna Fernanda, do Grupo de Pesquisa José Martí, ano 2016).*

Outra conversa que me deixou particularmente animada, foi quando me disseram que apesar das dificuldades, eles estão apaixonados pela língua espanhola; falar a língua espanhola para eles é algo essencial, para se sentirem felizes e realizados como estudantes de Espanhol, pois afirmam que se sentem identificados com o idioma. Dentro deste Projeto Cultural José Martín, existe uma proposta de trabalho com o cinema, em conversas com os alunos, estes me disseram que há uma grande importância do cinema latino-americano na difusão cultural, pois assim como na Literatura, os filmes com um matiz crítico e não comercial, está sempre presente a realidade particular do país de origem, e a representação do contexto sociocultural latino-americano, por isso que, à parte de melhorar o exercício das destrezas idiomáticas, difunde um conhecimento sobre o universo que envolve a criação de filmes específicos.

Com isso, se pretende realizar uma mostra mensal de um filme, no possível da maioria dos países falantes de espanhol que tivera ou tenha tido certa repercussão a nível nacional e internacional e que aporte a uma reflexão crítica sobre o universo que retratam, após cada sessão, terá um espaço de discussão depois de cada filme. São encontros que necessariamente deveriam estar em espanhol e legendado em português e aqueles em que, nos quais não há legendas, sejam os próprios alunos quem as realizem. Para os dois primeiros anos pretendemos mostrar, fora as mostras de cinema e documentários que já se realizaram, um em cada mês e podem ir rodado durante os dois anos seguintes (desde que sejam clássicos ou de caráter básico para a reflexão e conhecimento da região).

Os estudantes relataram que serão esses filmes trabalhados entre os meses de Março a Dezembro de 2019: Cinema, Aspirinas e Urubus (Brasil); Machuca (Chile); El secreto de tus ojos (Argentina); Ixcantul (Guatemala); La virgen de los sicarios (Colômbia); Ratos, ratones y rateros (Equador); La teta asustada (Peru); Amores perros (México); Fresa y chocolate (Cuba); Siete cajas (Paraguai); El club (Chile); A cidade de Deus ou Estação central (Brasil); Días de Santiago ou Pantaleón y las visitadoras (Peru); La hamaca paraguaya (Paraguai); Diarios de motocicleta (Argentina); Zona Sur (Bolívia); El Abrazo de la Serpiente, La estrategia del caracol ou María llena eres de gracia (Colômbia); Desde allá ou Pelo malo (Venezuela); La ley de Herodes (México); Whisky (Uruguai).

**Figura 5 - Filmes já divulgados e trabalhados pelos estudantes do Grupo Cultural José Martín.**



**Fonte:** Freitas (2019)

Na foto acima, tirada no espaço do professor coordenador do projeto José Martí, mostra os filmes já trabalhados pelo grupo, assim como o cartaz da festa de inauguração do projeto descrito na pesquisa, com o intuito de divulgar as atividades realizadas pelos estudantes do curso de Letras-Espanhol, assim como trazer mais pessoas para o interior deste grupo, fazendo com que as obras literárias sejam conhecidas e espalhadas pela cidade de Abaetetuba e outros espaços.

As discussões, segundo os estudantes, buscam trabalhar a compreensão que o enredo do filme despertou nos telespectadores, se eles lembraram alguma situação semelhante em suas vidas, como eles enxergam a história em um ponto de vista crítico, voltado a sua realidade, caso o filme envolva a questão feminina, de submissão, como isto pode afetar o comportamento das mulheres nos dias atuais, como a mulher pode se libertar de situações agressivas, de assédio, em fim, esse momento objetiva uma conversa entre as pessoas, e com isso desenvolvendo uma constituição de identidades nesses estudantes que trabalham no projeto, pois acaba desenvolvendo seu caráter e sua personalidade diante das situações do cotidiano.

Também, se desenvolve um trabalho com as artes cênicas, tendo como base a montagem teatral em roteiros adaptados da literatura clássica latino-americana ou de criações próprias, resultando sempre uma poderosa ferramenta que melhora tanto a linguagem verbal-oral como a não verbal, demonstrando a força comunicativa que exerce o corpo dentro de um ato artístico integral. Por trás de uma peça dramática, há uma equipe multidisciplinar que trabalha de maneira coordenada para mostrar seus resultados ao público. Segundo os membros do grupo haverá uma valorização da encenação, mas, sobretudo o intenso e disciplinar processo realizado por seus membros.

De acordo com os estudantes está sendo formado um grupo que funcionará como uma oficina criativa onde, cada certo tempo, exibirão peças teatrais. Alunos apaixonados por arte dramática, música, dança, decoração e edição fazem parte dessa equipe emergente que conhece a riqueza do gênero e o potencial que tem, como o cinema, para divulgar a arte e a cultura latino-americanas. Por enquanto, o grupo é formado por alunos do curso de espanhol, mas esperamos que num futuro próximo possamos incorporar outros membros da comunidade universitária com passatempos semelhantes. Alunos, professores e técnicos interessados em teatro e em língua espanhola.

Como um modo de preparação para a escola, surge a ideia de uma primeira abordagem com a prática pedagógica focada em três grupos distintos e realizadas por alunos com um nível médio ou avançado do espanhol. Estes grupos seriam crianças, jovens e adultos vizinhos; estudantes de outros cursos, professores, técnicos e funcionários do Campus; e alunos do mesmo Curso, iniciantes ou com dificuldades que necessitem reforçar seus conhecimentos através de seus semelhantes. Além disso, conforme os estudantes relatam, os efeitos favoráveis que produzem no ensino-aprendizagem o trabalho entre coalunos.

Não se exclui a possibilidade de que a escola cobre um valor razoável por suas aulas. Preço que iria a benefício direto do fortalecimento desta instância de formação alternativa e por certo como um incentivo válido para estes futuros docentes que estariam realizando uma espécie de pré-prática pedagógica. Tampouco se exclui convidar à escola, e em geral às atividades propostas, ex-alunos sejam por sua experiência ou por encontrar-se alguns parados. A escola também deveria formar um grupo de estudos que difunda o conhecimento e dê apoio aos estudantes que o requeiram (Grupo de estudos).

Como primeira ação, propõe-se intervir no Campus, instalando junto aos avisos em português que tem cada dependência ou seção (salas, escritórios, banheiros...) seu equivalente em espanhol. Tarefa que podem assumir indistintamente as equipes da Escola ou do Mural. E cujo centro de ação é o Toca Tocantins. Lembrando que a professora da disciplina Libras já realizou uma atividade semelhante, o que levou os estudantes e professor a idealizar algo parecido com o intuito de divulgar mais a Língua Espanhola no Campus.

**Figura 6 - Espaço destinado às atividades culturais do Projeto José Martí**



**Fonte:** Freitas (2019)

Esta foto mostra o espaço do auditório Toca Tocantins que será utilizado pelos estudantes do projeto para desenvolver suas atividades culturais. Percebe-se a existência de alguns jogos, pois nas horas vagas os estudantes de outros cursos também se utilizam deste espaço para fazer momentos de lazer, relaxar e conversar com os amigos. Nota-se enfeites

feitos de miriti, isto é uma forma de mostrar um dos elementos mais importantes existentes no município de Abaetetuba, e também uma forma de marcar a identidade local.

Durante a pesquisa de campo, nos dias 3 e 4 de dezembro de 2018, ocorreu o primeiro evento relacionado a questões culturais no curso de Letras-Espanhol chamado de Encontro Cultural Latino Americano José Martí, organizado pelos estudantes do Grupo de Estudos José Martín. Este evento teve como objetivo mostrar os diversos trabalhos de estudantes tanto de Língua Espanhola, como de outras línguas estrangeiras, no que concerne o aspecto cultural que nos envolve, principalmente pelo fato de nos encontrarmos em uma situação em que a cultura esta sendo pouco valorizada pelos órgãos governamentais, como exemplo a saída do espanhol da grade curricular das escolas. No meio de apresentações do coordenador do grupo de estudos, estudantes do curso de Letras-Espanhol, houve as comunicações que me mostrou o quanto de conhecimento cultural tem os alunos, principalmente na parte de literatura, que foi o aspecto que mais predominou no encontro cultural.

**Figura 7 – Mesa de comunicação do Evento Cultural José Martí**



**Fonte:** Freitas (2018)

Nesta foto temos os estudantes do grupo de Letras-Espanhol 2016 apresentando uma comunicação no evento, percebe-se a presença feminina de uma maneira integral, essas estudantes estão se utilizando da literatura para lutar pelos direitos na sociedade, conhecer os pensamentos de outros povos, e neste contexto também se observa as bandeiras de países



hispano-falantes, ressaltando que essas literaturas são voltadas para questões aqui da América Latina e de seus povos.

Na primeira comunicação que presenciei, tinha o tema de cordel chamado **“UN ANÁLISIS COMPARATIVO ENTRE LOS POETAS POPULARES ROSA ARANEDA Y ANTONIO MACEDO: CONOCER PARA ROMPER CON PREJUICIOS Y VALORARLOS.”**, esta comunicação retratava sobre como a literatura de cordel está presente no mundo, sua origem se relaciona com os versos cantados e recitados pelos chamados “Romanceiros” viajantes que de maneira oral fizeram com que essa literatura fosse conhecida em vários países, porém essa modalidade literária não é tão valorizada devido seu caráter popular. Com isso, a estudante do 7º semestre de língua espanhola mostrou seu objetivo em trabalhar esse tipo de literatura, devido a grandiosidade que esta apresenta. Nesta comunicação foram abordados dois autores de literatura de cordel chamados Rosa Araneda, do Chile, e Antonio Macedo, de Abaetetuba, tendo como finalidade romper com os preconceitos e esteriotipos que se constroem por falta de conhecimento e para conseguir tudo isto, a estudante se utilizou da pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e método comparativo com fontes primária e secundária com o intuito de encontrar semelhanças e diferenças entre as obras feitas em tempos e espaços distintos.

Na segunda comunicação tivemos a apresentação de outra estudante do curso de Letras-Espanhol, do 7º semestre, com o tema denominado **“LA MUJER AFRODESCENDIENTE EN LOS POEMAS “¿Y ME HABLAS DE LIBERTAD?” DE LUISA INÉS ACOSTA BAQUERO Y “HERMOSA MUJER AFRO” DE ANDREA GUERRA.”**, esta comunicação mostrou que na poesia afrodescendente se encontra diversas características do povo afro, desde de suas representações culturais, até as marcas da escravidão. Esses afrodescendentes, segundo a apresentação da estudante, representam luta diária, revolução e resistência histórica com o passar dos anos, entretanto quando se analisa a visão que se tinha da mulher afrodescendente nesse período, se percebe a situação alarmante, de discriminação social, de gênero, de origem e com sua relação de subordinação, desse modo seu objetivo era promover uma análise que permitisse a reflexão sobre como era a vida das mulheres afrodescendentes, muitas sofriam com a tortura, o abuso sexual, a perda de familiares. Isso foi feito através da leitura de poemas de Luisa Inés Acosta Baquero chamado de *“¿Y me hablas de libertad?”* e como houve mudanças ao passar do tempo por meio do poema de Andrea Guerra, denominado *Hermosa mujer afro*, e se usou de uma comparação

para mostrar as distintas formas de observar a mulher afrodescendente. Assim, pode-se perceber como os autores representaram a resistência da mulher afrodescendente existente na história, sua identidade e as marcas que elas nunca esqueceram.

Na terceira comunicação teve o tema **“LITERATURA COLOMBIANA AFRODESCENDENTE: VOZ AFROFEMENINA NO POEMA *NEGRA SOY* DE MARY GRUESO ROMERO.”**, e foi apresentado também por uma estudante de Letras-Espanhol, do 7º semestre, em que esta fala sobre papel da mulher e como foi construído sobre a perspectiva de uma figura incapaz de viver fora dos domínios de uma família patriarcal, que tinha o homem como a figura central, isto por ser considerada frágil e submissa. No que concerne o espaço da mulher afrodescendente, é possível dizer que este é mais limitado, uma vez que a história dessas mulheres remonta ao período da escravidão. Segundo a apresentação da estudante, houve com a evolução da história, uma mulher afrodescendente que sofreu inúmeras mudanças, de extrema relevância para reconhecimento deste gênero. Por isto, seu objetivo era apresentar como a voz afrofeminina é representada na literatura colombiana afrodescendente por meio do poema *Negra soy*, de Mary Grueso Romero, de maneira a evidenciar a visão feminina na literatura, e, além disso, como a autoria feminina marca o momento em que as mulheres iniciam seu protagonismo na literatura colombiana. E durante seu processo de estudo, se permitiu observar que, a literatura feita por mulheres afrodescendentes é uma maneira de manter viva a história e a identidade étnico-racial deste grupo, bem como que a produção poética é um instrumento de orgulho negro e resistência ante a sociedade.

Na quarta comunicação, houve um tema chamado **“LA LIBERTAD SEXUAL FEMENINA EN EL POEMA “TÚ ME QUIERES BLANCA” COMO EXPRESIÓN DE RESISTENCIA AL MACHISMO EN EL INICIO DEL SIGLO XX”**, apresentado por uma estudante do 7º semestre de Letras-Espanhol, em que mostra como o machismo foi um estereótipo social que predominou e ainda predomina na sociedade, porém, neste momento do início do século XX, surge de maneira mais acentuada, ao qual oprimiu principalmente as mulheres, que tiveram um modelo de vida opressivo, de regras absurdas, isto porque elas eram vistas como seres frágeis, sensíveis e intocáveis. Entretanto, no período final do Século XIX e princípios do Século XX, surgiram grandes mulheres, a maioria escritoras, que buscaram reivindicar seu lugar na sociedade e este estereótipo que as deixam tão obedientes. Na apresentação da aluna, ela retratou que seu objetivo era mostrar a resistência feminina presente no poema denominado **“tú me quieres blanca”** de Alfonsina Storni, em que apresenta a reivindicação da autora pelos direitos de liberdade sexual da mulher neste

momento histórico. Permitiu-se observar o existencialismo feminino presente nas palavras da autora, assim como os conceitos e conflitos sociais existenciais da época que ainda se percebe nos dias atuais, bem como a necessidade de igualdade e liberdade entre homens e mulheres.

Na quinta comunicação, houve uma situação bastante interessante, pois encontrei outra estudante do 7º semestre apresentando o mesmo tema de uma estudante anterior, no meu entendimento isso mostra a questão da cultura, dentro deste instrumento a Literatura, como ferramenta importante na constituição das identidades desses discentes, pois buscam pela mesma temática, discutem os mesmos objetivos. O título da comunicação foi “EL ORGULLO NEGRO MARCAS DEL AFROCOLOMBIANISMO EM NEGRA SOY DE MARY GRUESO ROMERO” e foi discutido que a obra citada, escrita em 2008, pela poeta caucana Mary Grueso Romero, faz um resgate a negritude e esta sendo descendente de escravos reforça em suas obras a identidade afrodescendente, especificamente do povo afrocolombiano, em que retrata o momento da escravidão, além dos abusos cometidos contra os negros ao largo da história. A autora destaca a sociedade colombiana e a identidade da mulher negra, forte que valoriza sua ancestralidade, além de apresentar um discurso feminino afrocolombiano. Também destaca a religiosidade, a cultura e ainda a beleza da região do pacífico que contribui para enriquecer seus poemas sem esquecer as histórias dos enfrentamentos e da resistência que são marcas de seu povo afro-colombiano, se observa a defesa da negritude e ancestralidade negra que contribui para fortalecer a identidade do povo, que pertence a raça negra, principalmente das mulheres da região.

Na última comunicação que observei, se percebe a presença de uma aluna egressa do curso de Letras-Espanhol, hoje professora da Língua e sua importância, pois se percebe como esta constitui sua identidade como docente de língua espanhola, por meio da Literatura. Seu tema foi “**LO FANTÁSTICO EN EL CUENTO “EL ALEPH” DE JORGE LUÍS BORGES**”, que mostrou um breve resumo da literatura contemporânea, e explicou os movimentos literários e as vanguardas hispano-americanas surgidas dela e seus representantes. Fez uma discussão pela literatura fantástica hispano-americana falando de seu desenvolvimento e o movimento mais significativo dos anos sessenta: o “boom” latino-americano. Fez uma reflexão sobre o fantástico no conto “El Aleph”, do escritor argentino Jorge Luís Borges, com o intuito de difundir sua importância nas letras latino-americanas. Por isso, a professora tem como objetivo refletir sobre as características da literatura fantástica presentes na escrita do autor, explorando o contexto da obra a fim de entender seu valor e difundir mais este gênero narrativo. Com esta análise, a docente buscou criar um espaço de

reflexão, com finalidade no público leitor e em especial os estudantes de espanhol e de literatura no contexto da cidade de Abaetetuba, se sintam motivados a conhecer e valorizar o trabalho de autores de literatura fantástica, aos quais seriam representados por Borges, que foi um dos maiores escritores deste gênero no século XX.

### **2.3 Curso de Letras-Espanhol do Campus Universitário de Abaetetuba**

Em 2012, fiz o concurso para ingressar como professora de língua espanhola do Campus de Abaetetuba. Foi muito árduo, porém estou exercendo hoje a profissão que tanto admiro. Nesse momento, entrei em contato com Projeto Político do curso, do ano de 2012, e por meio deste obtive algumas informações do curso de Letras-Espanhol, que nos mostra a aprovação da habilitação em Língua Espanhola por meio da Resolução no. 2.777 de 9/2/2001 e sendo autorizada na UFPA por meio da Resolução 3.541/2007. No ano de 2009, foi criado o Curso de Licenciatura em Letras – Espanhol, no Campus Universitário de Abaetetuba, por meio de uma ação da Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL) e a Faculdade de Línguas Estrangeiras Modernas (FALEM), do Campus Belém.

**Figura 8 - Faculdade de Ciências da Linguagem onde funciona o curso de Letras-Espanhol.**



**Fonte:** Freitas (2019).

Na época aconteceu o fortalecimento do MERCOSUL, e devido a isto o ensino de espanhol se tornou necessário no contexto educacional brasileiro, o que foi confirmado com o advento da Lei nº 11.161/2005, que tornou obrigatória a oferta de língua espanhola nos estabelecimentos de Ensino Médio, e facultativa no Ensino Fundamental I e II, buscando

atender aos interesses político-econômicos do Brasil com países hispano-falantes. A oferta dessa disciplina, obrigatória para a escola e facultativa para o aluno, abre um novo horizonte para o ensino de LE (língua estrangeira) no país, em especial o espanhol, buscando uma reflexão acerca do lugar que essa língua pode e deve ocupar no processo educativo.

Diante do reconhecimento da importância do ensino da língua espanhola nas escolas brasileiras e do início da implantação da Lei, surgem alguns problemas que requerem soluções rápidas, isso em função do tempo que dispõe o Governo para viabilizar o que na Lei está escrito: implantação em até cinco anos a partir de sua promulgação, e um dos problemas a ser resolvido é a falta de professores habilitados para a prática do ensino desse idioma, isso porque existem apenas um número ínfimo de professores de espanhol e, ainda, a maioria desses é adepta de uma visão simplista e distorcida sobre a língua, assim como nem sempre são professores, na maioria são médicos, engenheiros, advogados que tentam a sorte lecionando a língua espanhola, aqui no Brasil.

Com a intenção de auxiliar no suprimento dessa necessidade de docentes que a FACL implantou, em 2009, tirando o vínculo do curso com o Campus de Belém, uma Licenciatura em Letras – Espanhol, como um espaço em que se podem disponibilizar meios para discutir teorias e métodos de ensino aprendizagem, unindo a expansão da demanda de professores dessa disciplina à qualidade de sua formação profissional, não apenas para atender às demandas do município de Abaetetuba, mas para atender a toda região do Baixo Tocantins e do Vale do Acará. Atualmente, o Curso de Letras-Espanhol do Campus Universitário de Abaetetuba obteve a nota 4 do Ministério da Educação (MEC), fato que ocorreu em uma avaliação *in loco* em agosto de 2017, possibilitando a continuação da oferta de turmas no Campus de Abaetetuba, em todos os turnos.

A partir da leitura feita no Projeto Político Pedagógico (2012), descrevi sobre o curso de Letras-Espanhol, este está localizado no Campus Universitário de Abaetetuba, na Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL), situado na Rua Manoel de Abreu, s/n, no bairro do Mutirão, com CEP 68440-000, telefone (91) 3751-1107/3751-1131, cidade de Abaetetuba, Estado do Pará. O ingresso ao curso se dá por meio de processo seletivo, ou de processos interinstitucionais, conforme o disposto nos artigos 116 a 129, do Regimento Geral da UFPA e no artigo 13 do Regulamento de Ensino da Graduação, apresenta 25 vagas, e funciona nos períodos matutino, de 07h30 as 13h00, vespertino das 13h30 as 18h00 e noturno, de 18h30 as 22h00.

Na questão da modalidade de oferta, o curso de Letras-Espanhol, no campus Universitário de Abaetetuba, será ofertado, de preferência, na modalidade presencial, com os períodos letivos previstos em Calendário Acadêmico aprovado pelo CONSEPE<sup>4</sup>, e apresenta duração mínima de nove semestres (quatro anos e meio) para o curso noturno/extensivo, para o curso matutino ou vespertino/extensivo e para o intensivo terá a duração mínima de oito semestres (quatro anos). O curso terá duração máxima de treze semestres (seis anos e meio) para o curso noturno/extensivo, e para o curso matutino ou vespertino/extensivo e para o curso Intensivo terá a duração de doze semestre (seis anos).

Sua carga horária total é de 3.200 horas, podendo funcionar em período Letivo Intensivo ou em período letivo extensivo, e na forma de oferta de atividades, as ofertadas em períodos letivos intensivos serão ofertadas na forma modular, e as atividades curriculares ofertadas em períodos letivos extensivos serão ofertadas na forma paralela ou nas formas paralelas e modular, podendo ser desenvolvida em uma fração do período letivo, em um período letivo completo ou além do período letivo, de acordo com as especificidades e necessidades de cada período letivo. Seu início ocorreu no ano de 2009, 3º período e sua avaliação externa é feita pelo ENADE<sup>5</sup>.

O curso de Letras-Espanhol, dentro do Projeto Político do Curso, ano de 2012, e na discussão com os estudantes, apresenta como objetivo a formação de educadores competentes na língua e cultura estrangeira em questão, que sejam capazes de assumir um posicionamento crítico e reflexivo que os levem a estabelecer relações dialógicas no âmbito de sua comunidade e além dela, sendo o curso organizado em regime seriado na forma modular para atividades curriculares ofertadas em períodos letivos intensivos.

As atividades curriculares, dentro do Projeto Político Pedagógico (2012), ofertadas em períodos letivos extensivos serão ofertadas na forma paralela ou nas formas paralela e modular, com a carga horária distribuída, de igual modo para as turmas ofertadas nos períodos

---

<sup>4</sup> O CONSEPE é órgão de consultoria, supervisão e deliberação em matérias relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão, assim como ao estabelecimento das normas que regem o Processo Seletivo para ingresso na UFPA, elaboração anual do calendário acadêmico, a aprovação de cursos de extensão, de pós-graduação, além de outras. O CONSEPE organiza-se pelas seguintes Câmaras: Câmara de Ensino de Graduação, Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação, Câmara de Extensão e pela Câmara de Educação Básica e Profissional, e se reuni, a cada mês, e extraordinariamente, quando necessário. Extraído de <http://sege.ufpa.br/consepe.html> Data: 30.05.2019

<sup>5</sup> O Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) avalia o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação, em relação aos conteúdos programáticos, habilidades e competências adquiridas em sua formação. O exame é obrigatório e a situação de regularidade do estudante no Exame deve constar em seu histórico escolar. A primeira aplicação do Enade ocorreu em 2004 e a periodicidade máxima da avaliação é trienal para cada área do conhecimento. Extraído de <http://inep.gov.br/enade> Data: 30.05.2019

Diurno e Intensivo, e com carga horária específica para as turmas ofertadas para o período noturno, nos quatro períodos previstos pelo calendário acadêmico da UFPA. Existem três grandes eixos que orientam a distribuição das habilidades e competências a serem desenvolvidas por um licenciado em LE (língua estrangeira): o primeiro está no eixo do uso da língua, que comporta os saberes linguageiros, enquanto o segundo se baseia no eixo dos saberes sobre a língua, que comporta os saberes metalinguageiros e culturais, e o terceiro se situa no eixo dos saberes sobre a prática profissional, que engloba os saberes necessários para ensinar LE. Esses três eixos articulam-se com equilíbrio e harmonia nos diferentes módulos do curso.

O primeiro bloco prevê uma série de disciplinas e atividades articuladas, sob a responsabilidade de diferentes professores, e tem como principal objetivo construir a base do conhecimento de língua do aluno, além de levá-lo a aprender LE (língua estrangeira), e os demais blocos abrigam disciplinas e atividades curriculares em sequência lógica, na medida do possível articuladas entre si, nas quais o conhecimento será construído conforme o estudante avance seu nível de Língua Espanhola.

### **2.3.1 Os Professores do Curso de Letras-Espanhol**

Em meio da minha pesquisa etnográfica, conversei com alguns professores do Curso de Letras-Espanhol, perguntei a respeito das suas atividades em sala de aula, como se relacionam com os estudantes, como eles trabalham a questão da identidade entre esses futuros professores de língua espanhola. Apesar da pesquisa não trabalhar com a figura do docente, foi necessário conhecer um pouco a respeito desses profissionais, e o que me deixou muito satisfeita foi à vontade de crescer e a busca constante por atualizações curriculares, assim como leituras diversificadas, tendo como exemplo os docentes de literatura que se utilizam de autores com ideias feministas para esclarecer e desenvolver o senso crítico dos estudantes, melhorando suas atividades acadêmicas, o que é de grande valia, pois estes muitas vezes buscam nos professores um espelho, alguém que possa ser exemplo no decorrer de sua formação.

Por meio das leituras que realizei no decorrer da pesquisa, percebi o quanto é importantes termos professores engajados na missão de ensinar língua estrangeira, pois não é uma tarefa fácil, é árdua, necessita de paciência e muita disposição para praticamente “Alfabetizar” outra pessoa em língua espanhola. Com isso, me utilizo das palavras de Teixeira

(1996) para mostrar que os docentes também se encontram inseridos na história e cultura dos grupos sociais com os quais lidam diariamente, Assim, é preciso considerar que os/as professores/as possuem corpos, pertencimentos étnicos, crenças religiosas e políticas, gênero e orientações sexuais e, apesar dos estereótipos, estão inseridos em segmentos sociais diferenciados. Os/as professores/as como sujeitos socioculturais são pessoas vivas, reais e plurais, que possuem projetos, desejos e significam suas experiências no mundo de formas as mais diversas, sob a influência de todas as dimensões que os constituem (TEIXEIRA, 1996).

Dessa maneira, os professores do curso de Letras-Espanhol, do Campus Universitário de Abaetetuba, estão presentes diretamente na vida e na formação desses estudantes, muitas vezes servindo de conselheiro amoroso, psicólogo, ou seja, trabalha com situações diversas em seu ambiente de trabalho. Por isso, a necessidade de uma formação para saber como lidar com esses estudantes em seu cotidiano. Desta maneira, busquei, por meio do Projeto Político Pedagógico do Curso, ano 2012, fazer o levantamento dos professores que compõe o quadro efetivo do curso de Letras-Espanhol, temos mestres, doutor e aqueles que estão em fase de qualificação para mudar sua titularidade.

Uma parte desse corpo docente ingressou em 2010, e apresenta título de mestre e leciona na área de Linguística, Fonética e Fonologia do Espanhol, leciona, também, nas áreas de Ensino e Aprendizagem em língua estrangeira, linguística e cultura espanhola, outros ingressaram entre os anos de 2012 e 2013. Alguns estão se qualificando para voltarem ao trabalho como mestres e doutores. O último a ingressar chegou em 2017 e apresenta o título de Doutor e leciona na área de Literatura latino-americana e espanhola.

Todos trazem consigo a missão de ensinar e formar professores de capacidade crítica, capazes de lidar com as adversas situações de uma sala de aula, assim como fazer com que esse estudante realmente termine seu curso com uma identidade constituída, gostando do que faz e buscando uma qualificação para melhorar cada vez mais seu espanhol e seu conhecimento, não ficando restrito apenas ao conhecimento adquirido na universidade, querendo aprender para mais tarde desconstruir e construir novamente, ou seja, mostrando que podemos mudar a cada dia, em cada novo desafio.



## 2.4 Cidade de Abaetetuba

**Figura 9 – Cidade de Abaetetuba**



**Fonte:** Recanto das Letras (2016)

Antes de iniciar este tópico relatando a respeito o Campus Universitário de Abaetetuba, vejo a necessidade de falar sobre a cidade que se encontra o referido Campus. Abaetetuba foi à cidade que escolhi como espaço de trabalho a partir do momento que fiz o concurso para professor efetivo da Universidade Federal do Pará, de primeiro instante imaginei que esta seria um lugar bem tranquilo, de vida leve, sem poluição das cidades, pessoas simples vivendo suas vidas, trabalhando na roça, tudo o que se espera de uma cidade de interior, porém após um período de convivência, percebi que “Abaeté” é muito mais que a terra da cachaça e dos Brinquedos de Miriti.

Com estas informações descritas acima, me utilizo de Canclini (2008) para discutir o conceito de cidade, que em até meados do século XX, esse pensamento urbano respondia a pergunta segundo a configuração física, ou seja, cidade é o oposto do campo, ou um tipo de agrupamento extenso e denso de indivíduos socialmente heterogêneos. Nas últimas décadas, segundo o autor, se caracteriza o urbano levando em conta também os processos culturais e os imaginários dos que o habitam. As cidades não existem só como ocupação de um território, construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes. O sentido e o sem sentido do urbano se formam, entretanto, quando o imaginam os livros, as revistas e o cinema, também pela informação que dão a cada dia os jornais, o rádio e a televisão sobre o que acontece nas ruas.

Canclini (2008) nos fala que nos centros urbanos se dramatiza uma tensão chave que seriam as totalizações do saber que as descrições das ciências sociais duras produzem e as destotalizações que geram o movimento incessante do real, as ações imprevistas, ou seja, aqueles ocos ou fraturas que obrigam a desconfiar dos conhecimentos demasiadamente compactos oferecidos pelas pesquisas e estatísticas. Com esta tensão, os estudos urbanos atuais dão lugar por sua vez às explicações demográficas e socioeconômicas, assim como às representações culturais nas quais se manifestam a heterogeneidade e a complexidade do social.

Logo, está sendo um grande desafio, para mim, descrever a cidade de Abaetetuba, pois estamos focados em teorias, métodos, autoras e autores que se encontram além de nós, distantes social e culturalmente. Falamos constantemente do outro, de seu conhecimento, do diferente, de algo que não está próximo nem físico e material, e quando nos vemos não distante, mas no centro do lugar do qual devemos analisar temos o sentimento de dúvida, de incapacidade, temos a ideia de que não somos capazes de realizar esta tarefa.

Para começar minha descrição, me utilizo de Pojo (2017) para mostrar que a cidade de Abaetetuba encontra-se à margem direita do Rio Meruú (Maratauíra), afluente do Tocantins. A partir de informações oficiais, pertence à microrregião de Cametá, compondo a mesorregião do nordeste do Pará, e está a uma distância de 101,5 km, em linha reta, da capital do Estado, Belém, e seu nome é originário da língua tupi guarani e significa: Terra de homens fortes e valentes. No município, existem as seguintes categorizações de distribuição geográficas que seria centro para discriminar a área urbana da cidade e, a área do campo para situar os ramais, as estradas e as ilhas.

Mediantes as informações da autora, temos o termo designado beira<sup>6</sup> que seria um espaço singular e de fronteira humana entre o dito interior e a cidade. Nela, segundo Pojo (2017) desde as cinco da manhã há uma grande concentração de pessoas, de embarcações e de produtos. A beira é símbolo da cidade, sendo, do ponto de vista cultural, uma manifestação popular (inclusive, é parte do roteiro turístico) e, ao mesmo tempo, de intercâmbio relacional (da produção e de pessoas) na construção da identidade local. Neste espaço, muitos de nossos alunos frequentam, ou por trabalho, ou porque é da beira que eles se deslocam até chegar ao

---

<sup>6</sup> Este termo se refere à feira existente naquele local, onde se localizam as feiras do açai, do peixe e de alimentos.

Campus Universitário, seja de moto, carro ou bicicleta, e também existe a condução da Universidade que leva e deixa os estudantes em seus respectivos locais de origem.

**Figura 10 – Beira – Feira de Abaetetuba**



**Fonte:** Recanto das Letras (2016)

Para realizar as travessias até o campo, e também a própria Universidade, o lugar inicial é a beira. Naquele local se encontra de tudo, o trançado de mototaxistas e taxistas gritando aos que chegam, em busca de uma corrida; os freteiros que surgem de diversos rios, trazendo pessoas e objetos que ali são desembarcados; a comercialização ‘escondida’ de carne de animais; Alguns docentes que se deslocam diariamente para ministrarem aulas nas escolas do campo e, ainda, as iguarias do café da manhã: mingau de açaí ou de miriti com arroz, sopa, tapiquinha. (POJO, 2017, p. 59)

Na maior parte de Abaetetuba, o rio é a rua, com nomes surgidos da sabedoria indígena, sendo o principal rio o Pará, fora os outros, que também são importantes para a vida social e econômica do lugar. Os inúmeros rios, igarapés e furos diferenciam o município em razão da dinamicidade das suas águas. Na cidade, há setenta e duas ilhas, além das trinta e cinco ‘colônias’ (ramais e estradas) e dos dezessete bairros na área urbana, sendo grande parte das ilhas habitada. Na parte urbana da cidade, o movimento começa às cinco da manhã, com o trânsito de pessoas do lugar e de municípios vizinhos que se encontram às portas das agências bancárias e dos comércios. Nas ruas, mototaxistas, pedestres, carros, carroças, movimentam-se freneticamente dando um aspecto diferente ao cotidiano, e por volta das doze horas, todos se recolhem para a hora do almoço, o comércio fecha as portas, o barulho oriundo de seu

grande movimento dá lugar a um quase silêncio, retornando geralmente após as três da tarde, mais precisamente as quatro e se mantendo até nove da noite.

Sua economia tem por base a pesca, a agricultura e as indústrias de produtos alimentícios, o que faz de Abaetetuba um importante polo comercial na região do Baixo Tocantins. A cidade é formada pelos bairros: São Lourenço, Centro, Algodual, Santa Rosa, São Sebastião, Mutirão, Aviação, Angélica, Cafezal, São João, Cristo Redentor, Francilândia, Santa Clara, São José, Castanhal e Bosque. Como é possível observar pelo nome dos bairros, a população abaetetubense é, em sua maioria, católica, dado confirmado pelo IBGE (2010). Vale ressaltar que a cidade surgiu de uma promessa feita pelo português Francisco Azevedo Monteiro que, em busca de especiarias amazônicas, enfrentou forte temporal e fez a promessa de construir uma capela à Nossa Senhora da Conceição no local em que aportasse a salvo. O português aportou às margens do Rio Maratauíra, onde a cidade de Abaetetuba se desenvolveu, como conta Gomes (2013) citando Luís Reis (1969).

Para discutir um pouco mais a questão das cidades, me utilizo de Agier (2011) para descrever que os lugares próximos do cidadão são aqueles com os quais ele se identifica o mais espontaneamente possível, são espaços de sobreposição quase perfeita entre um quadro físico e um sentimento de pertencimento a uma coletividade, por menor que ela seja e da qual retira sua primeira forma de identidade entre outras mais afastadas, logo, segundo o autor, é importante fazer uma observação repetida dos mesmos indivíduos e meios sociais para se dar conta do caráter efêmero dos grupos domésticos da cidade.

Ainda na visão do autor, se apresenta uma grande importância das situações rituais na vida urbana, e deve-se também ao fato de que são o lugar de um deslocamento da atividade propriamente ritual para uma criação artística, fazendo surgir as artes de rua, e entre rito e performance, a relação é estreita e a progressão pouco perceptível, no primeiro trata-se de exprimir uma força, uma identidade ou uma visão sobre um modo de comunicação simbólico partilhado pelo público, na performance tende a uma atividade mais estética do que ética, na qual a forma da criação perdura, se estiliza, e toma eventualmente o lugar da mensagem inicial, trazendo uma renovação de sentido em função dos novos quadros sociais.

Dessa forma, Abaetetuba é considerada como contexto social em que os significados são produzidos e as identidades são constituídas e se entrelaçam em diversos espaços e eventos específicos, como nas festas profanas e tradicionais, bem como nas festividades

religiosas. Entre essas festividades destaca-se a de Nossa Senhora da Conceição, padroeira abaetetubense, comemorada no dia 08 de dezembro, iniciando no dia do Círio e encerra no dia da Festa, foi marcado pela presença do parque e a venda de bebidas na Praça de Conceição, entretanto houve modificações na estrutura da praça e na organização da festividade. Nesse período da Festividade se constitui como um momento propício para passear, se relacionar com pessoas novas ou mesmo encontrar com aquelas já conhecidas.

Quando falamos de Abaetetuba é importante ressaltar o tão famoso Miriti Fest, ou o Festival do Miriti, pois a cidade carrega o título da Capital Mundial dos Brinquedos de Miriti. Esse título nos mostra a importância atribuída aos brinquedos de miriti, pois eles se constituem como fonte de renda de muitas famílias abaetetubenses, fomentando a cultura local, bem como pela relevância cultural, formada pela tradição e patrimônio cultural (RIBEIRO et al., 2016). Logo, os brinquedos de miriti vêm beneficiando a cidade econômica e culturalmente, e ganhando visibilidade, principalmente no Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém. Assim, o Miritifest se apresenta em um excelente momento para adquirir e/ou admirar as cores e as formas dos brinquedos de miriti tradicionais e contemporâneos.

Em relação à Literatura, a cidade de Abaetetuba é berço de muitos poetas famosos em nosso estado, entre eles João Jesus de Paes Loureiro que é poeta, prosador e ensaísta, também é professor de Estética e Arte, tem doutorado em Sociologia da Cultura na Sorbonne, em Paris, com a tese Cultura amazônica: uma poética do imaginário. A obra poética deste autor tem sua universalidade construída a partir de signos do mundo amazônico – cultura, história, imaginária – propiciando leitura do mundo contemporâneo. As obras de Paes Loureiro estão constituídas por temas e reflexões de caráter transversal<sup>7</sup>, seja em âmbito cultural como também na estética semiótica, do imaginário, da poética, sendo seu ponto de partida, de um modo geral, a realidade cultura da Amazônia. Em um de seus livros intitulado “Encantaria da Palavra” retrata, sob um olhar muitas vezes amplo e outra hora reduzido, porém sempre poético, detalhes que geralmente são desprezados do cotidiano, seja no apartamento, na rua ou em uma praça, e também revisita o reino dos mitos regionais que tanto inspiraram e ainda inspiram o poeta da Trilogia Amazônica.

---

<sup>7</sup> As informações sobre o poeta e escritor João de Jesus Paes Loureiro foram extraídas de seu blog no endereço eletrônico [www.paesloureiro.wordpress.com/paesloureiro](http://www.paesloureiro.wordpress.com/paesloureiro). Data: 30.12.2019

O clássico ballet europeu se une ao carimbó em terras amazônicas para preencher, nos passos da bailarina, o livro de sons e cores. O livro mostra um debate sobre criação literária, os caminhos da poesia e a função social do poeta, provando que natureza e arte andam juntas, forças magnéticas sim, que atraem mitos, danças, versos, sons, poesia. O livro termina com uma autobiografia, em que Paes Loureiro faz um convite para conhecer Abaetetuba a partir de seu nascimento, a infância humilde, os anos tortuosos e sombrios da ditadura, sua vida pública; Violeta, seus filhos e os projetos futuros, afinal, as palavras não são como a Boiuna, elas não dormem nunca.

Os estudantes podem conhecer muito sobre a construção dos brinquedos de miriti, tradição da cidade de Abaetetuba, no livro 'Da Cor do Norte - Brinquedos de Miriti', refere-se acerca da tradição paraense de confecção dos brinquedos de miriti mostrando todo o processo de fabricação, desde a coleta do miriti, a manufatura dos brinquedos com o foco na cena lúdica a que os mesmos se referem e sua estreita ligação com o Círio de Nazaré. O livro, produzido com apoio do Ministério da Cultura, foi escrito pelo poeta e escritor João de Jesus Paes Loureiro com fotografias de Jarbas Oliveira.

Essa literatura existente em Abaetetuba proporciona um grande conhecimento aos nossos estudantes ao mostrar a realidade de sua cidade, as situações que ocorrem em seu cotidiano, os conhecimentos sobre as questões feministas, pois existem obras que falam sobre isto, inclusive de pessoas que fizeram parte de programas de mestrado do Campus de Abaetetuba. Existem professores no curso de Letras-Espanhol que incentivam produções textuais envolvendo a realidade abaetetubense, os brinquedos de miriti, a vida da sociedade local e ao mesmo tempo vinculando com as obras e poesias trabalhadas nas disciplinas de literatura.

Outro escritor abaetetubense é Alfred' Moraes que teve suas primeiras poesias publicadas no Jornal "O Liberal" nos anos oitenta, na coluna "Janela da Poesia, participou de diversos eventos literários e musicais nos estados do Pará, Amapá, Amazonas, Maranhão, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Espírito Santo, São Paulo e em Portugal, tendo sido premiado por várias oportunidades. Apresenta mais de trinta composições gravadas e várias obras literárias, entre poemas e cordéis, publicados em antologias e ambientes virtuais. Este compositor e escritor é membro do Movimento Literário Extremo Norte.

## 2.5 – Campus Universitário de Abaetetuba

Figura 11 - Mural com o nome e os polos do Campus Universitário de Abaetetuba



Fonte: Freitas (2019)

Para começar a descrição do Campus, tirei essa foto que me parece muito característica do espaço, porque todos os estudantes, sejam egressos ou ingressos, gostam de tirar fotografia nesse local. Acredito que seja uma forma de marcar sua passagem na Universidade ou de mostrar sua identidade universitária, seu orgulho de estudar em uma das melhores universidades do norte, e com isso se manter firme na realização de seus sonhos, lembrando também que os visitantes tiram fotos neste lugar, marcando sua passagem na cidade de Abaetetuba e no Campus, além disso, partir do Projeto Político do Curso de Letras-Espanhol (2012) obtive algumas informações sobre o Campus Universitário de Abaetetuba<sup>8</sup>, este é também conhecido como Campus do Baixo Tocantins e foi implantado em 1987, no município de Abaetetuba, sob a coordenação da professora Conceição Solano, está localizado

<sup>8</sup> Dentro da pesquisa etnográfica, vejo a necessidade de situar o leitor na questão de mostrar que o Campus de Abaetetuba é um dos Campi que constitui a Universidade Federal do Pará. Suas atividades encontram-se distribuídas pelos 10 campi e núcleos, na capital Belém. A Universidade Federal do Pará oferta um total de 432 cursos de graduação, com 30.445 alunos matriculados; 88 cursos de especialização, com 4.144 alunos matriculados; 39 programas de mestrado com 1.823 alunos matriculados e 19 programas de doutorado com 674 alunos matriculados em 2009. Sua estrutura organizacional é composta de: 4 Núcleos de produção e integração de conhecimento, que atuam na formação de recursos humanos para o ensino fundamental, especialização, mestrado e doutorado, 12 Institutos, que compreendem 47 Faculdades; 10 Campi do interior do Estado com sedes nas cidades de Abaetetuba, Breves, Cametá, Soure, Castanhal, Bragança, Marabá, Altamira, Capanema e Tucuruí; 33 Bibliotecas Universitárias; 02 Hospitais Universitários situados na cidade de Belém.

no município de Abaetetuba, que é composto por 62 ilhas bastante povoadas, 36 comunidades que vivem à beira da estrada, além da cidade, zona urbana, com quase 133.316 mil habitantes.

Primeiramente, observei logo a entrada do Campus, este possui uma grande área verde, algo preservado pelos coordenadores anteriores como uma maneira de deixar registrada a questão da necessidade de preservar a natureza, não derrubando muitas árvores e plantando algumas frutíferas, assim como se percebe a questão da sustentabilidade, em que pneus antigos se tornaram vasos de flores e alguns também foram reestruturados como artigos de decoração do espaço, barcos também são remodelados para acompanhar essa nova forma de reestruturar e modificar a beleza local.

**Figura 12 – Espaço verde decorado no Campus Universitário de Abaetetuba**



**Fonte:** Freitas (2019)

Dentro do cotidiano da Universidade, observei a chegada dos alunos ao campus. Alguns chegam de moto, mostrando a questão da modernidade em uma cidade que já foi considerada interiorana, geralmente essas motos são de propriedade dos estudantes, assim como eles são levados por algum parente ou cônjuge. Entretanto, apesar disto, ainda existem estudantes que vão ao campus de bicicleta, levando seu cadeado para manter a proteção de seu meio de locomoção. Outros chegam ao campus de ônibus, que vai buscar os discentes em um lugar marcado por eles, isto acontece de segunda a sexta, nos horários da manhã e tarde, à noite o coletivo não funciona.



**Figura 13 – Meio de Transporte utilizado pelos estudantes do Campus de Abaetetuba**



**Fonte:** Freitas (2019)

Por meio de conversações, consegui algumas informações sobre o Campus e dentre elas, temos que seus primeiros cursos de graduação ofertados foram as licenciaturas em Matemática, Letras, Pedagogia, História e Geografia, todos em regime intervalar (atual Período Intensivo), suas aulas eram ministradas nas escolas cedidas pela prefeitura municipal local, por meio de parceria com a UFPA, o que se tornou de fundamental importância para a implantação do Campus, pois, além de oferecer espaço físico para o desenvolvimento dos cursos, alojamento para professores, a prefeitura doou também as terras para a construção do campus.

Podemos dizer que a universidade seria como uma extensão da própria cidade de Abaetetuba, pois segundo Canclini (2008), nesta chamada sociedade da informação, propõe-se a criação de cidades do conhecimento, ou seja, proporciona as pessoas moradoras desta cidade, a capacidade de desenvolver outras habilidades, substituindo as urbes contaminadas pela concentração fabril, pelas cidades impulsionadoras da renovação digital e informática, onde todos os setores tenham acesso a trabalhos inteligentes. Trata-se de usar a pesquisa e a inovação como recursos básicos para agregar valor à produção e propiciar um desenvolvimento acelerado com maior competitividade internacional, fomentando a articulação entre universidades, empresas e criadores, e com isto, facilitar o acesso de todos os

cidadãos às novas tecnologias da comunicação e orientar a educação formal e informal para elevar o nível educacional de toda a população.

**Figura 14 – Campus Universitário de Abaetetuba**



**Fonte:** Freitas (2019)

No que concerne às administrações, o Campus de Abaetetuba teve como primeira coordenadora a professora Conceição Solano, que esteve no cargo de 1987 a 1991, em seguida, o cargo foi ocupado pelo professor José Queiroz Carneiro, que exerceu dois mandatos, o primeiro de 1992 a 1995 – por indicação da administração superior da UFPA -, o segundo de 1996 a 1999 - através de eleição. Em 1999, foi realizada eleição direta que elegeu o professor Adelino Ferranti. O então eleito atuou na coordenação do campus de 2000 a 2004.

Em 2005, com a saída do professor Adelino Ferranti para assumir o cargo de Secretário de Educação do município de Abaetetuba, toma posse como Coordenadora Pro-Témpore a professora M. Sc. Alessandra Martins Matos (vice coordenadora do campus na época). Após eleição em 2006, assume a coordenação do campus o Prof. Dr. Waldir Abreu, e em 2007, assume a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francisca Maria Carvalho. Em 2011, assume o professor Eliomar Azevedo do Carmo, que teve dois mandatos, de 2011 a 2014, e de 2015 a 2016, depois assume o Prof. Dr. Sebastião Cordeiro, e atualmente, se encontra na Coordenação a Professora Ana Aurea Barreto Maia.

O Campus Universitário de Abaetetuba apresenta uma grande natureza, árvores, diversas plantas, e uma quadra de esportes, além de apresentar um monumento muito importante para os estudantes e pessoas da região. Antes, a cidade de Abaetetuba era conhecida como o lugar de maior produção de cachaça, com isso houve a construção de um homem carregando cana de açúcar com o intuito de representar essa economia que movimentou por anos este município, porém este monumento estava abandonado em uma parte da cidade, e o coordenador do campus na época, o trouxe como uma forma de resgatar a cultura local e preservar esse patrimônio histórico.

**Figura 15- Monumento do homem carregando cana.**



**Fonte:** Freitas (2019)

O Campus Universitário de Abaetetuba, atualmente, conta com um laboratório de Linguagem, contendo um laboratório de línguas, para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e português instrumental, tem um laboratório multimeios que pode ser utilizado por todos os cursos do campus, uma sala de aula, dois banheiros e um espaço de convivência, onde os estudantes podem fazer exposições, estudar, ou simplesmente relaxar até a próxima atividade que poderá realizar na universidade. Faz parte, também, o espaço da coordenação, em que se encontram dois banheiros de funcionários, três salas com órgãos que compõe a administração e a coordenação geral do campus de Abaetetuba.

**Figura 16- Frente do Laboratório de Linguagem**



**Fonte:** Freitas (2019)

Apresenta uma biblioteca contendo acervo dos cursos disponíveis e um auditório central, local onde ocorrem os eventos programados pelas faculdades e também pelos coordenadores, além disso, se encontra um mini auditório, chamado Cabanagem e um espaço com alguns jogos reservados para os estudantes no momento do intervalo. Existe uma lanchonete organizada para atender aos estudantes do campus e uma secretaria geral de graduação, com técnicos que se responsabilizam em organizar a vida acadêmica dos estudantes.

**Figura 17 – Frente da Biblioteca do Campus de Abaetetuba**



Fonte: Freitas (2019)

A partir do ano de 2018, todos os blocos do Campus Universitário serão organizados com nomes de Rios da região do Baixo Tocantins, com isso proporcionando um conhecimento cultural, tanto com os alunos que já residem em Abaetetuba e outras cidades vizinhas, como com os que são de outros campis e cidades. Ficará distribuído da seguinte maneira: O bloco Curuperé estarão as quatro salas de aula da Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL), o Jeripaúba, será o Laboratório de Informática, o Tucumanduba apresentará 4 salas de aula e o Laboratório de Química, o Jarumã será os blocos das Faculdades e Secretaria Geral, o Tauerá será o bloco de salas da Faculdade de Educação (FAECS), o Auditorio Cabanagem será o Tocantins, o bloco administrativo será chamado de Abaeté, o Arapapú será o Auditório Central e Biblioteca, o Maúba será o Laboratório de Linguagem, contendo uma sala de aula, o Guajará terá nove salas de aula e um Laboratório e o Piquiarana que será o bloco de salas de aula das Pós-Graduação e da Faculdade de Engenharia Industrial.

Figura 18 – Mapa de Localização dos Blocos do Campus Universitário de Abaetetuba.



Fonte: CPGA (2019)

Nesta parte da pesquisa mostrei um pouco da realidade do Campus de Abaetetuba, que apesar da modernidade, ainda apresenta alguns traços da cidade antiga, como a questão das bicicletas, das pessoas que chegam de ônibus no espaço de estudo, muitos ainda se arrumam de modo bem humilde, falam com traços interioranos marcantes da cidade, logo, não posso descartar que a modernidade chegou, quando vejo as motos lotando o espaço do campus, e também os próprios carros. Os nomes dos blocos tentam preservar essa característica ribeirinha que muitas vezes se perde no tempo.

### **SEÇÃO III – LITERATURA DE RESISTÊNCIA E FEMINISTA NA CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES DOS ESTUDANTES DO CURSO DE LETRAS-ESPANHOL**

Neste capítulo abordarei alguns conceitos de identidade e literatura, explorando alguns teóricos, assim como tratarei sobre a Resistência e a parte feminista, trabalhando, também alguns teóricos dos Estudos Culturais, de modo a subsidiar a análise da constituição das identidades dos estudantes do curso de Letras-Espanhol.

#### **3.1 Identidades: uma realidade em construção**

Nas conversas que tivemos durante a pesquisa de campo, pude perceber o grande interesse dos estudantes do curso de Letras-Espanhol pela temática da identidade, pois eles estão estudando e pesquisando bastante a respeito disso, porém não tem um conceito formado devido à complexidade do assunto. Ao discutir sobre essa temática, alguns me responderam que identidade é tudo aquilo que caracteriza um indivíduo fazendo com que ele se reconheça em um determinado grupo social, assim como algo que é único de um povo como, por exemplo, seus modos de vestir, comida, diferenças, danças típicas de um lugar, ou seja, esses valores são a marca de um povo, e também lhe ajuda a ser único.

Partindo desta visão, posso me remeter à identidade ao referir-se não uma espécie de alma ou essência com a qual nascemos, não a um conjunto de disposições internas que permanecem iguais durante toda a vida, independente do meio social onde a pessoa se encontra, pois segundo Larraín (2005) existe um processo de constituição na qual os indivíduos vão se definindo a si mesmos em uma estreita interação simbólica com outras

peessoas, por meio da habilidade do indivíduo de internalizar as atitudes e expectativas dos outros, seu si mesmo se converte no objeto de sua própria reflexão.

Nas conversações, também, pude perceber como os estudantes definem sua própria identidade dentro do Curso de Letras-Espanhol, alguns ainda não conseguem dizer de fato o que são, gostam de estudar a língua, porém ainda não se encontram, estão perdidos, mas ao mesmo tempo convencidos de que estão no caminho certo. Outras já conseguem se identificar com o espanhol, sentem-se realmente professores deste idioma, e atribuem isto a questão de alguns professores do curso estarem trabalhando muito a cultura, principalmente a Literatura, que possibilita outro contato de mundo, com obras que os fazem refletir sobre seu comportamento na sociedade.

De acordo com uma das alunas do grupo de 2016 temos a seguinte afirmação:

*Ao entrar no curso de Espanhol sentia que faltava alguma coisa, não era aquilo que eu queria de fato, porém ao mesmo tempo passei a gostar do idioma e os professores nos ajudam bastante, uns mais rígidos, outros mais maleáveis. Acredito que esta situação me levou a continuar no curso. (Joyce, estudante do grupo 2016, do curso de Letras-Espanhol).*

A identidade, por entanto, é a capacidade de se considerar a si mesmo como objeto e nesse processo ir construindo uma narrativa sobre si mesmo, porém esta capacidade somente se adquire em um processo de relações sociais mediadas pelos símbolos, ou seja, “ la identidad es un proyecto simbólico que el individuo va construyendo en íntima relación con los grupos sociales dentro de los cuales se desenvuelve” (LARRAÍN, 2005, p. 91), com isso podemos afirmar que as relações de poder influenciam muito na constituição das identidades, pelo fato dos grupos sociais que movimentam a vida das pessoas.

As relações de poder tornam-se presentes entre os estudantes quando se percebe a questão da Literatura modificando seus pensamentos, e algo importante é o tipo de Literatura, a Latino-americana, ou seja, eles estão se apropriando de conteúdos e histórias próprias da América do Sul, leem escritores desta região, se envolvem com os conflitos, como por exemplo, o fato da mulher negra na sociedade, da figura feminina em âmbito social, fatos de ditadura que os levam a refletir sobre determinados comportamentos, ou seja, se começa a notar que a relação de poder europeia está diminuindo entre esses discentes, no caso, do curso de Letras-Espanhol, Campus de Abaetetuba.

Um dos estudantes do grupo de 2016 me relatou a seguinte situação:

*A literatura feminista me encanta pelo fato de conhecer um mundo até então pertencente somente às mulheres, é possível que o homem possa conhecer mais as mulheres e compreender seu universo (Pedro, estudante do grupo de Letras-Espanhol 2016).*

Com isso, posso dizer que a identidade de um professor de línguas não se constitui sozinha, precisa de alguma coisa que possa impulsionar esta situação, assim dentro da pesquisa foi perceptível como a cultura, por meio da Literatura, está promovendo este processo de constituição identitária, no momento que se observa a leitura que os estudantes estão realizando, principalmente a de resistência e feminina, enfatizando bastante a mulher negra, bem como outros elementos, a música também está ajudando, os vídeos, as séries, porém a literatura encontra-se mais evidente neste momento.

Os materiais simbólicos que se constrói esse projeto são adquiridos na interação com os outros, porém essa interação nem sempre é cara a cara e com a crescente midiatização da cultura moderna se tem permitido interações a distância, com outros ausentes. Para Mead<sup>9</sup>, os indivíduos interagem por meio de gestos significantes, símbolos linguísticos que têm um conteúdo que é mais ou menos o mesmo para indivíduos diferentes e, portanto, significam a mesma coisa para todos eles, mais ainda, os símbolos fazem possíveis os processos mentais e espirituais.

Utilizo Larraín (2005) para discutir sobre dois tipos de identidades: a individual e a coletiva, pois as pessoas não podem ser consideradas como entidades isoladas e opostas ao mundo social concebido como uma realidade externa, pois os indivíduos se definem pelas suas relações sociais e a sociedade se reproduz e muda por meio das ações individuais. Logo, as identidades pessoais são formadas por identidades coletivas culturalmente definidas, por meio das profissões, nacionalidade, etnia, classe, religião, gênero, porém esta não tem como existir separadamente dos indivíduos.

---

<sup>9</sup> George Hebert Mead caracteriza sua sociologia como *social behaviourism*. O behaviorismo social toma em conta os fatos de consciência, na medida em que as situações sociais só influenciam essas condutas em função da significação que lhes atribuem atores socializantes numa cultura e que têm papéis específicos. No plano epistemológico o behaviorismo marcou ao insistir na necessidade de testar empiricamente toda a hipótese e de construir apenas conceitos operacionalizáveis; é a lição retida pelo behaviorismo em ciência política. Extraído do Dicionário de Sociologia. Data: 30.05.2019



Alguns estudantes se manifestaram em relação à identidade:

*Identidade seria algo mutável, vamos crescendo e nossa identidade vai adquirindo ou deixando várias facetas. Essas podendo mudar de acordo com nossas novas experiências que nos permitem alcançar outros objetivos. Não sei se um dia teremos uma identidade definida. Digo isto por causa de nossos colegas desistentes que foram buscar outro caminho, não se identificaram com nosso curso. (Fernando, estudante do grupo 2017 de Letras-Espanhol).*

*Identidade é como uma essência pessoal de cada indivíduo, toda pessoa possui sua identidade a partir do primeiro sinal de consciência, mas pode demorar para descobri-la por inteiro, ou seja, a identidade é aquilo que influencia em cada escolha de nossas vidas). (Gabriel ,estudante do grupo 2017 de Letras-Espanhol).*

Na visão de Larraín (2005) as diferenças entre as duas identidades dizem relação primeiro com a questão psicológica ou meramente cultural de seus conteúdos, e segundo, com a maior ou menor pluralidade dos discursos identitários que normalmente se expressam. A primeira diferença pode se dizer que enquanto as identidades individuais têm conteúdos psicológicos, as coletivas não podem descrever em termos psicológicos e é necessário evitar transportar os elementos psicológicos das identidades pessoais a das identidades culturais. Larraín (2005) mostra que a outra diferença consiste na questão das identidades individuais normalmente tem um único relato identitário mais ou menos integrado, as identidades coletivas, em geral, possuem vários discursos identitários. Segundo o autor temos a seguinte afirmação:

(...) Puede ser cierto que en la modernidad tardía el discurso identitario personal cambie y se modifique más aceleradamente que antes, pero eso no implica necesariamente la existencia simultánea de una pluralidad de discursos. En cambio, las identidades colectivas normalmente se expresan en una variedad de discursos. Esto es especialmente cierto en el caso de las identidades nacionales. Sin embargo, frecuentemente se comete el error de querer transferir indebidamente el carácter único del discurso identitario individual al caso de las identidades colectivas (LARRAÍN, 2005, p. 95).

Como dentro da pesquisa se percebeu a questão da constituição das identidades principalmente na Resistência e Feminina, me utilizei de Castells (1999) que nos mostra o conceito de identidade como fonte de significado e experiência de um povo. De acordo com o autor, no que diz respeito a atores sociais, entende-se por identidade o processo de significação com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode ocorrer identidades múltiplas, isso

porque é necessário estabelecer a distinção entre a identidade e o que tradicionalmente os sociólogos têm chamado de papéis, e conjunto de papéis.

Papéis, como por exemplo, ser trabalhador, mãe, vizinho, são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade, e essa importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende das negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações. Identidades, de acordo com Castell (1999), constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e feitas por meio de um processo de individuação<sup>10</sup>, e também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização.

Castells (1999) mostra que essa identidade, também ocorre por meio das relações de poder, e com isso, propõe uma distinção em três formas e origens que são a legitimadora, de resistência e de projeto. A primeira dá origem a uma sociedade civil, ou seja, um conjunto de organização e instituição, bem como uma série de atores sociais estruturados e organizados, que reproduzem a identidade que racionaliza as fontes de dominação estrutural, apesar de viverem, às vezes, de modo conflitante. O segundo tipo seria a identidade de resistência, que leva a formação de comunas, ou comunidades, de acordo com Etzioni<sup>11</sup> (apud CASTELLS, 1999, p. 25).

Nesse momento, se observa a questão dessa constituição da identidade de resistência, quando os estudantes buscam defender seus interesses, seus conhecimentos são testados para se descobrir até que ponto os conteúdos serviram para essa constituição de identidades, com isso gerando as comunidades que lutam para manter sua dignidade e conseguir seus espaços

---

<sup>10</sup>O conceito de individuação tem relação com o termo integração. Seu conceito não tem sentido bem fixo e definido em sociologia. Como na linguagem corrente, pode designar um estado de forte interdependência ou coerência entre elementos ou então o processo que conduz a esse estado. Além disso, é aplicado quer a um sistema social quer à relação indivíduo-sistema social. Melhor seria reservar o uso da palavra "integração" a uma propriedade do sistema social. Era de fato o que fazia É. Durkheim em *Le Suicide* (1897) ao enunciar a lei segundo a qual "o suicídio varia na razão inversa do grau de integração dos grupos sociais de que o indivíduo faz parte". O afastamento do indivíduo da vida social, o excesso de individuação, por outras palavras, o egoísmo, não são mais do que uma consequência da falta de integração ou de coesão ou de consistência dos grupos sociais de pertença. Um grupo social, segundo Durkheim, está integrado na medida em que os seus membros: 1. Possuem uma consciência comum, partilhando as mesmas crenças e práticas; 2. Estão em interação uns com os outros; 3. Sentem-se votados a fins comuns. Extraído do Dicionário de Sociologia. Data: 30.05.2019

<sup>11</sup>Ao ver na mobilização um processo que visa instaurar o controlo de uma unidade social sobre recursos de que não dispunha anteriormente, A. Etzioni (1968) desempenhou um papel de precursor; mas a nova concepção não se reconhece apenas neste tipo de definição. No seu conjunto, os autores desta corrente propõem uma imagem realista - e não romântica - da mobilização, insistem nas suas dimensões racionais, por oposição às teorias clássicas do comportamento coletivo, e esforçam-se por explicar o próprio desenrolar do processo, por meio de uma análise dinâmica. Extraído do Dicionário de Sociologia. Data: 30.05.2019

na sociedade, principalmente na própria universidade e dentro do curso de Letras-Espanhol, quando se percebe na sala de aula essa luta pela liberdade de expressão e de mostrar a capacidade de discussão que cada um desenvolveu ao longo dos quatro anos de curso.

Alguns estudantes relatam o seguinte:

*Hoje me sinto mais forte para discutir diversos assuntos, a leitura me levou a questionar, me tornou mais tolerante em casa e na rua, me ensinou a respeitar o próximo, independente de suas escolhas. Isto é algo magnífico para mim como universitária”. ( Jorge, estudante do grupo 2016 de Letras-Espanhol).*

*Ultimamente temos lutado muito pelo nosso espaço nas escolas, já que o espanhol foi retirado da grade curricular. Fiquei triste pois percebi o quanto nossa democracia e nossos direitos podem ser manuseados. (Maria, estudante do grupo 2017 Letras-Espanhol).*

Creio que seja esse tipo mais importante de formação de identidades em nossa sociedade, pois neste momento seria a forma mais forte de mostrar os pensamentos contrários aos impostos pelos grupos sociais. Ela dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário não seria suportável, “(...) em geral, com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a “essencialização” dos limites da resistência” (CASTELLS, 1999, p. 25)”.

O terceiro processo, de acordo com Castells (1999), seria de identidade de projeto, produz sujeitos, ou seja, estes não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir de indivíduos, eles são o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico de sua existência. Neste caso, a formação da identidade consiste em um projeto de vida diferente, talvez baseado em uma identidade oprimida, porém se expande no sentido de transformação social como prolongamento desse projeto de identidade, como por exemplo a sociedade pós-patriarcal, resultado da liberação das mulheres, dos homens e das crianças por meio da realização da identidade das mulheres.

Em umas conversas informais que tive com os estudantes alguns me passaram a ideia de que eles estão buscando constituir esta identidade de projeto, pois a partir do momento que eles mudaram sua maneira de pensar, logo constituíram outra identidade, sem medo de opiniões e pronta para enfrentar uma sociedade na maioria das vezes conservadora.

*Minha família influenciava muito em minhas opiniões. Sou evangélica, logo a religião manda e desmanda nessas pessoas. Comecei a perceber a força do conhecimento quando deixei de seguir o pastor e passei a questionar meus*

*próprios ensinamentos, com isso tive uma grande diferença com meu pai, este passou a dizer que a universidade mexeu com meu juízo. (Pedro, estudante do grupo 2016 de Letras-Espanhol).*

Isto mostra que a constituição de sujeitos, no cerne do processo de transformação social, segue um rumo diverso do conhecido durante a modernidade dos primeiros tempos e em seu período mais tardio e me utilizando de Castell (1999) coloco que os sujeitos, se e quando constituídos, não são mais formados com base em sociedades civis que estão em processo de desintegração, mas sim como um prolongamento da resistência comunal. Enquanto na modernidade, a identidade de projeto fora constituída a partir da sociedade civil, na sociedade em rede, a identidade de projeto, caso se desenvolva, origina-se a partir da resistência comunal.

Woodward (2003) nos mostra que para compreender o que faz da identidade um conceito tão central, é preciso examinar as preocupações contemporâneas com questões de identidade em diferentes níveis. Em uma arena global, por exemplo, existem preocupações com as identidades nacionais e com as identidades étnicas; em um contexto mais “local”, existem preocupações com a identidade pessoal como, por exemplo, com as relações pessoais e com a política sexual. Há uma discussão que sugere que, nas últimas décadas, estão ocorrendo mudanças no campo da identidade - mudanças que chegam ao ponto de produzir uma “crise da identidade”. Em que medida o que está acontecendo hoje no mundo sustenta o argumento de que existe uma crise de identidade e o que significa fazer tal afirmação? Isso implica examinar a forma como as identidades são formadas e os processos que estão aí envolvidos, implica também perguntar em que medida as identidades são fixas ou, de forma alternativa, fluidas e cambiantes.

Se utilizando desse pensamento da autora, se tem a pesquisa de campo e alguns posicionamentos dos estudantes do grupo de 2017 de Letras-Espanhol, no que concerne a identidade: “A identidade seria como a construção de conhecimentos agregados ao longo, ampliando não somente a identidade humana como a identidade local, ou seja, a geográfica.” Outros me contestaram dizendo: “Acredito na identidade relacionada ao próprio ser humano, como o que ele é e aquilo com que tem afinidade, podendo ser também algo que se torna diferente do restante dos indivíduos; a qual também está em pequenas e constantes mudanças em sua construção”. (Gabriela, estudante do grupo 2017 de Letras-Espanhol)

Se envolvendo nesta temática, a identidade, para outro grupo de Letras-Espanhol 2016 seria: “é o que você se identifica no momento no que agrada e pode ser mudado com o tempo para que nos tornemos melhores, seria também, algo que revela quem realmente somos, mostra o perfil do indivíduo, sua personalidade, qualidades e representatividade no mundo”. Houve um estudante, deste mesmo grupo que me respondeu o seguinte: “que identidade seria a forma como nos posicionamos diante da sociedade, apresentando pontos que nos fazem pertencer àquela realidade” (Paulo, estudante do grupo 2016 de Letras-Espanhol).

Dentro deste aspecto, o conceito de identificação, segundo Woodward (2003), tem sido retomado, nos Estudos Culturais, mais especificamente na teoria do cinema, para explicar a forte ativação de desejos inconscientes relativamente a pessoas ou a imagens, fazendo com que seja possível nos vermos na imagem ou na personagem apresentada na tela. Diversos significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos, mas esses significados são contestados e cambiantes, ou seja, pode-se levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído.

Somos constrangidos, entretanto, não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais. Rutherford (1990) afirma que as identidades marcam o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais estamos passando agora, ou seja, a identidade é a interseção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação. Logo se pergunta, existe uma crise de identidade? Quase todo mundo fala agora sobre “identidade”, sendo que esta só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza (MERCER, 1990, p.4)

“Identidade” e “crise de identidade” são palavras e ideias bastante utilizadas atualmente e parecem ser vistas por sociólogos e teóricos como características das sociedades contemporâneas ou da modernidade tardia. Woodward (2003) mostra o exemplo de uma área no mundo, a antiga Iugoslávia, na qual se observa o ressurgimento de identidades étnicas e nacionais em conflito, fazendo com que as identidades existentes entrassem em colapso. De acordo com a autora, alguns autores recentes argumentam que as “crises de identidade” são

características da modernidade tardia e que sua centralidade atual só faz sentido quando vistas no contexto das transformações globais que têm sido definidas como características da vida contemporânea (GIDDENS, 1990).

Dentro da pesquisa de campo, percebi que muitos alunos se encontram na crise de identidade, a partir do momento que entram em contato com outros conhecimentos e estes os proporcionam refletir sobre seus ideais, seus objetivos. Um exemplo seria o fato de muitos estudantes que estavam na conversação afirmarem que antes de ingressar no curso achavam a língua espanhola muito fácil, que seria “moleza” cursar Letras-Espanhol, porém no decorrer do período, começaram a notar as dificuldades em aprender uma língua estrangeira, o que os levou a uma grande crise de identidade, e devido a isto muitos desistiram da carreira de professor, e foram procurar outros cursos, assim como a partir do momento que eles perceberam outro mundo, outros pensamentos, também tiveram a mesma coisa, porém com a ajuda dos livros essa crise identitária foi diminuindo e terminou para alguns, porém continua em outros.

*Quando entrei no curso pensei que o Espanhol era um Português mal falado, seria muito fácil, porém quebrei a cara logo no primeiro semestre, quando os professores falavam e não entendia nada. Logo, me veio a ideia de desistir e fazer outra coisa, mas depois pensei em continuar, seria um desafio e hoje amo a língua espanhola. (Camila, estudante do curso de Letras-Espanhol, grupo 2017).*

O que é importante neste momento é reconhecer que a luta e a contestação estão concentradas na constituição cultural de identidades, tratando-se de um fenômeno que está ocorrendo em uma variedade de diferentes contextos. Enquanto, nos anos 70 e 80, a luta política era descrita e teorizada em termos de ideologias em conflito, ela se caracteriza agora, mais provavelmente, pela competição e pelo conflito entre as diferentes identidades, o que tende a reforçar o argumento de que existe uma crise de identidade no mundo contemporâneo. Woodward (2003) mostra por meio de Stuart Hall (1990), no ensaio “Identidade Cultural e Diáspora” as diferentes ideias de identidade cultural, procurando analisar o processo pelo qual se busca autenticar uma determinada identidade por meio da descoberta de um passado supostamente comum.

Segundo Woodward (2003), Stuart Hall argumenta em favor do reconhecimento da identidade, mas não de uma identidade que esteja fixada na rigidez da oposição binária, tal como as dicotomias “nós/eles”, ou “sérvios/croatas”, ele sugere que, embora seja construído

por meio da diferença, o significado não é fixo, e utiliza, para explicar isso, o conceito de *différance* de Jacques Derrida. Segundo esse autor, o significado é sempre diferido ou adiado; ele não é completamente fixo ou completo, de forma que sempre existe algum deslizamento. A posição de Hall enfatiza a fluidez da identidade quando a vê como uma questão de “tornar-se”, aqueles que reivindicam a identidade não se limitaria a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum.

De acordo com Woodward (2003) não estão ocorrendo mudanças apenas nas escalas global e nacional e na arena política, a formação da identidade ocorre também nos níveis “local” e pessoal. As mudanças globais na economia como, por exemplo, as transformações nos padrões de produção e de consumo e o deslocamento do investimento das indústrias de manufatura para o setor de serviços têm um impacto local, as mudanças na estrutura de classe social constituem uma característica dessas mudanças globais e locais.

As crises globais da identidade têm a ver com aquilo que Ernesto Laclau chamou de deslocamento, ou seja, as sociedades modernas, ele argumenta, não têm qualquer núcleo ou centro determinado que produzisse identidades fixas, mas, em vez disso, uma pluralidade de centros. Houve um deslocamento dos centros, pode-se argumentar que um dos centros que foi deslocado é o da classe social, não a classe como uma simples função da organização econômica e dos processos de produção, mas a classe como um determinante de todas as outras relações sociais: a classe como a categoria “mestra”, que é como ela é descrita nas análises marxistas da estrutura social.

Laclau (1990) argumenta que não existe mais uma única força, determinante e totalizante, tal como a classe no paradigma marxista, que molde todas as relações sociais, mas, em vez disso, uma multiplicidade de centros. Ele sugere não somente que a luta de classes não é inevitável, mas que não é mais possível argumentar que a emancipação social esteja nas mãos de uma única classe. Argumenta, também, que isso tem implicações positivas porque esse deslocamento indica que há muitos e diferentes lugares a partir dos quais novas identidades podem emergir e a partir dos quais novos sujeitos podem se expressar. As vantagens desse deslocamento da classe social podem ser ilustradas pela relativa diminuição da importância das afiliações baseadas na classe, tais como os sindicatos operários e o surgimento de outras arenas de conflito social, tais como as baseadas no gênero, na “raça”, na etnia ou na sexualidade.

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de outra. De acordo com Woodward (2003) existe o conflito entre nossa identidade como pai ou mãe e nossa identidade como assalariado/a. As demandas de uma interferem com as demandas da outra e, com frequência, se contradizem, pois para ser um “bom pai” ou uma “boa mãe”, devemos estar disponíveis para nossos filhos, satisfazendo suas necessidades, mas nosso empregador também pode exigir nosso total comprometimento. A necessidade de ir a uma reunião de pais na escola do filho ou da filha pode entrar em conflito com a exigência de nosso empregador para que trabalhemos até mais tarde.

Esta situação é muito comum dentro do curso de Letras-Espanhol, muitas meninas que são mães precisam deixar seus filhos para estudar, e isso geralmente provoca uma crise de identidade, o que faz muitas desistirem ou estudar de uma maneira ineficaz, sem desenvolver de fato seu lado crítico. Uma dessas estudantes me relatou sobre isto:

*Tenho que deixar meus filhos com minha mãe para estar aqui na sala de aula, tem vezes que estudar fica difícil, porém não desistir, estou aqui e tenho nas leituras feministas um grande incentivo para continuar, pois me mostra que não sou única na terra.” (Iris, estudante do grupo de Letras-Espanhol 2016)*

Reforçando essa ideia de identidade, uso as leituras de Stuart Hall (2006) para afirmar que a questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social, e seu argumento seria as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Tendo isto como base, posso dizer em relação à constituição das identidades que isto é algo difícil, principalmente na questão de um profissional da educação, como o professor de espanhol, nesse caso, pois no momento de nossa formação recebemos diversas informações que serão relevantes para nos tornarmos exímios profissionais, porém algumas situações



somente serão aprendidas na prática, como o exercício de ser professor em sala de aula, a questão de lidar com estudantes de pensamentos e atitudes distintas, o que pode, na maioria das vezes, causar um choque de realidade e com isso mexer com a questão da identidade, será que realmente estou preparado para este mercado? Será que estudei o suficiente para exercer esta profissão?

Nesse momento, os estudantes me relatam uma situação que para eles foi bastante complicada e com isso perceberam que é necessário muito amor e dedicação na profissão:

*Professora, fomos fazer uma atividade de uma disciplina em uma escola. Quase não conseguimos. Os alunos faziam tanto barulho, conversavam tão alto, que precisamos gritar para conseguir atenção. Nessa hora eu pensei, caramba vou ter que encara isto, será que estou preparado? (Elza, do grupo 2017 de Letras-Espanhol)*

Segundo Hall (2006) o próprio conceito de "identidade", é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas. Para os teóricos que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma, em que um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX.

Baseando-me nos textos de Hall (2006), percebo que a identidade é algo muito complexo, e isso fica notório na pesquisa quando os estudantes conceituam identidade, porém não se utilizam desses conceitos para constituir a sua, ao mesmo tempo em que estudam, eles ainda apresentam medo em relação ao seu futuro profissional, como vai ser daqui para frente, aonde irão trabalhar, o que fazer depois de conseguir meu diploma. Assim, percebi também esse colapso, porque quando os discentes não estão satisfeitos com as disciplinas, acabam abandonando o curso, algo que foi dito pelos estudantes no momento de nossas conversas.

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados, e esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do

sujeito. Esse duplo deslocamento ou descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos pode constituir uma "crise de identidade" para o indivíduo.

Para explorar melhor essa questão das constituições de identidades, é importante a distinção dos três conceitos de identidade, que segundo Hall (2006) são a do sujeito do Iluminismo, Sociológico e Pós-Moderno, sendo o sujeito do Iluminismo baseado em uma concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo, ou seja, contínuo ou "idêntico" a ele, ao longo da existência do indivíduo.

O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa, podendo ver que essa era uma concepção muito "individualista" do sujeito e de sua identidade (em outras palavras, a identidade dele: já que o sujeito do Iluminismo era usualmente descrito como masculino). A outra noção seria de um sujeito sociológico que refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos — a cultura — dos mundos que ele/ela habitava.

De acordo com Hall (2006) a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"— entre o mundo pessoal e o mundo público, pois o fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. “A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2006).

Dentro desse processo, Hall (2006) fala sobre o sujeito pós-moderno, dito como aquele sem uma identidade fixa, essencial ou permanente, ou seja, torna-se uma “celebração móvel”: formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam, e definida

historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Hall (2006) ressalta a questão de sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até à morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente.

Hall (2006) diz que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade, porém isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos mas que a individualidade era tanto "vívida" quanto "conceptualizada" de forma diferente, e as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais.

Dentro do discurso da crítica feminista e da crítica cultural influenciada pela psicanálise têm-se destacado os processos inconscientes de formação da subjetividade, colocando-se em questão, assim, as concepções racionalistas de sujeito. Segundo Hall (2003) as perspectivas que teorizam o pós-modernismo têm celebrado, por sua vez, a existência de um "eu" inevitavelmente performativo. Tem-se delineado, em suma, no contexto da crítica antiessencialista das concepções étnicas, raciais e nacionais da identidade cultural e da "política da localização", algumas das concepções teóricas mais imaginativas e radicais sobre a questão da subjetividade e da identidade. Onde está, pois, a necessidade de mais uma discussão sobre a "identidade"? Quem precisa dela?

Hall (2003) argumenta, de forma persuasiva, que "a constituição de uma identidade social é um ato de poder", pois se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça. Derrida mostrou como a constituição de uma identidade está sempre baseada no ato de excluir algo e de estabelecer uma violenta hierarquia entre os dois

polos resultantes - homem/mulher etc. Aquilo que é peculiar ao segundo termo é assim reduzido – em oposição à essencialidade do primeiro - à função de um acidente. Ocorre a mesma coisa com a relação negro/branco, na qual o branco é, obviamente, equivalente a “ser humano”. “Mulher” e “negro” são, assim, “marcas” (isto é, termos marcados) em contraste com os termos não marcados “homem” e “branco” (LACLAU, 1990, p. 33).

Hall (2003) mostra que é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional - isto é, uma mesmidade que tudo inclui uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.

Partindo dos conceitos acima descritos, utilizei-me de Da Silva (2003) para descrever a definição de “identidade”. A identidade seria tudo aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”, logo a identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo, ou seja, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e auto-suficiente. Nessa mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como uma entidade independente, apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, “ela é branca”, “ela é homossexual”, “ela é velha”, “ela é mulher”.

Mantendo esse raciocínio de Da Silva (2003), foi que percebi que os estudantes estão se utilizando da questão da diferença para conceituar identidade, pois de acordo com os mesmos, esta seria como um conjunto de caracteres próprios de um indivíduo, aquilo que te faz ser reconhecido, seja pela ética, religião, assim como a identidade seria a maneira como você se identifica, é aquilo o que nos diferencia das outras pessoas. Em outros momentos de conversa, alguns estudantes se manifestaram em relação à identidade dizendo que é a construção das características que distinguem e individualiza um povo e pessoas, sendo também, aquilo que nos diferencia uns dos outros, cada indivíduo possui uma identidade própria como, por exemplo, a cor, cultura, etnia, moral, entre outros.

Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. É fácil compreender, entretanto, que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. Quando digo “sou brasileiro” parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido.

Da Silva (2003) afirma que de certa forma, é exatamente isto que ocorre com nossa identidade de “humanos”, é apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar que “somos humanos”, ou seja, as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade. Segundo o autor, dizer que “ela é chinesa, significa dizer que “ela não é argentina, “ela não é japonesa, etc., incluindo a afirmação de que “ela não é brasileira”, isto é, que ela não é o que eu sou. As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades, com isso, podemos concluir que a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade, ou seja, identidade e diferença são, pois, inseparáveis.

Na perspectiva desenvolvida por Da Silva (2003), identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas, em uma visão mais radical, entretanto, seria possível dizer que, contrariamente à primeira perspectiva, é a diferença que vem em primeiro lugar. Para isso, seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença (compreendida, aqui, como resultado) são produzidas, e na origem estaria a diferença, compreendida, agora, como ato ou processo de diferenciação.

Isso é algo muito importante, ao falarmos da constituição de identidades, pois eu preciso me sentir diferente, para que depois eu adquira minha identificação, ou seja, o estudante do Curso de Letras-Espanhol precisa se sentir como um falante da língua, viver a realidade ou pelo menos tentar, algo que se torna quase impossível, mas que é necessário acontecer, dessa maneira, ele pode se apresentar não somente como uma pessoa da sociedade,

porém um ser que contém algo de diferente, que sabe uma língua estrangeira e tem um título que comprove se sentindo assim um verdadeiro professor de espanhol.

Um dos estudantes da turma de 2017 falou sobre essa diferença em uma das conversações que tivemos:

*Professora, gosto muito da língua espanhola. Falo razoavelmente bem porque estudo bastante, gosto muito do meu curso e creio que isto se torna um diferencial importante quando eu quiser viajar, porque meu sonho é conhecer um país de fala hispânica. (Catarina, estudante do grupo de Letras-Espanhol 2017).*

Para Da Silva (2003) identidade e diferença, além de serem interdependentes, partilham uma importante característica: elas são o resultados de atos de criação linguística, ou seja, afirmar que são resultado de atos de criação significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social, com isso podemos afirmar que nós as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais, sendo a identidade e a diferença criações sociais e culturais.

Dizer, na visão de Da Silva (2003) que identidade e diferença são o resultado de atos de criação linguística significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. Isto parece uma obviedade, mas como tendemos a tomá-las como dadas, como “fatos da vida”, com frequência esquecemos que a identidade e a diferença têm que ser nomeadas, pois somente por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais. A definição da identidade brasileira, por exemplo, é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais.

Tomaz Tadeu da Silva (2003) mostra que a linguagem vacila, muda, é inconstante, assim como a identidade e sua diferença, são vulneráveis aos transtornos e mudanças sofridas ao longo dos anos, e ao serem definidas, em parte, por meio da linguagem, a identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade. Podemos voltar, uma vez mais, ao nosso exemplo da identidade brasileira, em que a identidade “ser brasileiro” não pode, como vimos, ser compreendida fora de um

processo de produção simbólica e discursiva, em que o “ser brasileiro” não tem nenhum referente natural ou fixo, não é um absoluto que exista anteriormente à linguagem e fora dela, em resumo, a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem.

Outro aspecto de suma importância seria a questão das relações de poder no processo de constituição das identidades e diferenças, pois no entendimento de Da Silva (2003) a identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, esse processo de adiamento e diferenciação linguísticos por meio do qual elas são produzidas está longe, entretanto, de ser simétrico, pois a identidade, tal como a diferença, é uma relação social, ou seja, significa que sua definição discursiva e linguística está sujeita a vetores de força, a relações de poder que não são simplesmente definidas, mas impostas, não convivem em harmonia, elas são disputadas.

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situadas relativamente ao poder, pois na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais, logo identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

Segundo Da Silva (2003) se pode dizer que onde existe diferenciação, ou seja, identidade e diferença, aí estão presentes o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas, e há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação, são outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”).

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir, como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído, ou seja, afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”, e essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder.

Para Tomaz Tadeu da Silva (2003), a mais importante forma de classificação é aquela que se estrutura em torno de oposições binárias, isto é, em torno de duas classes polarizadas. O autor se utiliza do pensamento de Jacques Derrida para explicar detalhadamente esse processo, pois segundo ele, as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. “Nós” e “eles”, por exemplo, constitui uma típica oposição binária: não é preciso dizer qual termo é, aqui, privilegiado. As relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual.

Dentro deste aspecto de constituição de identidades e diferenças, temos uma questão de suma importância para este processo que seria o hibridismo. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2003) o hibridismo tem sido analisado, sobretudo, em relação com o processo de produção das identidades nacionais, raciais e étnicas. Na perspectiva cultural contemporânea, o hibridismo, a mistura, a conjunção, o intercuro entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças, coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas. Esse processo de hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas.

A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas, não se pode esquecer, entretanto, que a hibridização se dá entre identidades situadas assimetricamente em relação ao poder. Os processos de hibridização analisados pela teoria cultural contemporânea nascem de relações conflituosas entre diferentes grupos nacionais, raciais ou étnicos, e estão ligados a



histórias de ocupação, colonização e destruição, tratando-se, na maioria dos casos, de uma hibridização forçada, o que a teoria cultural ressalta é que, ao confundir a estabilidade e a fixação da identidade, a hibridização, de alguma forma, também afeta o poder.

Nesse aspecto, podemos afirmar que devido à colonização espanhola em território latino americano, houve a questão da identidade por meio desse hibridismo, ou seja, a mistura de outras raças, outros costumes, gerando muitas vezes conflitos entre os próprios habitantes do continente. Essa questão afeta em demasia a constituição das identidades devido certos preconceitos que se criam em relação à língua espanhola, como por exemplo, o fato de alguns professores trabalharem somente o espanhol europeu, e levar isto como algo pronto e acabado, sem considerar as diferenças existentes na América Latina, afetando também os aspectos culturais, levando de alguma forma a uma certa relação de poder, e através disso interferindo no processo identitário do estudante de língua espanhola.

É comum encontrar colegas de trabalho que se apropriam do espanhol europeu como sendo o único correto, passam isto aos alunos e logo em seguida quando estamos ministrando aula com o espanhol aqui da América Latina, geramos certo descontentamento, porque os estudantes estão acostumados a ouvir as variações europeias e quando escutam as Latino-Americanas acabam classificando-as como inferiores, sem prestígio. Nas conversações, ouvi alunos que ainda apresentam esse pensamento preconceituoso, apesar das leituras feitas pelos mesmos de autores latino-americanos, algo que se torna até inacreditável.

Além do hibridismo, dentro de uma visão dos estudiosos dos Estudos Culturais, como Stuart Hall, se tem a questão da Representação, em que esta é concebida como um sistema de significação, mas descartam-se os pressupostos realistas e miméticos associados com sua concepção filosófica clássica. Trata-se de uma representação pós-estruturalista, e isto significa, primeiramente, que se rejeitam, sobretudo, quaisquer conotações mentalistas ou qualquer associação com uma suposta interioridade psicológica. No registro pós-estruturalista, a representação é concebida unicamente em sua dimensão de significante, isto é, como sistema de signos, como pura marca material.

A representação se expressa por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral. A representação não é, nessa concepção, nunca, representação mental ou interior, a representação é, aqui, sempre marca ou traço visível,

exterior. Em segundo lugar, na perspectiva pós-estruturalista, o conceito de representação engloba todas as características de indeterminação, ambiguidade e instabilidade atribuídas à linguagem.

Isto significa questionar quaisquer das pretensões miméticas, especulares ou reflexivas atribuídas à representação pela perspectiva clássica, aqui, a representação não aloja a presença do “real” ou do significado. A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente, em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido, como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder.

De acordo com Da Silva (2003) é nesse momento que a representação se liga à identidade e à diferença, ou seja, estas são estreitamente dependentes da representação, pois é por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido, por meio da representação que, por assim dizer a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: “essa é a identidade”, “a identidade é isso”, é também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder.

Quem tem o poder de representar, tem o poder de definir e determinar a identidade, e é por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade, pois questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. No centro da crítica da identidade e da diferença está uma crítica das suas formas de representação e não é difícil perceber as implicações pedagógicas e curriculares dessas conexões entre identidade e representação.

### **3.2 A identidade e sua relação com a cultura**

Na pesquisa de campo, conversamos a respeito do significado da palavra cultura, e dentre as respostas obtive, do grupo de Letras-Espanhol 2017, que esta seria um conjunto de costumes, artes, crenças e leis; outros me responderam dizendo que se caracterizava em função de comportamento, crenças, valores e costumes de um povo, assim como também seria tudo aquilo que nos cerca, as tradições passadas de geração para geração, as línguas, as

festividades de cada comunidade, culinária, ou seja, cultura são nossas vivências. Outro discente contestou quase da mesma forma, dizendo que cultura estaria ligada a manifestação popular, religião, entre outras coisas.

Para outra aluna, do grupo de Letras-Espanhol 2016, cultura seria as manifestações de um ou mais sujeitos, sendo estes praticantes de determinados atos nos quais se identificam, é tudo aquilo que um grupo de pessoas seguem, herança de costumes e aprendizagem. Para outro grupo de estudantes do mesmo grupo, a cultura seria a identidade de um povo, que inclui a língua, os costumes. Tudo aquilo que é único de um povo, como por exemplo, seus modos de se vestir, de comer, de dançar, as danças típicas de um lugar.

Todas as respostas obtidas na conversação me levaram a refletir sobre a identidade e o processo cultural, com isso uso Larraín (2005) para mostrar que a relação entre identidade e cultura é muito estreita, mas não é a mesma coisa, enquanto a cultura é uma estrutura de significados incorporados de formas simbólicas através dos quais os indivíduos se comunicam, a identidade é um discurso ou uma narrativa sobre si mesmo, realizado por meio da interação com os outros mediante um padrão de significados culturais.

A partir disto, temos a questão sobre cultura colocada por uma estudante do grupo de Letras-Espanhol 2017:

*Cultura seriam manifestações realizadas por um ou mais sujeitos, sendo estes praticantes de determinados atos nos quais se identificam, é tudo aquilo que um grupo de pessoas seguem, herança de costumes e aprendizagem. Seria a identidade de um povo, que inclui diversas coisas, como a língua, costumes. (Letícia, estudante do grupo de Letras-Espanhol 2017).*

Estudar cultura é estudar as formas simbólicas, estudar identidade é estudar a maneira em que as formas simbólicas são movimentadas na interação para a construção de uma autoimagem de uma narrativa pessoal, da mesma forma que na identidade coletiva ou cultural, existe uma mobilização de algumas das formas simbólicas presentes na cultura para fazer um discurso bem coletivo. Na visão do autor, a cultura é algo mais geral porque inclui todas as formas simbólicas e a estrutura de significados incorporados por ela. A identidade, seja individual ou coletiva, é uma troca mais particular, porque implica um relato que utiliza somente alguns desses significados presentes nas formas simbólicas mediante um processo de seleção e exclusão.

Essa discussão pode ser analisada de acordo com as palavras de Larraín (2005, p.101):

La identidad a su vez, aunque sea un discurso, tiene mucha mayor estabilidad en el tiempo que un simple acto de habla. Porque no es cualquier discurso; es un destilado narrativo de modos establecidos y sedimentados de vida. De allí que la cultura cambia más rápido que la identidad. (LARRAÍN, 2005, p.101)

Na visão de Woodward (2003), a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença são estabelecidas por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcam a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados). A identidade pode estar vinculada também a condições sociais e materiais, por exemplo, se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais. O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades, ou seja, a marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído, e por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais.

É necessário, ainda, explicar por que as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas. Por que as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade lhes oferecem? O nível psíquico também deve fazer parte da explicação, pois se trata de uma dimensão que, juntamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade, ou seja, todos esses elementos contribuem para explicar como as identidades são formadas e mantidas.

De acordo com Woodward (2003) uma das discussões centrais sobre a identidade concentra-se na tensão entre o essencialismo e o não essencialismo, sendo que o essencialismo pode fundamentar suas afirmações tanto na história quanto na biologia, por exemplo, certos movimentos políticos podem buscar alguma certeza na afirmação da identidade apelando seja à “verdade” fixa de um passado partilhado seja a “verdades” biológicas. O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade - por exemplo, para a identidade sexual.

Segundo Woodward (2003) a representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. A ênfase na representação e o papel-chave da cultura na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais levam, assim, a uma preocupação com a identificação (NIXON, 1997 apud Woodward, 2003, p.17). Esse conceito, que descreve o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades tem sua origem na psicanálise: a identificação é um conceito central na compreensão que a criança tem, na fase edipiana, de sua própria situação como um sujeito sexuado.

Utilizando-me do pensamento da autora Woodward (2003), coloco aqui alguns posicionamentos em relação à cultura que pode ser definida como um conjunto de ideias, comportamentos e práticas sociais, aprendidos por geração através da vida em sociedade, além de ser um conjunto de elementos que identifica e diferencia um povo de outro. Pode ser um conjunto de comportamentos, costumes, religião, música entre outros elementos, assim como, se apresenta como um conjunto de manifestações emocionais, físicas e ideológicas de uma região. A cultura pode ser vista, também, como uma peça chave para o que somos, o que éramos e o que vamos ser, além de afetar no psicológico idealista das pessoas, o que mostra a questão da representação muito forte na cultura e por consequência na constituição das identidades desses estudantes. Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado - possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece “real” - que poderia validar a identidade que reivindicamos.

Tendo essas afirmações como base, me utilizo da fala de um estudante do grupo de Letras-Espanhol 2016 em relação à cultura:

*Cultura é tudo aquilo que faz parte de um determinado ambiente e dentro desse ambiente existem elementos como religião, costumes, culinária, entre outros. Seria também, tudo que se aprende durante a vida com influência de outras pessoas, é uma série de hábitos realizados por um indivíduo. (Jeferson, estudante do grupo de Letras-Espanhol 2016)*

Ao expressar demandas pela identidade no presente, o movimento nacionalista seja na antiga União Soviética seja na Europa Oriental, ou ainda na Escócia ou no País de Gales, buscam a validação do passado em termos de território, cultura e local. Stuart Hall 1990, dentro das colocações de Woodward (2003), analisa o conceito de “identidade cultural”, tendo como base o exemplo das identidades da diáspora negra, empiricamente, na representação cinematográfica, usa como seu ponto de partida a questão de quem e o que nós representamos quando falamos. Ele argumenta que o sujeito fala, sempre, a partir de uma posição histórica e cultural específica.

Nas discussões de Woodward (2003), temos Hall (1990) afirmando que existem duas formas diferentes de se pensar a identidade cultural. A primeira reflete a perspectiva na qual uma determinada comunidade busca recuperar a “verdade” sobre seu passado na “unicidade” de uma história e de uma cultura partilhadas que poderiam, então, ser representadas, por exemplo, em uma forma cultural como o filme, para reforçar e reafirmar a identidade - no caso da indústria da herança, a “inglesidade”; no exemplo de Hall, a “caribenhidade”. A segunda concepção de identidade cultural é aquela que a vê como “uma questão tanto de 'tornar-se' quanto de 'ser', isso não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, ao reivindicá-la, nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação, e esse passado é parte de uma “comunidade imaginada”, uma comunidade de sujeitos que se apresentam como sendo “nós”.

Baseando-se nesta afirmação, percebe-se na pesquisa, que apesar das dificuldades, os discentes buscam manter sua identidade dentro do curso de Letras-Espanhol, não deixam perder a essência de aprender a língua, até porque estes já deixaram certo que querem constituir uma identidade e se tornar professores de língua espanhola, ou seja, apesar dos acontecimentos passados, se torna evidente uma grande vontade de crescer dos discentes, principalmente as turmas observadas que estão na parte final de seu percurso acadêmico. A cultura está sendo um forte instrumento para a constituição dessa identidade, tendo com destaque a Literatura de Resistencia e Feminista, da América Latina, tornando-os mais críticos, se utilizando de assuntos ministrados para relatar situações de seu cotidiano.

### 3.3 – Literatura: Aspectos teóricos

No decorrer da pesquisa etnográfica, consegui perceber que os estudantes do curso de Letras-Espanhol constituem suas identidades, a grande maioria, por meio da leitura de obras literárias, principalmente de Resistencia e Feminista, ou seja, a literatura torna-se muito presente dentro deste processo tão importante para que os estudantes possam discutir de maneira satisfatória as situações sociais que os rodeia. Por isso, percebo o quanto vale ressaltar aqui nesta seção um pouco sobre o conceito de Literatura. Utilizei-me de Eagleton (1998), em sua obra “Una introducción a la teoría literária” para descrever sobre o conceito de literatura, em que se encontra a questão de sua difícil definição, pois esta poderia ser como uma obra de imaginação, no sentido de ficção, de escrever sobre algo que não seria literalmente real.

Segundo Eagleton (1998) seria possível definir a literatura não tendo como base seu caráter novelístico ou imaginário, porém tendo seu emprego característico da língua, ou seja, baseando-se nesta teoria, a literatura consiste em uma maneira de escrever. A literatura se intensifica e transforma a linguagem, se fixa sistematicamente da forma em que se fala da vida diária. Neste caso, pode-se perceber que a literatura apresenta esse poder de mudança crítica, a partir do momento que os estudantes do curso de Letras-Espanhol, conseguem se utilizar desta para contar situações vividas e que foram resolvidas tendo como base os conhecimentos adquiridos por meio das leituras de obras, a questão da tolerância antes inexistente e hoje presente na maioria desses estudantes, a compreensão na diferença do outro, sem julgá-lo e muitos outros aspectos que foram descritos por eles na pesquisa etnográfica.

Diante desta afirmação, mostro um comentário feito por uma estudante do curso de Letras-Espanhol 2016:

*Estamos organizando um evento cultural para fazer com que as pessoas possam conhecer um pouco mais sobre as histórias de mulheres que conseguiram conquistar seus sonhos e de que maneira isto é retratado pela literatura. As mulheres precisam mudar sua visão de mundo e perceber que podemos fazer muitas coisas na vida. (Paula, estudante do grupo de Letras-Espanhol 2016).*

Eagleton (1998) nos coloca a visão dos formalistas russos, que discutem a literatura não como uma pseudoreligião, psicologia ou sociologia, se não como uma organização especial de linguagem, que apresenta leis próprias específicas, estruturas e recursos, que deveriam estudar a si mesmo em vez de reduzidos a algo diferente, ou seja, a obra literária

não era um vínculo ideológico, nem reflexo da realidade social, nem encarnação da verdade transcendental, era um fato material cujo funcionamento pode se analisar como se examina uma máquina. Porém, tendo como base a pesquisa etnográfica que realizei, pode - se dizer que a literatura apresenta esse caráter ideológico pode ser carregado de sentimentos e emoções, os próprios estudantes demonstram isto ao contar suas experiências e sua mudança de pensamento em relação a questões como homossexualidade, feminicídio, machismo, logo se observa também uma desconstrução que proporciona uma nova constituição de identidades, principalmente no que concerne o seu futuro profissional com a língua espanhola.

*A literatura me fez perceber que podemos ser tolerantes, aprender a lidar com o diferente sem preconceito. Mostrar que as mulheres podem sim conquistar seu espaço e ao mesmo tempo ser mãe, sem precisar abrir mão dos seus sonhos” (Jair, estudante do grupo de Letras-Espanhol 2016).*

Ainda tendo como base os conhecimentos de Eagleton (1998), se tem a questão que em muitas sociedades a literatura cumpre com funções de grande valor prático, como as de caráter religioso, ou seja, distinguir entre o prático e o não prático somente resulta possível em uma sociedade como a nossa, em que a literatura em boa parte tem deixado de possuir uma função prática, talvez esta tenha se apresentado como definição geral uma aproximação do literário e a realidade é historicamente específica. Para o autor não existe literatura tomada como um conjunto de obras de valor assegurado e inalterado caracterizado por propriedades intrínsecas e compartilhadas.

No período da pesquisa etnográfica, ocorreu no Campus de Abaetetuba um evento de Literatura e Cultura Latino-americana, do grupo de pesquisa José Martí, em que discutiam sobre a questão da literatura e as mudanças sociais que estão acontecendo, como esta pode influenciar nesse processo, a partir do momento que estão surgindo diversos questionamentos sobre a questão da homossexualidade, ou seja, a necessidades que estas pessoas tem de expor seus sentimentos, suas ideias, a questão da mulher, principalmente a negra, e de seus direitos, que até hoje não são respeitados pela sociedade machista que ainda faz parte do nosso cotidiano.

Para embasar a descrição acima, me baseio em Chandía (2012), na seguinte afirmação:

*La literatura es un ejercicio escritural a la que le toca una parte de responsabilidad ante el conflicto. Si a ella le atribuimos el ser un acto recreativo, formativo e ideológico, entonces no sólo se involucra sino que, en su grado de compromiso, se*



hace un elemento social más. La literatura es un elemento social más que no va a transformar el mundo por ella misma, pero sí ampliaría demasiado las posibilidades para su comprensión. (ARAYA, 2012, p. 01)

Sobre este aspecto, Araya (2012) mostra que a literatura está presente em nossa história, por isso requer uma aproximação flexível, trans e interdisciplinar, que possa se ocupar de maneira satisfatória desta manifestação cultural. Para o autor, a palavra *litterae* não se refere, somente, a letra, como símbolo do mundo abstrato das ideias, se não ao ser arte da palavra, manifestação da materialidade vital dos povos, porém não seria um reflexo deles, de sua cultura, ou seja, não é menos a expressão simétrica do mundo, a imagem reprodutora do que é, e não obstante permite seguramente construir imaginários sociais.

Na perspectiva do autor, a literatura não pode ser dotada como uma salvação, mas na medida em que sirva como instância de reflexão, de diálogo baseado no pensamento crítico e propositivo, de espaço discursivo que promova a imaginação e as dimensões subjetivas do homem, estará oferecendo alternativas contra a desumanização, a intolerância e a barbáries de todo o tipo, também sendo um processo dinâmico, discurso literário não somente admite sua historicidade, além disso, se deve conceber como um fenômeno cultural estabelecido sempre por uma série de marcas sócio históricas.

*A literatura me proporcionou descobrir um mundo que eu não conhecia, me tornei mais tolerante e humana com as pessoas. Creio que se todos pudessem ler as obras que tenho aqui em minhas mãos, acredito que as mulheres iriam se valorizar ainda mais. (Eliane, estudante do grupo de Letras-Espanhol, ano 2016)*

Baseando-se na visão de Culler (1999) temos a questão da literatura como um ato de fala ou evento textual que suscita certos tipos de atenção, contrastando com outros tipos de atos de fala, tais como dar informação, fazer perguntas ou fazer promessas, sendo na maior parte do tempo, o que leva os leitores a tratar algo como literatura é que eles a encontram em um contexto que a identifica como literatura, que seria em um livro de poemas ou em uma seção de uma revista, biblioteca ou livraria. Além deste ponto discutido, pode ser vista como um tipo especial de escrita que poderia civilizar não apenas as classes mais baixas, mas também os aristocratas e as classes médias.

Partindo dessa ideia do autor, podemos ressaltar, também, que essa visão da literatura como objeto estético que poderia nos tornar “pessoas melhores” se vincula a certa ideia de sujeito, o qual os teóricos passaram a chamar de “sujeito liberal”, o indivíduo definido não por uma situação social e interesses, mas por uma subjetividade individual, vinculada a

racionalidade e moralidade, concebida como essencialmente livre de determinantes sociais, nesse caso, dentro da pesquisa realizada e dos resultados obtidos, percebe-se uma mudança no caráter e nos modos de vidas dos estudantes do curso de Letras-Espanhol, no que concerne sua vida familiar e também o respeito com os demais, a tolerância que muitos buscam para conviver em sociedade e logo a questão do ser subjetivo, porque começaram a notar que eles podem evoluir e mudar de acordo com suas necessidades, tanto físicas como psicológicas.

Culler (199) nos mostra que a literatura faz isto, nos modifica, encorajando a consideração de complexidades sem uma corrida ao julgamento, envolvendo a mente em questões éticas, induzindo os leitores a examinar a conduta, inclusive a sua própria, como faria um forasteiro ou um leitor de romances, promovendo o caráter desinteressado, ensina a sensibilidade e as discriminações sutis, produz identificações com homens e mulheres de outras condições, promovendo dessa maneira um sentimento de camaradagem.

Na vida dos estudantes, a literatura foi de grande valia para constituir suas identidades como estudantes de Língua Espanhola, pois através das leituras eles conseguiram observar certos comportamentos que eles apresentavam e logo notaram o quanto isto era prejudicial em seu relacionamento amoroso, sendo que algumas estudantes se aceitam como lésbicas, nas amizades passaram a ser mais verdadeiras, no trabalho, conquistaram mais espaços nas decisões e no contato com os filhos, aprenderam a lidar com seus sentimentos e entende-los, para assim conseguir orientá-los.

Para reforçar a ideia discutida utilizaremos o pensamento de Culler (1999) para mostrar que a literatura apresenta funções diametralmente opostas, sendo esta um instrumento ideológico, capaz de fazer com as histórias aceitem sem discussão que as mulheres devem encontrar sua felicidade, caso encontrem, no casamento; se aceitam as divisões de classes como naturais e exploram a ideia de como a serviçal virtuosa pode se casar com um lorde, ou a literatura é o lugar onde a ideologia é exposta, revelada como algo que pode ser questionado?

Ainda segundo o autor, a literatura representa, por exemplo, de uma forma intensa e tocante, o arco estreito de opções historicamente oferecidas às mulheres e, ao tornar isso visível, levanta a possibilidade de não aceitar isso sem discussão, sendo a literatura ao mesmo tempo um veículo de ideologia e logo um instrumento para sua anulação. Alguns teóricos, segundo Culler (1999) sustentam que a literatura encoraja a leitura e as reflexões solitárias

como forma de se ocupar do mundo e, dessa forma se opõe as atividades sociais e políticas que poderiam produzir mudança, mas por outro ângulo, a literatura foi vista historicamente como perigosa devido promover o questionamento da autoridade e dos arranjos sociais.

Finalizando este tópico, coloco a questão sobre o conceito de literatura, tendo como base Culler (1999), em que este nos mostra as pessoas não preocupadas com o fato de poderem confundir um romance com a história ou a mensagem em um biscoito da sorte como poema, mas porque os críticos e teóricos esperam, ao conceituar literatura, promover o que consideram serem os métodos críticos mais pertinentes e descartar os métodos que negligenciam os aspectos mais básicos e distintos da literatura, sendo no contexto da teoria recente a questão sobre o que é literatura? Tem importância porque esta vem ressaltar a literariedade dos textos de todos os tipos, trazendo a suspensão da inteligibilidade imediata, a reflexão sobre as implicações dos meios de expressão e a atenção em como o sentido se faz e o prazer se produz.

### **3.4 – Literatura e Estudos Culturais**

Para o desenvolvimento desta dissertação de mestrado, pensei em primeiro momento, a questão cultural como forma de constituição das identidades dos estudantes do curso de Letras-Espanhol, e na pesquisa etnográfica obtive conhecimento que o elemento cultural mais aproveitado seria a literatura feminista e de resistência. Com base nisso, me tomei de alguns teóricos, como Culler (1999) para discutir sobre a literatura e os Estudos Culturais, mostrando que a teoria enriquece e revigora os estudos das obras literárias, porém esta não é a teoria da literatura propriamente dita.

Se fosse necessário dizer o que a teoria é teoria de, a resposta seria algo como práticas de sentido, a produção e a representação da experiência, e a constituição de sujeitos humanos, seria algo relacionado à cultura como sentido mais amplo. Para Culler (1999) os Estudos Culturais seriam a prática do que chamamos de teoria, é a teoria, porém se questiona sobre a relação entre estudos literários e estudos culturais. Para este autor, o projeto dos estudos culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente do mundo moderno, ou seja, como as produções culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos, no mundo de comunidades diversas e misturadas, de poder de Estado, indústrias da mídia e corporações multinacionais.

Neste sentido, vale ressaltar que estes tópicos são de grande valor para a pesquisa no momento que se percebe como a Literatura chega aos estudantes, sua maioria por meio das mídias, como internet e e-books, podendo esta situação modificar suas identidades, os transformando em pessoas com um poder de leitura maior, capazes de questionar a sociedade em que vivem, tendo pensamento crítico e reflexivo. Porém, se observou que a influência europeia ainda é muito presente em diversos aspectos desses estudantes, como por exemplo, na oralidade e na escolha de algumas canções, podendo afirmar que em princípio, então, os estudos culturais incluem e abrangem os estudos literários, examinando a literatura como uma prática cultural específica. (CULLER, 1999, pg. 49)

Tendo a visão de Culler (1999) se discute que a interação entre as duas análises da cultura, a primeira como uma expressão do povo e a segunda como imposição sobre o povo, foi crucial para o desenvolvimento dos estudos culturais, sendo que nessa tradição, eles são movidos pela tensão entre o desejo de recuperar a cultura popular como a expressão do povo ou de dar voz a cultura de grupos marginalizados, e o estudo das culturas de massas, como uma imposição ideológica, uma formação ideológica opressora. E a razão de estudar a cultura popular é entrar em contato com o que é importante para a vida das pessoas comuns, sua cultura, em oposição aquela dos estetas e professores.

Ou seja, nesse caso, na pesquisa etnográfica se observou a questão da literatura como uma forma de expor os sentimentos dos estudantes, como uma maneira destes começarem a perceber as diferenças e saber com essas situações tão frequentes em seus cotidianos, como a questão da mulher negra e seu lugar na sociedade, eles passaram a utilizar elementos culturais de origem da cultura negra, como turbantes, roupas longas com desenhos africanos, passaram a conhecer mais sobre a religião africana e com isso aprendendo a ser tolerante e respeitando as diversidades. Os estudantes começaram a respeitar as opções sexuais, muitos se assumiram homossexuais após as leituras ensinadas em classe e aqueles que eles buscaram por conta própria.

Culler (1999) se refere aos estudos culturais dessa maneira:

Os estudos culturais se detêm na tensão entre o desejo do analista de analisar a cultura como um conjunto de códigos e práticas que aliena as pessoas de seus interesses e cria os desejos que elas passam a ter, e por outro lado, o desejo do analista de encontrar na cultura popular uma expressão autêntica de valor. (CULLER, 1999, p. 50)

Diante de tudo que observei durante a pesquisa etnográfica, o que mais me chamou a atenção foi à mudança de comportamento desses estudantes, a capacidade crítica e reflexiva sobre assuntos que antes eram vistos como “tabu”, com isso posso dizer que ocorrem mudanças em suas identidades e com isto as constituindo como professores de espanhol. Com isso, me utilizo de Culler (1999) para dizer que o trabalho dos estudos culturais se harmoniza com o caráter problemático da identidade e com as diversas maneiras pelas quais as identidades se formam, são vividas e transmitidas, sendo de grande importância os estudos das culturas e identidades culturais instáveis que se colocam para grupos de sua minoria étnicas, imigrantes e mulheres que podem ter problemas em se identificar com a cultura, muitas vezes, uma construção ideológica que sofre mudanças.

Dentro desta questão, não existe um conflito entre os estudos culturais e os literários, pois estes não são comprometidos com uma concepção de objeto literário que os estudos culturais devem repudiar. Os estudos culturais surgiram como a aplicação de técnicas de análise literária a outros materiais culturais, tratando os artefatos culturais como textos a ser lidos e não como objetos que estão ali simplesmente para serem contados, e inversamente, os estudos literários podem ganhar quando a literatura é estudada como uma prática cultural específica e as obras são relacionadas a outros discursos. (CULLER, 1999, p. 52)

Os debates sobre a relação entre literatura e estudos culturais estão cheios de queixas de elitismo e acusações de que o estudo da cultura popular trará a morte da literatura. Em toda a confusão, ajuda a separar dos conjuntos de questões, o primeiro conjunto envolve questões sobre o valor de se estudar um tipo de objeto cultural ou outro. O valor de se estudar Shakespeare ao invés de novelas não pode ser mais aceito sem discussão e precisa ser discutido, ou seja, dentro é necessário que os estudantes de Letras-Espanhol possam adquirir mais conhecimento e utilizá-los nas críticas construtivas, logo sendo tudo isto adquirido por meio da leitura, através de obras literárias de resistência e feministas. Dessa maneira, os estudos culturais acreditam que seu próprio trabalho intelectual tem obrigação de poder, fazer a diferença. (Culler, 1999, p. 57).

### 3.5 – Literatura e Arte de Resistência

Dentro da pesquisa etnográfica, percebi o quanto a literatura, principalmente de Resistência e Feminista, foram importantes para o desenvolvimento da constituição de identidades dos alunos de Letras-Espanhol, do Campus Universitário de Abaetetuba, tanto na parte crítica, como reflexiva, devido a isso houve a necessidade de descrever sobre alguns aspectos teóricos envolvendo essas questões. O primeiro deles seria conceituar a Resistência para se ter uma compreensão melhor sobre a questão das identidades.

Segundo Sarmiento-Pantoja (2014) para se discutir sobre o conceito de resistência, é necessário se reportar a sua etimologia, em que se encontra uma filiação de *resistencia* a palavra latina *resistentia*, no sentido próprio, a resistência seria “ficar para trás, parar” e no sentido figurado é “resistir, opor resistência”, que no sentido próprio significa: 1) De pé, firme, sem recuar, no mesmo lugar; 2) modo estável, constantemente; 3) Incontinente, imediatamente, logo. (FARIA, 1962, p. 941). Com isso, resistir, poderia ser mediado tanto pela desistência, capacidade ou necessidade de “ficar para trás, parar” diante de um corpo, bloqueio ou força alheia; quanto à persistência na oposição a uma força alheia; ou assistir a uma força de oposição.

Bosi (2002) nos mostra que existe uma relação íntima entre o conceito de resistência com instâncias éticas e estéticas, proporcionando o desenvolvimento de uma “escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra sem retórica nem alarde ideológico, que essa vida como ela é, é quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida. Com isso a tensão presente na arte da resistência faz com que haja a necessidade de encontrar na literatura os rasgos da “vida como ela é” e nos ponha no embate com nós mesmos, e isso me remete a pesquisa etnográfica em que a literatura levou os estudantes a mudarem de vida, de pensamento em relação às situações cotidianas.

Sarmiento-Pantoja (2014) se utiliza dos conhecimentos de Bárbar Harlow para criar uma definição de Literatura de Resistência, considerando para isso a necessidade de recobrar a historicidade expropriada, se apropriando dela para reconstruir uma nova ordem histórica mundial, ou seja, pode-se dizer que isto gera uma mudança de caráter social, a sociedade passa a refletir sobre suas atitudes e pensamentos, gerando a partir disto uma tolerância sobre determinados assuntos, como homofobia, homossexualidade, ideias feministas, algo

perceptível quando se volta a pesquisa com os estudantes de espanhol, em que uma grande maioria consegue debater sobre esses temas, fazem leituras envolvendo essas temáticas e logo constituindo suas identidades dentro do Curso de Letras-Espanhol.

Segundo as colocações do autor:

(...) revelar na constituição da literatura, e acréscimo da arte, seu papel transformador, quando pensamos e recuperamos a história de nossa sociedade não mais sob o olhar do colonizador, mas sim, daqueles que foram colonizados, desse modo, a literatura de resistência resiste à própria história da literatura. (SARMENTO-PANTOJA, 2014, p. 19)

Dentro da pesquisa etnográfica, observei diversas colocações dos estudantes, entre elas a questão da segurança que hoje eles apresentam quando discutem assuntos relacionados ao curso e também sobre movimentos como feminista e LGBTI, assim como as leituras das obras e filmes latinos – americanos mudaram seu caráter e a maneira de conversar em casa com a família e os amigos. Logo, pode-se dizer que na reconstrução da resistência, fica evidente que os parâmetros para se trabalhar a história perpassam pela necessidade de manter-se firme aos preceitos de uma coletividade, como uma espécie de memória de nossas origens, pois os estudantes buscam comparar aquilo que eles aprenderam em casa a todas as situações ensinadas na universidade, e essa memória não deve ser aquela que nos foi submetida, pois esta pode causar um enfrentamento. (SARMENTO-PANTOJA, 2014, p. 19)

Bosi (2002) categoriza a resistência tomando a literatura como ponto de partida e inaugura um antagonismo formal na historiografia literária ao arbitrar que existem dois tipos de resistência na arte. A primeira seria temática, correspondendo a uma resistência que se baseia na evidência de uma determinada situação político-social conduzida por um sistema ditatorial e uma segunda imanente, que se relaciona aos procedimentos de resistência que não se prendem ao fato histórico em si, pois ela sempre existirá, não importando se há ou não uma forma de governo ou uma força de poder maior, pois levam em consideração questões que nos fazem pensar sobre aquela realidade descrita na obra e nos auxilia a “apresentar” as coisas como elas realmente são. Nesse caso, os estudantes do curso de Letras-Espanhol se aproximam dessa resistência imanente, a partir do momento que eles se utilizam das obras literárias e discutem assuntos de seu cotidiano, eles conseguem por meio da literatura demonstrar seus conhecimentos sobre diversos assuntos, e criticá-los de maneira coerente para as pessoas.

Com isso, pode-se afirmar que há uma resistência ligada ao dorso da narrativa, a sua tessitura, aos seus laços e enlaces, o que faz com que toda obra literária seja resistente por si só, porém nesse aspecto de obras resistentes existem aquelas que além dessa forma interna, sobressaem outras formas de resistência aplicadas a um espaço e um tempo resistentes, pois recupera cenas de um tempo histórico, em que as vozes do discurso não serão somente dos opressores, mas também dos silenciados e oprimidos que precisam falar, mesmo não sabendo o porquê. (SARMENTO-PANTOJA, 2014, p. 21)

### **3.6 – Crítica Literária Feminista**

Na pesquisa etnográfica, pude perceber a grande importância da literatura feminista na constituição das identidades dos estudantes, principalmente as mulheres mais tímidas, no que concerne a defesa de seus direitos e seu poder de voz perante a sociedade, logo é de grande valia discutir a respeito deste aspecto que tanto vem mudando o pensamento das mulheres na atualidade. Cabanilles (2006) destaca as seguintes questões: para que existam os movimentos feministas é necessário que existam instituições democráticas, e que exista também uma divisão funcional do trabalho que permita as mulheres ter mínimas condições prévias para uma vida independente, que possam ficar resumidas a uma famosa tríade de tempo livre, dinheiro e uma habitação própria.

No âmbito da crítica literária feminista, Cabanilles (2006) mostra três aspectos desta prática que vem se desenvolvendo nos últimos anos, a primeira seria o bibliográfico e editorial que seria o primeiro momento dedicado a arqueologia e a memória literária, ou seja, o objetivo seria recuperar toda uma série de textos que as histórias da literatura silenciaram, e isto vem acompanhado de algumas iniciativas editoriais dedicadas a mulher. A segunda seria o teórico, com o desejo de construir um novo discurso há um esforço de teorização para analisar e evitar as estratégias enunciativas, pragmáticas que envolvem o discurso de poder e a terceira que seria institucional, sendo a cobertura institucional desde o âmbito universitário, político das investigações feministas. Os dois primeiros aspectos estão relacionados porque o que se revela na reflexão teórica é a inscrição de qualquer discurso, também os novos, no marco de uma determinada tradição, entendida não como uma repetição mecânica ou determinista, se não como escrita. (CABANILLES, 2006, p. 80).



Para falar um pouco sobre a voz feminina na literatura, me utilizo de Balbino (2016) para dizer que nos anos de 2014 e 2015, houve uma grande presença de mulheres, muito mais do que os homens, publicando, caso este devido ao lançamento das antologias 100% femininas e das antologias feitas em escolas, com a participação de estudantes crianças e adolescentes. Na pesquisa etnográfica, percebi o quanto os estudantes, principalmente as mulheres, ganharam voz no que concerne a luta aos seus direitos e a liberdade de expressar seus sentimentos, como por exemplo, uma aluna da turma de Letras-Espanhol 2017 relatou que:

*Antes não conseguia me expressar por vergonha da opinião dos outros, me calava diante de injustiças, porém as leituras que fiz sobre o respeito a mulheres me ajudaram, hoje, a questionar muito mais, inclusive familiares machistas que vivem comigo e diziam cada absurdo. Amo a literatura por isso. (Joana, estudante de Letras-Espanhol, grupo 2017)*

Balbino (2016) mostra que a dominação sempre barrou as vozes tidas subalternas e, por conseguinte, as práticas patriarcais também sempre vetaram a voz feminina, seja por meio da política, seja por meio do trabalho e até mesmo da própria literatura, e esta questão ficou bem nítida quando uma estudante, chamada Janaína, de Letras-Espanhol diz *eu sempre obedecia meu pai, em todos os sentidos. Depois do meu conhecimento na universidade, passei a questionar e não aceitar tudo o que ele dizia*, isto demonstra a questão do silenciamento, que muitas mulheres sofrem diante de uma família modelo patriarcal, em que o pai decide e tudo se aceita, e ainda na visão da autora temos que esses esforços para dar ao subalterno voz na história estarão duplamente suscetíveis ao perigo. (BALBINO, 2016, p. 167)

Com isso, me utilizo da autora para mostrar a grande presença da mulher nas antologias, sejam 100% femininas ou mistas, sendo que nos últimos 15 anos foram publicados cerca de 500 livros coletivos e individuais, porém entre eles ainda é inferior o número de mulheres como autores, assim como posso dizer, mediante a pesquisa realizada, que apesar da liberdade de expressão e do conhecimento adquirido, muitos estudantes ainda não conseguem constituir suas identidades, apresentam dificuldades de se reconhecer no curso de Letras-Espanhol, principalmente as mulheres, em que percebi algumas quietas e caladas diante de muitas situações em sala de aula.

Isto pode exemplificar o silêncio, tanto da mulher, como também do próprio homem, como repórter de si mesmo e da realidade em que vive, mas mostra uma tendência crescente em termos de participação, existe a sensação de que esse protagonismo vai sendo compartilhado, e os textos do universo feminino versam em temas que falam sobre violência doméstica e abuso sexual, condições da mulher, como feminismo e desigualdade, a negritude (cor da pele, tipo de cabelo, vestimenta) e ainda relações amorosas. Porém é importante salientar, que as mulheres da literatura marginal/periférica, em sua maioria, estão conscientes de seu papel como protagonistas da própria história e mesmo nas relações amorosas trazidas nos textos e poesias, raramente aparecem em papéis submissos, mas sempre em tentativa de empoderamento. (BALBINO, 2016, p. 171).

### **3.7 A Literatura e a constituição de identidades dos estudantes de Letras-Espanhol**

Para mostrar como a literatura proporciona essa constituição de identidades, algumas alunas do grupo de Letras-Espanhol 2016 publicaram um artigo falando sobre a literatura feminista, a mulher negra. Este se encontra publicado na Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Qualis B1, este é intitulado como Literatura Colombiana Afrodescendente: voz afrofeminina no poema “negra soy” de Mary Grueso Romero. Em seu conteúdo temos que o espaço da mulher na literatura afrocolombiana sempre foi bastante secundário, uma vez que entre os primeiros autores não surge nenhum feminino, sendo que a escrita feminina somente ganha espaço a partir da primeira antologia de escritoras afrocolombianas chamadas! Negra Somos! Esta situação, primeiro, nos deixou gratificados por termos estudantes da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba, publicando em revistas fora de nosso estado e outra, mostra como eles mudaram seu comportamento a partir do momento que seu conhecimento começou a se expandir em outros espaços.

Outra questão importante seria o crescimento do Grupo de Estudos José Martí, antes era composta somente por estudantes mais antigos do curso, hoje temos estudantes de outras turmas de Letras-Espanhol, desde os mais recente até os antigos, e alguns alunos do curso de Letras-Espanhol Cameté estão participando. Estes estudantes desenvolvem seu caráter crítico e reflexivo ao demonstrar que não estão somente em um curso, eles querem mais, querem conhecer o outro e o mundo, e através das leituras estão conseguindo adquirir esse conhecimento tão almejado. Em umas das conversações que tivemos, alguns alunos do Grupo José Martí me relatam a seguinte situação: “Estamos, professora, buscando divulgar mais o

grupo porque é difícil dentro da área de espanhol alguém que trabalhe a literatura de uma maneira tão crítica. Já temos estudantes de Cametá e também da parte de Letras-Português”. (Patrícia, estudante participante do Grupo José Martí, ano 2018).

Por meio de todos esses comentários sobre literatura de resistência e feminista, posso dizer que estes conseguem constituir de primeiro momento a identidade dos estudantes do curso de Letras-Espanhol, pois proporciona conhecimento para gerar uma discussão em qualquer esfera, mostrando aos estudantes o quanto são capazes de compreender o mundo em que vivem, e levar isto as pessoas de fora dos muros da universidade, ou seja, os adolescentes e as crianças que um dia serão seus alunos em alguma escola. Assim como, em alguma palestra ou debates que eles possam participar levando conhecimento e reflexão sobre assuntos diversos, como se observa na foto abaixo, a estudante defendendo seu posicionamento sobre violência contra mulher, tendo como base seus saberes literários a respeito do assunto.

**Figura 19 – Estudante do grupo de Letras-Espanhol 2016 apresentando comunicação**



**Fonte:** Freitas (2018)

Observei que há estudantes que gostam do curso de Espanhol, demonstram que aprendem de forma crítica, questionando a maneira de pensar das pessoas e colocando em jogo suas opiniões, e discutindo de maneira ética constituindo identidades tanto de estudantes

quanto como de futuro professor de língua espanhola, e muitas destas questões se conseguiu por meio da Literatura, outros estudantes são indiferentes ao curso. Percebi a vontade de aprender dos estudantes, porém, com a exclusão da disciplina do currículo da escola básica, alguns foram desistindo do curso, e por se tratar de uma língua estrangeira, é preciso que os estudantes se tornem professores identificados e comprometidos com a língua espanhola, sentindo prazer com esta e dessa maneira se sentindo capazes de exercer a docência levando todos os seus conhecimentos para a sala de aula de maneira satisfatória, formando cidadãos críticos e questionadores da sociedade em que vivem.

## **CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS**

Utilizando-me da experiência de professora do curso de Letras-Espanhol da Universidade Federal do Pará, termino esta escrita de minha dissertação, e a coloco como consideração provisória pelo fato da identidade não ser algo pronto e acabado, mas sim sofrer modificações de acordo com nossos conhecimentos e logo a maturidade que nos modifica a cada momento, a cada hora. Dizer o que seria identidade é dar conceitos incertos, é mostrar verdades que poderão ser comprovadas ou não, que dependendo do tempo se transformam até em mentiras ou situações mal explicadas. Se por algum momento produzi algo concreto, ou deixei essa ideia transparecer foi para desenvolver uma formação crítica que nos leva ao julgamento, e isso aconteceu porque estou aprendendo a caminhar nas incertezas da teoria pós-crítica, sendo este trabalho o meu primeiro contato com ela.

A pesquisa etnográfica pós-moderna foi de grande importância nesse processo, pois ajudou a compreender a pesquisa enquanto provisória, instável e marcada por relações de poder, logo o método utilizado gerou produtividade, na medida em que suas bases, que envolvem a observação participante, tradução cultural e escritura, foram suficientes para produzir as informações apresentadas ao longo desta escrita, que se realizou de uma maneira consistente, de conversas informais, de busca pela informação coerente para entender como se constitui o processo de identidade de nossos estudantes.

A partir dos resultados obtidos, posso dizer que a problemática de “como têm sido constituídas as identidades dos Estudantes do curso de Espanhol, do Campus de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará?” foi respondida com êxito, ao saber que a literatura proporciona essa constituição de identidades, logo ressaltando o objeto de pesquisa que é a

constituição de identidades. O objetivo geral é analisar a constituição de identidades dos estudantes do curso de Letras-Espanhol, do Campus de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, sendo este alcançado quando percebo as diferentes maneiras que os estudantes constituem suas identidades, seja gostando do curso e levando-o para sua vida, ou não gostando, porém continuando, ou desistindo, como ocorreu com muitos no decorrer dos 4 anos.

Para o desenvolvimento da pesquisa os objetivos específicos contribuem em demasia para mostrar essa constituição identitária desses estudantes, podendo transformar a essência e seu conhecimento. A partir disso, pude compreender como somos pessoas vulneráveis, podemos mudar de acordo com os livros que lemos as histórias que escutamos de outras pessoas, nos tornamos tolerantes e respeitadores do diferente a partir do momento que deixamos de ver a vida como algo imutável, sem movimento e passamos a perceber o quanto nossa cabeça pode mudar quando nos permitimos conhecer o outro e a vida em sociedade, ou seja, somos comunidade e não pessoas solitárias e indiferentes.

Para tanto, destaquei os conceitos de Literatura de Resistência e Feminista, como algo de grande importância para essa constituição tão válida no processo de formação desses estudantes. Apesar da pesquisa não contemplar os professores de uma maneira direta, eles também mereceram destaque, pois participam ativamente desse processo, seus discursos são captados por esses estudantes, favorecendo muito a constituição de suas identidades, pois eles passam a receber informações, estas servirão para sua transformação intelectual e pessoal. No entanto, esses eventos não constituem essas identidades de forma concreta, ou seja, elas podem sofrer essa mudança no decorrer de suas vidas e experiências, terão outras situações e conhecimentos que poderão reconstituir seu caráter e logo sua vida, visto que estes podem resistir a outros significados e ressignificá-los, por isso a diferença, nesse contexto, significa buscar formas de relação, de liberdade que não aquela instituída no espaço da universidade.

Assim, compreendi que dentro do curso de Letras-Espanhol, Campus de Abaetetuba, a Literatura de Resistência e Feminista, atua, por meio de diferentes mecanismos, na constituição identitária desses estudantes. No entanto, considerando-se que as identidades são fluidas e instáveis, não se pode atribuir somente à Universidade e ao Curso sua produção, que, do mesmo modo, não se constituem de forma final, senão como resultado de embates, ou seja,

nesse sentido, estes podem ser compreendidos como um espaço de batalha, em que os sujeitos negociam constantemente acerca dos significados produzidos.

Logo, esse campo de estudo foi válido, me possibilitando entretecê-los com as informações produzidas durante e após o trabalho de campo. Este diálogo redesenhou a pesquisa, podendo trazer muitas contribuições para futuros/as pesquisadores/as que visem investigar a constituição de identidades no âmbito universitário, principalmente no que concerne a Língua Espanhola aqui no estado do Pará. Por outro lado, essas futuras pesquisas devem levar em consideração como os estudantes de nível superior se constituem em meio aos investimentos que atuam na questão das identidades, em momento algum, estes podem ser percebidos como passivas e postos em segundo plano, pois são os protagonistas nesse cenário.

Do mesmo modo, a pesquisa nessa área pode contribuir para uma formação superior de melhor qualidade, logo sendo de grande importância acadêmica, pensar em uma Educação Superior é compreender que seus atores, nesse caso os estudantes, são pessoas que vem de um lar, apresentam uma profissão, não ficam guardados em casa. É permitir, quando possível, a expressão de seus pensamentos, suas dúvidas e inquietações, trabalhar no estímulo em que eles possam se ver como o outro, bem como possibilitar novas formas de se constituírem como seres humanos, enfim, apesar de ser considerada a última etapa na vida estudantil de uma pessoa, ainda se tem muito a aprender com este segmento da educação. Suas resistências inspiram a pensar em uma prática também resistente, que possibilite acabar com as diversas formas de preconceitos tão enraizados e presentes nos nossos dias.

Na medida em que se conseguir apagar, ou ao menos contribuir para diminuir práticas geradas pelo machismo, homofobia e misoginia, torna-se possível iniciar um novo pensamento, em que se dão vida às diferentes pessoas, para que possam construir suas identidades, sem que se sintam obrigadas a ser algo pronto e acabado, e assim, em meio há tantos questionamentos, é possível constituir identidades, e logo se transformar em um docente crítico, reflexivo e capaz de reconstituir sua identidade e de seus próprios alunos futuros.

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade. Lugares, situações, movimentos.** Editora Terceiro nome. Ano 2011. p 103.

BALBINO, Jéssica. **Oralidade, voz e literatura feita por mulheres periféricas.** In: Ferrari, Ana Josefina, Fontana, Monica G. Zoppi. (Org). **Mulheres em discurso: identificações de gênero e práticas de resistência.** Volume 2. Editora Pontes. 2016. p. 163-182.

Blog do escritor Paes Loureiro. Disponível em [www.paesloureiro.wordpress.com/paesloureiro](http://www.paesloureiro.wordpress.com/paesloureiro). Acesso em 30.12.2019

CAAB/UFGA. **Projeto Pedagógico do Curso De Licenciatura em Letras – Espanhol.** Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL), 2012.

CABANILLES, Antónia. **Crítica literária femenina.** Alicante. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Año 2006. p. 79-85.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A Presença do Autor e a Pós-modernidade em Antropologia.** Novos Estudos CEBRAP. N. 21. Ano 1988.

CACLINI, Nestor Garcia. **Imaginários culturais da cidade: conhecimento / espetáculo / desconhecimento.** In: Teixeira Coelho (org.) **A cultura pela cidade.** São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008. p. 15-16.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHANDÍA, Marco Araya. **Hacia una poética de la frontera personal, poetisa y popular. Imaginarios chileno-peruanos.** Tesis de grado de doctorado en literatura chilena e hispanoamericana. Facultad de Filosofía y Humanidades. Chile, Santiago. 2012. p. 432-437.

CLIFFORD, JAMES. **Sobre a alegoria etnográfica.** In: Clifford, James, Marcus, George. (Org.). **A escrita da cultura: poética e política da etnografia.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Papéis Selvagens Edições, 2016. p. 151-181.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** José Reginaldo Santos Gonçalves (Org.). 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda. 1999. p. 26-48.

Da cor do norte. João Jesus de Paes Loureiro. Disponível em [www.escritas.org/pt/estante/joão-de-jesus-paes-loureiro](http://www.escritas.org/pt/estante/joão-de-jesus-paes-loureiro). Acesso em 30.12.2019

DA SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: Da Silva, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 12ª Edição: Editora Vozes, 2003.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria cultural e educação Um vocabulário**. Editora Autêntica. Belo Horizonte. Ano 2000. p. 66.

DAYRELL, Juarez (Org.) **Os múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Editora UFMG. Ano 1996. p. 178-191.

DERRIDA, J. *Espolones: Los Estilos de Nietzsche*. Tradução de M. Arranz Lázaro em Pré-Textos, Valencia. Ano 1981.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**; tradução Sandra Castello Branco. 2ª Edição. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

EAGLETON, Terry. **Una introducción a la teoría literaria**. Traducción José Esteban Calderón. 1998. p. 5-14.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos Culturais: Uma introdução**. In: Da Silva, Tomaz Tadeu (Org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais**. 3ª Edição. Belo Horizonte: Autentica, 2004. p. 135-166.

ETZIONI, Amitai. **Organizações Modernas**. Tradução de Mirian L. Moreira Leite. 2ª Edição. Ano 1994.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1990.



HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

JAMESON, Frederic. ZIZEK, Slavoj. **Estudios Culturales. Reflexiones sobre el multiculturalismo**. Paidós. Buenos Aires- Barcelona – México. Año 1998.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** In : Da Silva, Tomaz Tadeu (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3ª Edição. Autêntica. Ano 2004. p. 9-131.

JORDÃO, Patrícia. **A Antropologia pós-moderna: Uma nova concepção da etnografia e seus sujeitos**. Revista de Iniciação Científica da FFC, v4, n.1, 2004.

LACLAU, Ernesto. **Novas reflexões sobre a revolução do nosso tempo**. Londres: Verso. Ano 1990.

LARRAÍN, Jorge. **¿América Latina Moderna? Globalización e identidad**. 1ª edición. Santiago. LOM Ediciones, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril, 1978 (Os Pensadores).

MERCER, Kobena. **Bem vindo à selva**. In: RUTHERFORD, J. (Org.) **Identity**. Londres: Lawrence e Wishart, 1990.

RUTHERFORD, Jonathan. **O terceiro espaço: entrevista com Homi Bhabha**. Em: DERS (Org.). **Identidade: comunidade, cultura, diferença**. Londres: Lawrence e Wishart. 1990.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. **Literatura e arte de resistência**. In: Sarmiento-Pantoja, Augusto, Umbach, Rosani, Sarmiento-Pantoja, Tânia. (Org.). **Estudos de literatura e resistência**. Campinas: Ed. Pontes, 2014. p. 11-31.

SILVA, Kalina Wanderley. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. Editora Contexto. Ano 2005. p. 267.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

## ANEXO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### Dados de identificação

Título da dissertação: **A constituição de identidades dos estudantes do curso de letras-espanhol por meio da literatura de resistência e feminista**

Pesquisador Responsável: Lorena Lopes de Freitas

Nome do participante:

Data de nascimento:

R.G.:

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, da pesquisa para a dissertação de mestrado intitulada “**A constituição de identidades dos estudantes do curso de letras-espanhol por meio da literatura de resistência e feminista**”, de responsabilidade da pesquisadora Lorena Lopes de Freitas. Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

#### **Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:**

1. O trabalho tem por objetivo coletar informações para desenvolver uma pesquisa sobre constituição de identidades dos estudantes do curso de Letras-Espanhol, do Campus Universitário de Abaetetuba, buscando analisar os elementos culturais que auxiliam na constituição identitária desses discentes.
2. A participação nesta pesquisa consistirá em fornecer informações sobre o curso e a formação ao longo dos quatro anos. Tudo isto acontecerá em um tempo de sete meses, por meio de etnografia pós-moderna, em que o pesquisador tomará nota de informações relevantes e registrará imagem dos discentes das turmas selecionadas.
3. Ao participar desse trabalho estarei contribuindo para o desenvolvimento de uma pesquisa que poderá auxiliar na formação de outros discentes do curso de Letras-Espanhol, assim como no trabalho realizado pelos docentes do curso, e outros que poderão ministrar aula futuramente.
4. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.
5. Meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.
6. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.

Declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Abaetetuba, \_\_\_\_\_ de maio de 2018.

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

